

NILTON TADEU DE QUEIROZ ALONSO

***DO AROUCHE AOS JARDINS:
UMA GÍRIA DA DIVERSIDADE SEXUAL.***

Pontifícia Universidade Católica

São Paulo – 2005

NILTON TADEU DE QUEIROZ ALONSO

***DO AROUCHE AOS JARDINS:
UMA GÍRIA DA DIVERSIDADE SEXUAL.***

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Língua Portuguesa, sob a orientação do Professor, Doutor Dino Fioravante Preti.

Pontifícia Universidade Católica

São Paulo - 2005

Banca Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____ Local e Data: _____

À

Lúcia Ferreira

Eu agradeço aos meus pais e aos amigos que, com palavras, gestos ou olhares, acompanharam este percurso e me animaram a persistir.

Eu agradeço a todos os meus professores que, ao longo da jornada educacional, informaram-me e, em alguma medida, formaram-me.

Eu agradeço à Professora Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos e ao Professor Jarbas Vargas Nascimento, coordenadora e vice-coordenador do Programa de Língua Portuguesa, em junho de 2003, pela acolhida e pelos prontos esclarecimentos.

Eu agradeço à Senhora Maria de Lourdes Scagliome Brito, secretária do Programa de Língua Portuguesa, pela solicitude e pela gentileza durante todo o curso.

Eu agradeço ao corpo docente do Programa de Língua Portuguesa, em especial aos professores com os quais pude conviver, pelos conhecimentos transmitidos e pela experiência partilhada: Jeni da Silva Turazza, Maria Thereza Queiroz Guimarães Strôngoli, João Hilton Sayeg de Siqueira e Luiz Antonio Ferreira.

Eu agradeço à Professora Vera Lúcia Meira Magalhães, da Universidade de Mogi das Cruzes, pelas justas e relevantes observações, bem como pelas gentis contribuições.

Eu agradeço à Professora Ana Rosa Ferreira Dias, pelo convívio acadêmico, pelo incentivo durante os estudos e pelas delicadas e pertinentes críticas e sugestões.

Eu agradeço ao Professor Dino Fioravante Preti, pelo exemplo de docência, de orientação e de generosidade, o maior incentivador durante os estudos e o mais crítico nos resultados, a quem sou grato, como um amigo, pelo convívio, pelos diálogos e pelas inesquecíveis ponderações pessoais.

RESUMO

A presente dissertação possui como objetivos o levantamento e a análise da gíria usada pelos falantes da diversidade sexual que freqüentam a noite paulistana e que se concentram nas regiões dos Jardins e do Centro.

Justifica-se o estudo pela crescente evidência que o segmento da diversidade sexual vem conquistando na sociedade paulistana, como podem corroborar as próprias Paradas do Orgulho GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), por exemplo, a de maio de 2005, que reuniu mais de um milhão e oitocentas mil pessoas, segundo dados da Polícia Militar, e também pela ausência de um registro lingüístico do vocabulário gírio nos limites temporais e geográficos descritos.

A partir de visitas regulares feitas a tais regiões, sem a distribuição de questionários, visando à preservação da espontaneidade dos falantes, e embasado, principalmente, na teoria da Sociolingüística, observados os usos, procedeu-se ao registro do glossário, bem como a uma análise relacionada à formação do significado por campos lexicais e, com tais referências, a algumas reflexões sobre a formação de tais sentidos, para, posteriormente, analisar-se a formação do significante.

Ante todo o observado, registrado e analisado, pôde-se concluir que há um grupo de falantes, os quais compõem o segmento da diversidade sexual, que, efetiva e regularmente, emprega a gíria como *signo de grupo*, como forma lingüística criptológica, defensiva e excludente, caracterizada, muitas vezes, pelo sarcasmo, pela ironia e pela irreverência.

O mesmo grupo de falantes utiliza a gíria como um dos modos de se mostrar e de afirmar a identidade própria de seus membros, assim como para evidenciar determinados comportamentos particulares do grupo, e, simultaneamente, ao buscar se defender de eventuais agressões e discriminações, impor-se a uma sociedade majoritária, para que possa viver em condições igualitárias e pacíficas de cidadania.

ABSTRACT

This dissertation aims to identify & analyse the street language used by the people from sexual minority who concentrate in Jardins, and Central Sao Paulo, both in Sao Paulo city.

This study is required due to the evident growth of the sexual diversity present in Sao Paulo. This can be verified by the occurrences of the Gay Pride Parade GLBT (Gays, Lesbians, Bisexuals and Transgenders) which took place in May 2005 and gathered more than 1.8 million people, according to the local police (Policia Militar). This can also be verified by the absence of a linguistic register of the street vocabulary within the timely and geographical limits described above.

The register of the language uses was based on regular visits to the region, and without the use of a proper structured questionnaire with the aim of preserving the spontaneity of the speakers, and based mainly by the sociolinguistic theory, observing its correct uses. The analysis related with the formation of the meaning through lexical fields, and with both these references, some reflections about the formation of such meanings as to analyse the formation of the signifier.

Before all observed, registered and analysed, it can be concluded that there is a group of speakers, which form the sexual diversity, who effectively and regularly make use of street language (slangs) as the identification of the group, as cryptic linguistic, defensive and with the aim to exclude those who are not part of the group, characterised many times by sarcasm, irony and irreverence.

The same group of speakers use slang as a way to show and reaffirm the identity of its members, as well as to evidence determined peculiar behaviours of such group. At the same time, try to defend itself from eventual aggressions and discrimination and impose itself to the wider stronger society, so that they can live in equal conditions of peaceful citizenship.

SUMÁRIO

Considerações iniciais	13
1. Notícia sobre o material pesquisado	15
1.1. A diversidade sexual na noite paulistana	15
1.2. Um levantamento inicial: duas fontes de segunda mão	25
1.3. Um glossário final: um <i>corpus</i> de primeira mão	26
2. A diversidade sexual num enfoque sócio-cultural	33
2.1. Sexualidade, sociedade e cultura	33
2.2. Homossexualidade, sociedade e cultura	36
2.3. Uma definição das orientações sexuais em análise	43
2.3.1. Heterossexual	43
2.3.2. Homossexual	43
2.3.3. Bissexual	44
2.3.4. Travesti	44
2.3.5. Transexual	45
2.4. Uma linguagem da diversidade sexual: a gíria	46
3. Gíria: um enfoque teórico	48
3.1. Gíria: uma caracterização condicional	54
3.2. Gíria e jargão: uma questão de prestígio sociolinguístico	60
4. Análise do <i>corpus</i> : um enfoque léxico-semântico	65
4.1. Léxico e Semântica: breves considerações sobre significação	65
4.2. Análise do <i>corpus</i> quanto ao significado	74
4.2.1. Campo lexical para o heterossexual masculino	76
4.2.2. Campo lexical para a heterossexual feminina	77
4.2.3. Campo lexical para o homossexual masculino	79
4.2.3.1. Quanto ao papel na relação sexual	80
4.2.3.2. Quanto ao nível sócio-econômico	82
4.2.3.3. Quanto ao vestuário e à etiqueta social	83

4.2.3.4. Quanto aos estados físico-psicológicos	87
4.2.3.5. Quanto à divulgação da orientação sexual	89
4.2.3.6. Quanto à faixa etária	92
4.2.3.7. Quanto às formas de chamamento	94
4.2.4. Campo lexical para a homossexual feminina	96
4.2.5. Campo lexical para o travesti	99
4.2.5.1. Quanto aos apetrechos	100
4.2.5.2. Quanto aos movimentos	101
4.2.6. Campo lexical para o órgão sexual masculino	102
4.2.7. Campo lexical para o órgão sexual feminino	104
4.2.8. Campo lexical para relações sexuais	105
4.2.8.1. Gírias para o ato sexual	105
4.2.8.2. Gírias para sexo oral	107
4.2.8.3. Gírias para sexo anal	108
4.2.9. Campo lexical de doenças sexualmente transmissíveis	109
4.2.10. Campo lexical para a interação (afetiva e/ou sexual)	111
4.2.11. Campo lexical para a prostituição	114
4.2.12. Campo lexical para dinheiro	115
4.2.13. Campo lexical para pontos de contato	116
4.2.14. Campo lexical para drogas	117
4.2.15. Campo lexical para polícia	120
4.2.16. Campo lexical para censura social	121
4.2.17. Glossário da diversidade e significado: considerações	123
4.3. Análise do <i>corpus</i> quanto ao significante	130
4.3.1. Análise da formação do significante por composição	131
4.3.1.1. Composição do significante por estrutura repetida	131
4.3.1.2. Composição do significante por onomatopéias	132
4.3.1.3. Composição do significante por redução de expressões	132
4.3.2. Análise dos empréstimos para a formação do significante	133
4.3.2.1. Empréstimos de línguas estrangeiras	135
4.3.2.2. Empréstimos de vocabulários técnico-científicos	138
4.3.3. Análise da deformação para a formação do significante	140
4.3.3.1. Deformação do significante por sufixos ou alongamentos tipicamente gírios	140

4.3.3.2. Deformação do significante por alterações diversas de radical	142
4.3.3.3. Deformação do significante por apócope	143
4.3.4. Análise da formação do significante por alteração de classes gramaticais	143
4.3.5. Glossário da diversidade e significante: considerações	144
Considerações finais	146
Referências bibliográficas	150
Anexo	157
Glossário	158

LISTA DE MAPAS E QUADROS

Mapas

Mapa 1 – Paulista – Jardins.	17
Mapa 2 – Itaim – Moema.	19
Mapa 3 – Pinheiros – Vila Madalena.	20
Mapa 4 – Centro.	21
Mapa 5 – Barra Funda.	23
Mapa 6 – Centro – Paulista.	30
Mapa 7 – O percurso da Parada.	31

Quadros

Quadro 1 - Quadro geral de visitas.	27
Quadro 2 – Quadro das visitas à região do Centro.	28
Quadro 3 – Quadro das visitas à região dos Jardins.	28
Quadro 4 – Quadro de horas por região.	29

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Eu gostaria que meu filho aprendesse a falar bem tanto nas tavernas quanto na escola.

Montaigne (apud Casciàni, 1948:20)

A presente dissertação possui como tema a gíria usada pelos falantes da diversidade sexual que freqüentam a noite paulistana e que se concentram nas regiões dos Jardins e do Centro.

Justifica-se o estudo ora proposto pela crescente evidência que o segmento da diversidade sexual vem conquistando na sociedade paulistana, como podem corroborar as próprias Paradas do Orgulho GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), por exemplo, a de maio de 2005, que reuniu mais de um milhão e oitocentas mil pessoas, segundo dados oficiais da Polícia Militar.

Ademais, enquanto outras ciências, como a Psicologia, a Psiquiatria e a Antropologia já tentaram explanar e ainda debatem sobre as diversas orientações sexuais e os vários comportamentos e perfis sexuais presentes numa determinada localidade ou num determinado país, há uma ausência de um registro lingüístico do vocabulário gírio utilizado pelo eclético público que freqüenta a noite paulistana, nas regiões específicas do Centro e dos Jardins.

O presente estudo objetivou, assim, um levantamento da gíria falada pelas pessoas que compõem a diversidade sexual, nos limites temporais e geográficos descritos, a partir de visitas regulares feitas a tais regiões, sem a distribuição de questionários, visando à preservação da espontaneidade dos falantes.

Embasado principalmente na teoria da Sociolingüística, o exame do vocabulário gírio da diversidade sexual procurou responder aos seguintes questionamentos:

a) Há, no conjunto da diversidade sexual, algum segmento com maior visibilidade ou com maior interação com a sociedade heterossexual?;

b) Existindo maior exposição pública dos homossexuais masculinos, quais os reflexos lingüísticos da interação destes com os demais grupos que compõem a diversidade sexual? E com a majoritária sociedade heterossexual?;

c) Há reflexos lingüísticos do preconceito comportamental dentro da própria comunidade minoritária? Se sim, quais?;

d) Pode o *signo de grupo* pertencer, ao mesmo tempo, a uma linguagem comum e a uma linguagem criptológica?; e

e) Podem ser apontadas eventuais diferenças vocabulares resultantes da comparação entre a gíria dos frequentadores do Centro e a dos Jardins?

Realizadas as pesquisas de campo, observados os usos, procedeu-se ao registro do glossário.

Uma vez constituído o *corpus*, como apontado no primeiro capítulo, este só poderia ser analisado após a apresentação de um contexto sócio-cultural, conteúdo do segundo capítulo, que buscasse retratar as relações entre sexualidade, sociedade e cultura, que oferecesse uma definição científica das várias orientações sexuais as quais interagem nas regiões já mencionadas e que introduzisse a questão da gíria como um reflexo lingüístico de um grupo social discriminado, marginalizado em razão de seu comportamento, tido como moralmente inaceitável, inadequado ou intolerável.

Havendo uma contextualização, impôs-se um terceiro capítulo, o teórico, o qual fundamentaria a análise proposta. Neste, tencionou-se definir e caracterizar a gíria como *signo de grupo*, bem como destacar a sua expressividade, principalmente, pelo uso recorrente da metáfora. A seguir, buscou-se diferenciá-la do jargão, a fim de deixar bem marcado que há até um preconceito lingüístico em relação à gíria, como forma de expressão de grupos minoritários e marginalizados.

Com tais subsídios, o quarto capítulo foi dedicado à análise do *corpus* propriamente dita, a qual foi precedida por considerações sobre Lexicologia e Semântica, para que fosse esclarecida a metodologia de estudo do significado por campos lexicais (cf. Vilela, 1979:60) e, com base nesses, algumas reflexões sobre tais sentidos, para, posteriormente, analisar-se o significante.

1. NOTÍCIA SOBRE O MATERIAL PESQUISADO

Os olhos vêem apenas o que a mente está preparada para compreender.

Henri L. Bergson

Uma vez que a proposta de estudo seja o vocabulário gírio da diversidade sexual, embasado na teoria sociolingüística, é preciso, preliminarmente, apresentar os procedimentos metodológicos que permitiram a constituição do presente *corpus*, para posterior análise.

Até a consolidação do glossário que se propõe analisar, foram percorridas três etapas, quais sejam: delimitação do objeto de estudo, restringindo-se à interação dos homossexuais masculinos com os demais segmentos da diversidade; levantamento de alguns dicionários de gírias ou de glossários que tratassem da diversidade sexual e coleta direta dos vocábulos gírios atualmente empregados.

O termo *atual* deve ser entendido como as gírias faladas de fevereiro a agosto de 2004, cujo registro foi diretamente observado na cidade de São Paulo, seja no Largo do Arouche ou nos Jardins.

1.1. A diversidade sexual na noite paulistana

Ainda que o objeto de análise seja, primordialmente, o vocabulário gírio dos homossexuais masculinos, o material coletado reflete a diversidade sexual presente no “mundinho” da noite paulistana, no qual convivem, via de regra, de modo pacífico, todas as orientações sexuais abrangidas pela sigla GLBTS [Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros (travestis e transexuais) e Simpatizantes (heterossexuais)].

Desde logo, é preciso justificar a escolha preponderante pelo segmento dos homossexuais masculinos por ser o grupo, ainda que também minoritário, com maior evidência na sociedade instituída, majoritariamente heterossexual.

Três fatos ratificam a visibilidade que a homossexualidade vem conquistando: primeiro, a Parada do Orgulho GLBT que, em 13 de junho de 2004, reuniu pelo menos um milhão e meio de pessoas, conforme dados oficiais da Polícia Militar; segundo, a repercussão em torno do Projeto de Parceria Civil, que versa sobre a união entre pessoas do mesmo sexo, em tramitação no Congresso Nacional e terceiro, o direcionamento específico que algumas empresas têm dado às suas atividades ou ao desenvolvimento de produtos e/ou de serviços

para as pessoas que compõem a diversidade sexual, reconhecendo e explorando o potencial econômico e consumidor desse segmento.

Além do já alegado, também determinou a escolha o fato de que as homossexuais femininas são mais resistentes à exposição, à participação voluntária. Mesmo nos locais em que havia predomínio desse público, poucas gírias foram registradas. Quando se conseguia estabelecer um diálogo e se explicava o estudo, a fala coloquial e informal perdia a pouca espontaneidade que até então se tencionava manter.

Os transgêneros, por sua vez, embora extremamente marginalizados, representariam uma pequena parcela da diversidade sexual. Ademais, enquadram-se nesta classificação os travestis e os transexuais. Os primeiros, geralmente, estabelecem guetos, associam-se a atividades ilícitas e tendem a ser gerenciados por pessoas violentas. Os segundos, uma vez operados, tendem a sair do “mundinho” e a assumir o estilo de vida heterossexual.

Registre-se, ainda, que há dois pólos centralizadores, produtores e, simultaneamente, difusores da gíria da diversidade sexual e, por conseqüência, dos homossexuais masculinos situados na cidade de São Paulo, a saber: a região do Centro ou do Largo do Arouche (abrangendo Barra Funda, Santa Cecília e Santa Ifigênia, concentrando-se na Praça da República e nas adjacências da Avenida Vieira de Carvalho) e a região dos Jardins (abrangendo Vila Madalena, Pinheiros, Moema, Itaim, Vila Olímpia, concentrando-se nas Ruas Hadock Lobo, Augusta e Frei Caneca, e no “quadrilátero gay”: do Parque Trianon até a Rua da Consolação; da Avenida Paulista até a Rua Estados Unidos).

Interligando os dois pólos está a Avenida Consolação, a qual, seja em ruas paralelas ou em transversais, também concentra prostitutas, garotos de programa, travestis e usuários de drogas.

Na região dos Jardins (vide Mapas 1, 2 e 3), os garotos de programa possuem uma atuação mais discreta, chegando até mesmo a serem confundidos com clientes do local, seja danceteria ou bar, café. Já no Centro (vide Mapas 4 e 5), a prostituição é explícita, passando pela Praça da República, mas se concentrando nas Ruas do Arouche e Marquês de Itu.

Dessa forma, principalmente no Centro, o público homossexual masculino entra em contato com tais profissionais e chega a criar alguns vocábulos para qualificá-los, como **michê** para o homem que se prostitui nas ruas.

Mapa 1

PAULISTA – JARDINS

CAFÉS/BARES/RESTAURANTES:

- 1. Bar da Odete**
Alameda Itu, 1493
Tel: (11) 5585.2017
- 2. Bar Du Bocage**
Rua da Consolação, 2864
Tel: (11) 3088.9152
- 3. Director's Gourmet**
Alameda Franca, 1552
Tel: (11) 3064.7958
- 4. DJ Club Bar Teatro**
Alameda Franca, 241
Tel: (11) 289.0090
- 5. Feitiço's**
Alameda Itu, 1542
Tel: (11) 3082.2813
- 6. Fran's Café**
Rua Haddock Lobo, 586
Tel: (11) 3083.1019
- 7. Hertz**
Alameda Itu, 1530
Tel: (11) 3064.2088
- 8. L'Open Restaurante**
Alameda Itu, 1466
Tel: (11) 3060.9013
- 9. Na Mesa**
Rua da Consolação, 2967
Tel: (11) 3088.7498
- 10. Pride**
Alameda Itu, 1576
Tel: (11) 3085.1213
- 11. Terra Madre Café**
Alameda Franca, 1100
Tel: (11) 3081.6944
www.terramadre.com.br
- 12. Tordesilhas**
Rua Bela Cintra, 465
Tel: (11) 3107.7444
- 13. Velvet**
Alameda Lorena, 2155
Tel: (11) 3083.0340
- 14. Wings**
Rua da Consolação, 2376
Tel: (11) 3151-5002

CLUBES FECHADOS:

- 15. Dungeon**
Alameda Franca, 1368
Tel: (11) 3061.1759
- DANCETERIAS:**- 16. A Lôca**
Rua Frei Caneca, 916
Tel: (11) 3120.2055
- 17. Box**
Alameda Itu, 1548
Tel: (11) 3082.3161
- 18. Nostro 2000**
Rua da Consolação, 2554
Tel: (11) 259.2945
- 19. Puerto Livre**
Rua da Consolação, 2414
Tel: (11) 3255.9698
- 20. SoGo**
Alameda Franca, 1368
Tel: (11) 3061.1759
- 21. Space 2001**
Rua da Consolação, 2001
Tel: (11) 3258.5631
- 22. Tunnel**
Rua dos Ingleses, 355
Tel: (11) 3285.0246
- 23. Ultralounge**
Rua da Consolação, 3031
Tel: (11) 3875.0189

HOTÉIS

- 24. Landmark Residence**
Alameda Jaú, 1607
Tel: (11) 3082.8677
- 25. Poeta Drummond Flat Service**
Rua da Consolação, 2504
Tel: (11) 3068.5700
- LOJAS**- 26. Bicho da Caneca Pet Center**
Rua Frei Caneca, 703
Tel: (11) 3258.6713
- 27. R&R Amigos**
Rua Sena Madureira, 755
Tel: (11) 5571.1614
- SAUNAS**- 28. Clube Termas 458**
Rua Guaporé, 458
Tel: (11) 3311.7949
- 29. Labirintu's**
Rua Frei Caneca, 135
Tel: (11) 3259.4938
- 30. Termas For Friends**
Rua Morgado de Mateus, 365
Tel: (11) 5579.1887
- 31. Thermas Aquariunn's**
Rua Armando Ferrentine, 159
Tel: (11) 3257.1215
- 32. Thermas Bon Vivant**
Rua Correia Dias, 171
Tel: (11) 5549.6726
www.thermasbonvivant.com.br
- 33. Thermas Lagoa**
Rua Borges Lagoa, 287
Tel: (11) 5573.9689



Mapa 2

ITAIM

BAR/CAFÉ/RESTAURANTE

1. Bardagra

Rua Adolfo Tabacow, 173
Tel: (11) 3078.8284
www.bardagra.com.br

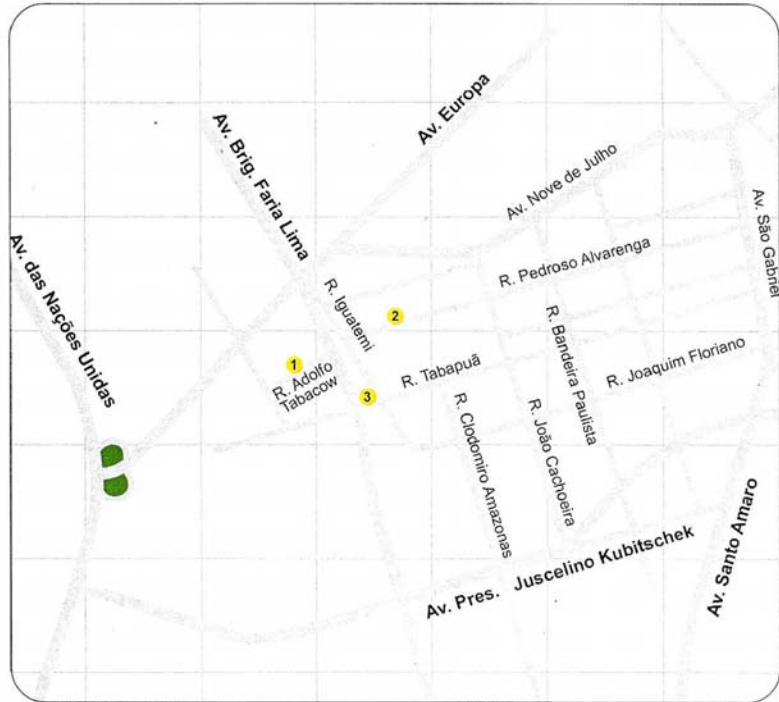
2. Vermont Itaim

Rua Pedroso Alvarenga, 1192
Tel: (11) 3079.3621
www.vermontitaim.com.br

DANCETERIAS

3. Z Club

Rua Tabapuã, 1420
Tel: (11) 3071.0030

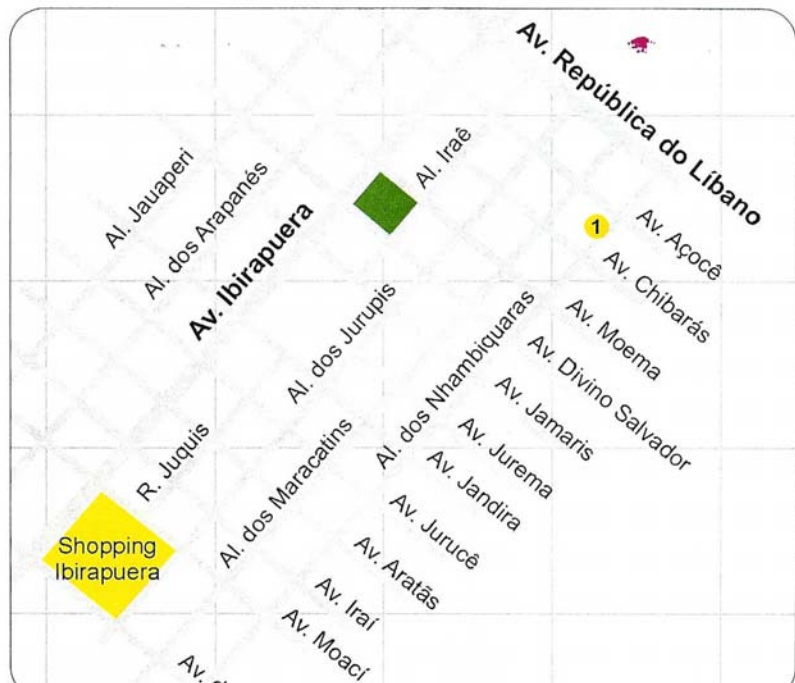


MOEMA

BAR/CAFÉ/RESTAURANTE

1. Calamus Bar

Alameda dos Nhambiquaras, 492
Tel: (11) 5051.7626
www.calamusbar.com.br



Mapa 3

PINHEIROS – VILA MADALENA

CAFÉS/BARES/RESTAURANTES

1. Bop Bistrô Eletrônico
Rua Inácio Pereira da Rocha, 170
Tel: (11) 3813.0513
www.bop.com.br

2. Consulado Mineiro
Praça Benedito Calixto, 74
Tel: (11) 3064.3882
www.consuladomineiro.com.br

3. Farol Madalena
Rua Jericó, 179
Tel: (11) 3032.6470
www.farolmadalena.com.br

CLUBES FECHADOS

4. Station Video Bar
Rua dos Pinheiros, 352
Tel: (11) 3898.1293
www.stationvideobar.com.br

5. The House Cruising Bar
Rua Francisco Leitão, 150
Tel: (11) 3061.0824
www.thehousebar.com.br

DANCETERIAS

6. Boobu
Rua dos Pinheiros, 783
Tel: (11) 3266.3110

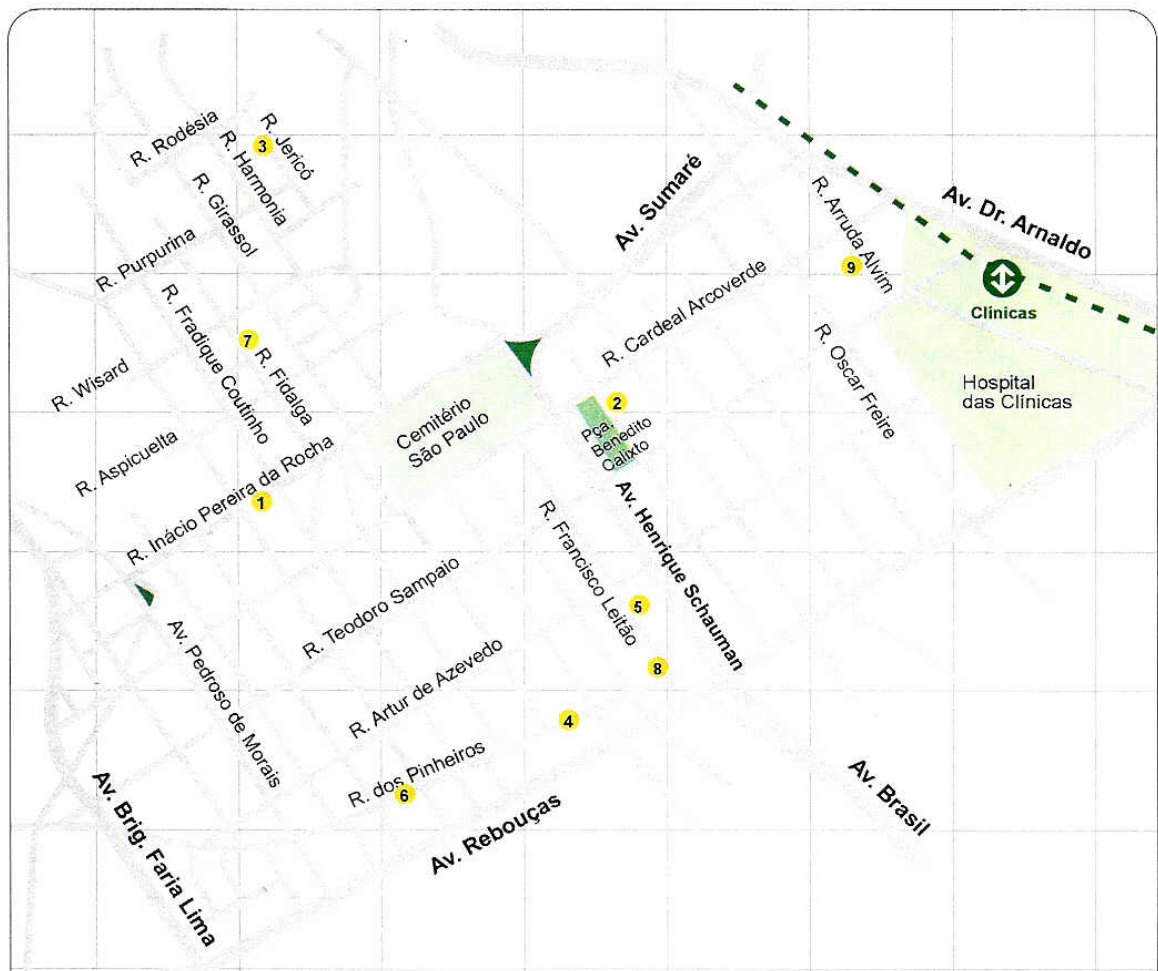
LOJAS

7. Troço Sem Traça
Rua Fidalga, 417
Tel: (11) 3812.1367

SAUNAS

8. Termas Fragata
Rua Francisco Leitão, 71
Tel: (11) 3085.7061
www.termasfragata.com.br

9. Termas Le Rouge 80
Rua Arruda Alvim, 175
Tel: (11) 3062.3043



Mapa 4

CENTRO

CINEMAS

1. Cine Cairo
Rua Formosa, 401
Tel: (11) 221.3080

2. Cine Las Vegas
Av. São João, 335
Tel: (11) 223.8786

3. Cine Arouche
Largo do Arouche, 426
Tel: (11) 221.7678

5. Cine Shopping Roma
Av. São João, 577
Tel: (11) 222.3558

6. Ponto Zen Cine
Av. São João, 1119
Tel: (11) 3337.2373

CAFÉS/BARES/RESTAURANTES

7. Café Vermont
Av. Vieira de Carvalho, 10
Tel: (11) 222.5848

8. Caneca de Prata
Av. Vieira de Carvalho, 55
Tel: (11) 223.6420

9. Chopp Escuro
Rua Marquês de Itu, 252
Tel: (11) 221.0872

10. Habeas Copus
Av. Vieira de Carvalho, 94
Tel: (11) 222.7080

11. Lord Byron
Av. Vieira de Carvalho, 64
Tel: (11) 220.0368

12. MCQB Disco Bar
Rua Aurora, 756
Tel: (11) 3225.0134

13. Queen
Rua Vitória, 826
Tel: (11) 3333.7834

14. Trash 80's - Caravaggio
Rua Álvaro de Carvalho, 40
Tel: (11) 3259.6586

15. Vermont Bear
Av. Vieira de Carvalho, 63
Tel: (11) 3337.2782

SAUNAS

16. Balneário Amazonas
Rua do Gasômetro, 641
(ver mapa anexo)
Tel: (11) 229.0047

17. Champion Club
Largo do Arouche, 336
Tel: (11) 3338.0867

18. Termas Holiday
Rua Martins Fontes, 295
Tel: (11) 231.2695

19. Termas Xingu
Rua Martinho Prado, 119
Tel: (11) 3231.2524

20. Thermas Saci
Av. São João, 285
Tel: (11) 3331.7731

21. Wild Thermas Club
Rua Dr. Veiga Filho, 802
Tel: (11) 3666.4908

DANCETERIAS

22. ABC Bailão
Rua Marquês de Itu, 182
Tel: (11) 3361.7964

23. Blue Space
Rua Brigadeiro Galvão, 723
Tel: (11) 3666.1616

24. Caverna do Dragão
Rua Vitória, 813

25. Dang Freitas, 470
Tel: (11) 3211.0371

28. Planet G
Rua Rêgo Freitas, 56
Tel: (11) 3333.1627

29. Querelle
Largo do Arouche, 301
Tel: (11) 221.1824

30. Suzi in Transe
Rua Vitória, 810
Tel: (11) 3337.1975

HOTÉIS/MOTÉIS

31. Grant's Hotel I
Rua da Consolação, 767
Tel: (11) 3259.5959

32. Hilton Hotel
Av. Ipiranga, 165
Tel: (11) 3156.4300

33. Luver Hotel
Rua Frei Caneca, 963
Tel: (11) 3287.7040

34. Real Castilha Hotel
Rua dos Timbiras, 472
Tel: (11) 3331.9455

LOJAS

35. Arco-Íris - Shopping
Victor ou Victória
Rua Rêgo Freitas, 52 - Box 19
Tel: (11) 3337.2395

36. Perucas Estoril
Rua Quintino Bocaiúva, 291 - 9º andar
Tel: (11) 3105.8285

37. Ponto G
Rua Amaral Gurgel, 154
Tel: (11) 221.5645

38. Rei dos Cabelos
Rua Riachuelo, 44 - 1º andar
Tel: (11) 3106.9082

39. Shopping Victor ou Victoria
Rua Rêgo Freitas, 52
Tel: (11) 3337.2395

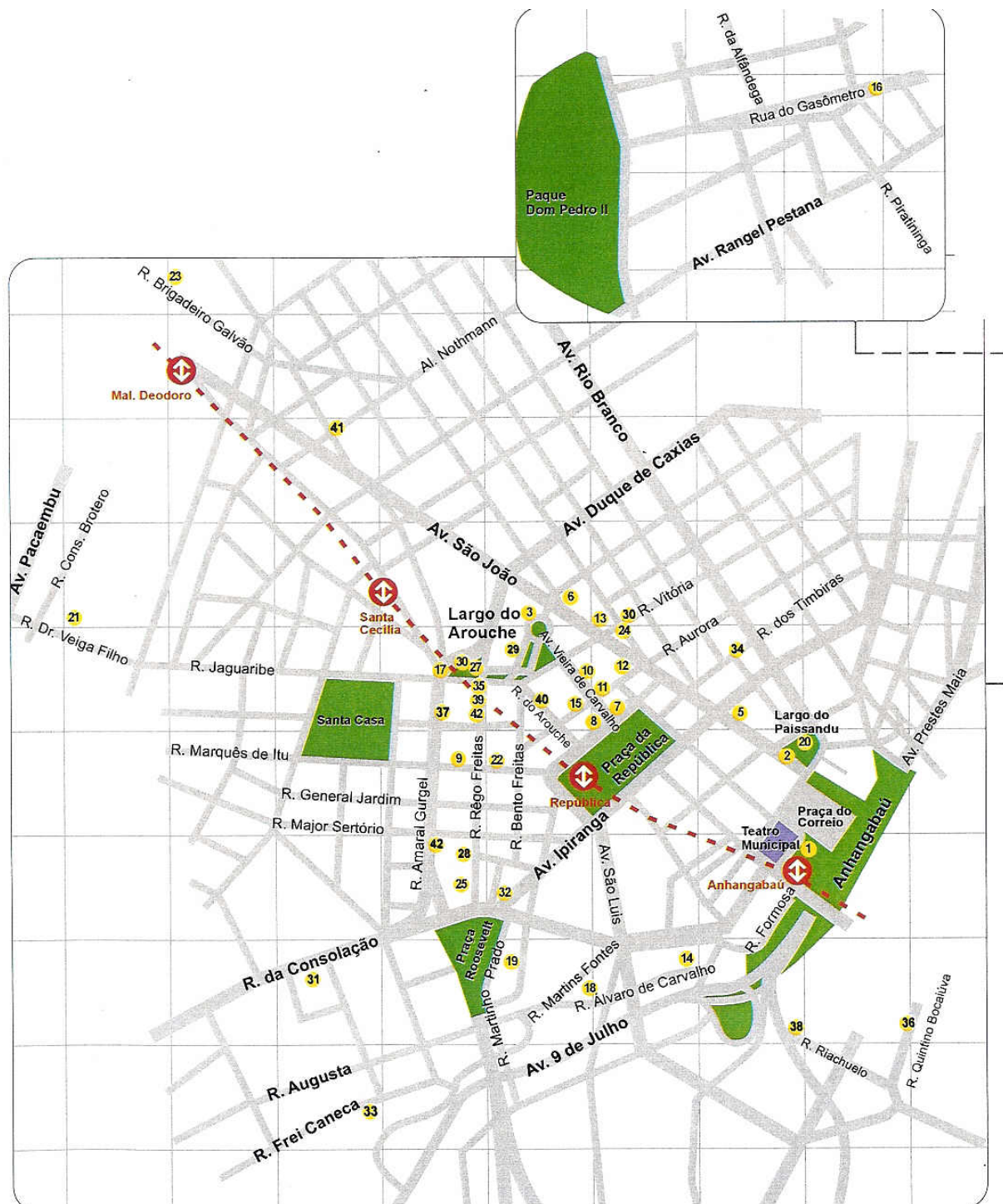
SERVIÇO

40. Consultório Dentário
Rua do Arouche, 157 - Sala 2
Tel: (11) 3331.9932

CLUBES FECHADOS

41. Boy's Club
Al. Nothmann, 1218/1220
Tel: (11) 3825.0932

42. Blackout Club
Rua Amaral Gurgel, 253
Tel: (11) 3333.3840



Mapa 5

BARRA FUNDA

DANCETERIAS

1. D-Edge

Alameda Olga, 170
Tel: (11) 3667.8334

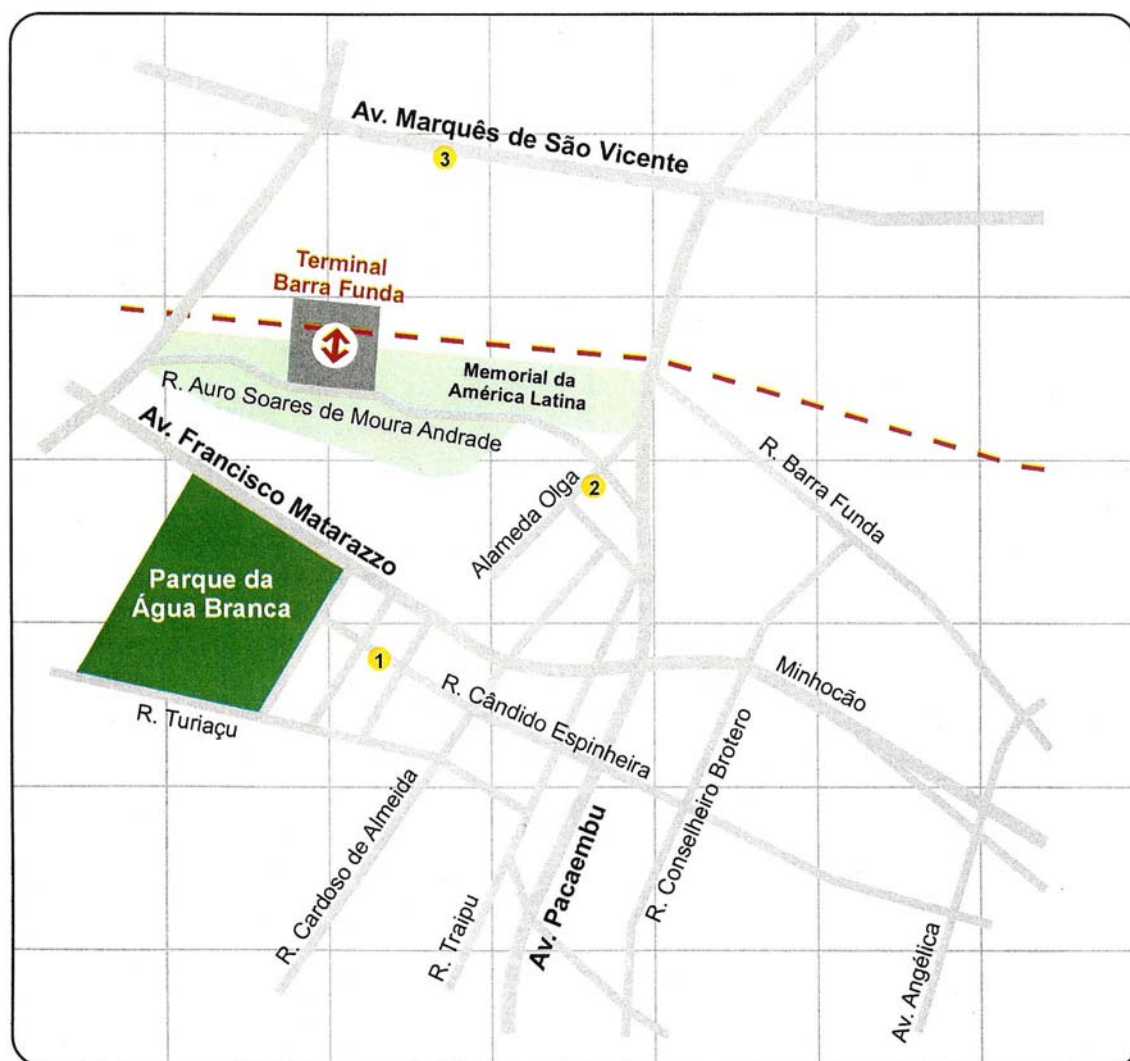
2. Level Club

Av. Marques de São Vicente, 319
Tel: (11) 3392.4151
www.levelclub.com.br

SAUNAS

3. Termas Oásis

Rua Dr. Cândido Espinheira, 758
Tel: (11) 3873.2254



Se quisermos aprofundar a questão nominativa, a denominação **garoto de programa** é mais utilizada em ambientes fechados (saunas, cinemas), ou por agências de relacionamento, enquanto **michê** é usada especificamente para a prostituição pública, nas ruas ou em praças. Há alguns locais que não permitem a entrada de garotos de programa e, quando identificados, são “convidados” a se retirarem. O mesmo acontece com travestis.

Dentro da diversidade sexual presente na noite paulistana, o segmento mais discriminado é o dos travestis, os quais, em sua maioria, se prostituem e, não raro, também praticam o tráfico de drogas.

A presença de travestis no Centro concentra-se nas Ruas Major Sertório, Rego Freitas (até a Marquês de Itu; após esta, é ocupada por michês), General Jardim e adjacências deste quadrilátero com a Avenida Amaral Gurgel.

Além de associados à prostituição e ao tráfico de drogas, os travestis também são associados à violência, à prática de furtos e roubos e ao fato de serem as vítimas mais freqüentes nos crimes de agressão física e nos delitos passionais, em virtude da discriminação.

Até por constituírem o segmento mais discriminado, os travestis possuem o vocabulário gírio mais hermético, mais defensivo e mais agressivo do que os demais grupos que participam da diversidade sexual, com muitos africanismos.

Geralmente, como atividade paralela à prostituição, os travestis apresentam-se em casas noturnas, do Centro ou dos Jardins, com números musicais ou humorísticos.

Durante a apresentação desses números, várias gírias foram registradas e, em geral, provocaram o riso, como no caso da pergunta: **Você é feliz?** O riso da platéia foi obtido porque o público, predominantemente homossexual masculino, sabia que **feliz**, nessa situação, queria dizer *passivo*.

Dentro de casas noturnas e de bares foi possível manter contato com transformistas, **drag queens** e com travestis. Na maioria dos casos, rejeitavam estabelecer um diálogo diretamente, isto é, com abordagem direta, sem outros interlocutores. Por outro lado, quando um conhecido do transformista ou do travesti fazia a apresentação, o diálogo era estabelecido com facilidade e as gírias eram empregadas espontaneamente e algumas expressões eram elucidadas e/ou corroboradas como de uso atual.

O contato direto, nas ruas, com michês e com travestis não foi possível ou foi muito prejudicado, seja porque estavam em horário de trabalho e precisavam estar disponíveis para o próximo cliente, seja por questões de segurança.

Ainda no registro da diversidade sexual presente na noite paulistana nota-se também a presença da prostituição feminina nas áreas próximas da Praça do Correio, da Avenida São

João, da Rua Augusta e adjacências e da Rua Hadock Lobo (todas no sentido da Avenida Paulista para o Centro).

Como essas orientações sexuais passam pela Avenida Consolação, o contato entre elas é inevitável, freqüente e, na maioria das vezes, amistoso. Normalmente, mesmo quando não se conhecem, ao se reconhecerem pelo comportamento, homossexuais masculinos e prostitutas cumprimentam-se com as formas de chamamento **mona** ou **racha** (para a mulher) e **biba**, **bicha** ou **bofe** (para o homem).

Há, ainda, eventuais registros de gírias referentes às drogas e ao álcool, até mesmo porque alguns homossexuais também são usuários ou dependentes, como se pode verificar nos vocábulos **selma** e **taba**, que designam *maconha*. Além desse fato, a região do Centro também abrange Santa Ifigênia, conhecida como “cracolândia”.

Quanto às drogas, percebe-se, no Centro, a utilização mais freqüente de maconha e de cocaína. Nos Jardins, nota-se a cocaína, o *ecstasy* ou combinados químicos e a maconha.

Essas duas regiões da cidade, ainda que relativamente próximas, possuem públicos distintos, com algumas gírias próprias.

Somente para não deixar obscura tal assertiva, antecipa-se a informação para declarar que, nos Jardins, há o predomínio de anglicismos e, no Centro, de africanismos.

Uma das razões para a variação lingüística apontada pode estar no fato de que os perfis sócio-econômicos tendem a ser diferentes, mas este enfoque sociolingüístico mereceria um estudo à parte.

O objetivo deste trabalho, no entanto, não é só apontar diferenças, mas sim, levantar as similitudes e o vocabulário gírio que é utilizado pela diversidade e, principalmente, pelos homossexuais que freqüentam a noite paulistana.

1.2. Um levantamento inicial: duas fontes de segunda mão

Uma vez delimitado o objeto de estudo, qual seja, o vocabulário gírio resultante da interação entre as várias orientações sexuais que freqüentam as regiões do Centro e dos Jardins, com nítido predomínio do segmento homossexual masculino, efetuou-se um levantamento de obras pertinentes à temática.

Dois volumes foram selecionados: *Gírias de todas as tribos*, de Kárin Fusaro, e *Bichonário: um dicionário gay*, de Orocil Santos Junior.

Fusaro publicou *Gírias de todas as tribos* em 2001, em São Paulo. Dentre as várias rubricas, o interesse restringiu-se a duas: “Gays, lésbicas e simpatizantes” e “Travestis”, totalizando cento e sessenta e nove palavras.

Santos Junior publicou *Bichonário: um dicionário gay* em 1996, em Salvador, com mais de setecentas palavras, obra que revela uma forte influência de línguas africanas na formação da gíria soteropolitana.

Embora mais recente, o glossário de Fusaro não representava uma referência consistente, na medida em que não separava as rubricas, não apontava os contatos e não estabelecia diferenças entre o uso dos gays, das lésbicas e dos simpatizantes.

Ainda que oferecesse um glossário consistente, dada a sua extensão exemplificativa, Santos Junior também não diferenciava os usos, e apresentava um problema intransponível, qual seja, o regionalismo, uma vez que o local de pesquisa foi Salvador.

Se tais obras não puderam ser consideradas como dois *corpora*, então, serviram para quê?

Foram úteis para apontar o modo como tais vocábulos foram obtidos, isto é, pelo contato direto do pesquisador com os falantes da gíria que se quer registrar. Isso pode até parecer óbvio, mas, quando restrito aos locais freqüentados pelas pessoas que compõem a diversidade sexual, sejam vias públicas ou ambientes fechados, a regra ainda é a de não-exposição, de tal forma que gravadores e filmadoras não são bem-vindos.

Sendo assim, até para facilitar eventual processo de validação dessa pesquisa de campo, estipulou-se, ao freqüentar as regiões do Centro e dos Jardins, que os locais visitados poderiam ser conhecidos por qualquer adulto trajado, excluindo-se, pela necessária ou eventual nudez, as saunas e os cinemas com programação pornográfica (**cinemões**).

A etapa seguinte, portanto, consistiu na pesquisa de campo propriamente dita.

1.3. Um glossário final: um *corpus* de primeira mão

Para um levantamento do vocabulário gírio dos falantes que compõem a diversidade sexual, nas regiões apontadas, foram realizadas visitas, no período de 07 de maio de 2004 a 28 de agosto de 2004, normalmente às sextas-feiras, aos sábados e aos domingos, dias de maior freqüência desse público, conforme o quadro 1.

Quadro Geral de Visitas (1)

Data	Dia da semana	Horário	Nº horas	Local	Região
7 maio	sexta-feira	das 22h à 1h30min	3,50	Queen	Centro
8 maio	sábado	das 0h30min às 3h30min	3,00	Trash 80's	Centro
14 maio	sexta-feira	das 20h às 23h30min	3,50	Hertz	Jardins
15 maio	sábado	das 22h à 1h	3,00	Director's Gourmet	Jardins
22 maio	sábado	das 23h30min às 3h	3,50	ABC Bailão	Centro
23 maio	domingo	das 19h às 20h30min	1,50	Frans Café - Haddock Lobo	Jardins
28 maio	sexta-feira	das 23h30min às 2h	2,50	Tunnel	Jardins
29 maio	sábado	das 21h à 1h	4,00	Hertz	Jardins
5 jun.	sábado	das 22h às 2h	4,00	Vermont - Itaim	Jardins
6 jun.	domingo	das 20h às 22h	2,00	Blue Space	Centro
10 jun.	quinta-feira	das 16h às 21h	5,00	Largo do Arouche	Centro
13 jun.	domingo	das 14h às 23h	9,00	Parada Oficial GLBT	Jardins / Centro
19 jun.	sábado	das 20h às 24h	4,00	Chopp Escuro/Lord Byron	Centro
2 jul.	sexta-feira	das 20h às 23h30min	3,50	L'Open	Jardins
10 jul.	sábado	das 22h à 1h	3,00	Pride	Jardins
24 jul.	sábado	das 23h30 às 3h	3,50	ABC Bailão	Centro
25 jul.	domingo	das 18h às 22h	4,00	Shopping Frei Caneca	Jardins
31 jul.	sábado	das 20h às 23h30min	3,50	Avenida Vieira de Carvalho	Centro
1 ago.	domingo	das 20h às 22h30min	2,50	Nostromondo 2000	Jardins
7 ago.	sábado	das 20h às 2h	6,00	Largo do Arouche	Centro
8 ago.	domingo	das 18h às 20h	2,00	Farol	Jardins
13 ago.	sexta-feira	das 20h às 22h	2,00	Bar Du Bocage	Jardins
14 ago.	sábado	das 23h30 às 3h30min	4,00	Queen / ABC Bailão	Centro
20 ago.	sexta-feira	das 20h às 21h	1,00	Frans Café - Haddock Lobo	Jardins
21 ago.	sábado	das 20h às 22h	2,00	Café Vermont	Centro
22 ago.	domingo	das 20h às 21h30min	1,50	Wings	Jardins
27 ago.	sexta-feira	das 20h às 23h	3,00	L'Open	Jardins
28 ago.	sábado	das 23h30min às 2h	2,50	ABC Bailão	Centro
Total Geral			92,50		

Para que se possa verificar a proporcionalidade da carga horária das visitas realizadas nas duas regiões, são apresentadas as seguintes planilhas (quadros 2, 3 e 4).

Quadro das visitas à região do Centro (2)

Data	Dia da semana	Horário	Nº horas	Local
7 maio	Sexta-feira	das 22h à 1h30min	3,50	Queen
8 maio	sábado	das 0h30min às 3h30min	3,00	Trash 80's
22 maio	sábado	das 23h30min às 3h	3,50	ABC Bailão
6 jun.	domingo	das 20h às 22h	2,00	Blue Space
10 jun.	quinta-feira	das 16h às 21h	5,00	Largo do Arouche
19 jun.	sábado	das 20h às 24h	4,00	Chopp Escuro/Lord Byron
24 jul.	sábado	das 23h30 às 3h	3,50	ABC Bailão
31 jul.	sábado	das 20h às 23h30min	3,50	Avenida Vieira de Carvalho
7 ago.	sábado	das 20h às 2h	6,00	Largo do Arouche
14 ago.	sábado	das 23h30 às 3h30min	4,00	Queen / ABC Bailão
21 ago.	sábado	das 20h às 22h	2,00	Café Vermont
28 ago.	sábado	das 23h30min às 2h	2,50	ABC Bailão
Total			42,50	

Quadro das visitas à região dos Jardins (3)

Data	Dia da semana	Horário	Nº horas	Local
14 maio	sexta-feira	das 20h às 23h30min	3,50	Hertz
15 maio	sábado	das 22h à 1h	3,00	Director's Gourmet
23 maio	domingo	das 19h às 20h30min	1,50	Frans Café - Haddock Lobo
28 maio	sexta-feira	das 23h30min às 2h	2,50	Tunnel
29 maio	sábado	das 21h à 1h	4,00	Hertz
5 jun.	sábado	das 22h às 2h	4,00	Vermont - Itaim
2 jul.	sexta-feira	das 20h às 23h30min	3,50	L'Open
10 jul.	sábado	das 22h à 1h	3,00	Pride
25 jul.	domingo	das 18h às 22h	4,00	Shopping Frei Caneca
1 ago.	domingo	das 20h às 22h30min	2,50	Nostromondo 2000
8 ago.	domingo	das 18h às 20h	2,00	Farol
13 ago.	sexta-feira	das 20h às 22h	2,00	Bar Du Bocage
20 ago.	sexta-feira	das 20h às 21h	1,00	Frans Café - Haddock Lobo
22 ago.	domingo	das 20h às 21h30min	1,50	Wings
27 ago.	sexta-feira	das 20h às 23h	3,00	L'Open
Total			41,00	

Quadro de horas por região (4)

Total Jardins	41,00
Total Centro	42,50
Parada Oficial GLBT	9,00
Total Geral	92,50

Durante as visitas, com o objetivo de não comprometer a espontaneidade dos falantes, não foram distribuídos questionários, mas os novos vocábulos ou expressões gírias que surgiram foram anotados, posteriormente.

Um período em particular foi muito profícuo: o que abrangeu o final de semana da Parada do Orgulho GLBT (vide Mapa 6). Com o início na quinta-feira, dia 10 de junho, data em que foi realizada a Feira Cultural no Largo do Arouche, seguiram-se as comemorações na sexta, uma delas no Centro Cultural São Paulo. No domingo, a realização da Parada (vide Mapa 7). Todos esses eventos foram consolidando os sentidos atribuídos às gírias já coletadas, enquanto outras eram registradas.

Mapa 6



ENDERECOS:

- ➊ **ESPAÇO DA CIDADANIA "ANDRÉ FRANCO MONTORO":** Pátio do Colégio, 184 – Centro
 - ➋ **TUSP:** Rua Maria Antônia, 294 – Consolação
 - ➌ **CENTRO CULTURAL SÃO PAULO:** Rua Vergueiro, 1000 – Paraíso
 - ➍ **FEIRA CULTURAL:** Largo do Arouche – Centro
 - ➎ **MASP:** Av. Paulista, 1.578 – Cerqueira César
- PARQUE HOPI HARI:** Rodovia dos Bandeirantes – Km 70 – Vinhedo – SP

Mapa 7



Como atestam os quadros, novas visitas, após a Parada, também foram realizadas, visando à ampliação exemplificativa da base do estudo ora proposto, tendo sido encerradas em 28 de agosto de 2004.

Procedeu-se, em continuidade, ao registro final dos vocábulos e respectivos significados criptológicos.

Seguindo esses procedimentos, chegou-se a um glossário composto por trezentas e quarenta e quatro expressões gírias, cuja análise é proposta no quarto capítulo, após a apresentação de uma contextualização sócio-cultural da diversidade sexual e de considerações teóricas sobre o fenômeno gírio.

2. A DIVERSIDADE SEXUAL NUM ENFOQUE SÓCIO-CULTURAL

Um precedente dá forma a um princípio.
Benjamin Disraeli

Uma vez constituído o *corpus*, notadamente caracterizado pelo eixo léxico-temático sexual, observou-se a necessidade do levantamento de dois aspectos relevantes ao desenvolvimento do estudo proposto, quais sejam: a manifestação da sexualidade numa sociedade organizada e seus reflexos culturais, bem como a definição das orientações sexuais em análise.

Com base nos dados a seguir apresentados, tenciona-se fundamentar e caracterizar a discriminação enfrentada pelas minorias sexuais, a qual estimularia a criação e a manutenção de grupos fechados e/ou de guetos e, dessa prática social, como reflexo lingüístico, uma linguagem criptológica e defensiva: a gíria.

2.1. Sexualidade, sociedade e cultura

Apesar do maior grau de permissividade presente nas sociedades ocidentais contemporâneas e, por conseqüência, também na sociedade brasileira, o que ainda se nota ao abordar uma temática sexual é, em geral, uma reação que oscila entre extremos: o silêncio ou a visibilidade. Permeando-os, podem ser encontrados os tabus morais, a tradição judaico-cristã, a psicologia, a pornografia, as doenças sexualmente transmissíveis, dentre outras razões.

Em linhas muito gerais, o que se pretende é colocar a questão do sexo como função natural do ser humano, assim como situar que a prática sexual deve ser nutrida pelo desejo, visando ao alcance do prazer, independentemente de qualquer valoração axiológica.

Ainda com esse direcionamento, busca-se refletir sobre como o ser humano lida com a sua sexualidade, um traço marcante na constituição da sua personalidade e da sua identidade; e como a sexualidade é um aspecto influente na sua atuação social e no alcance e exercício da sua plena cidadania.

Mas o que se pode entender como sexualidade? Uma resposta é dada por Pinto (1999:62):

[...] A sexualidade é, por excelência, função propiciadora do contato, seja ele intra ou interpessoal.

[...]

Quando me refiro à sexualidade, estou me referindo ao erotismo, à sedução, à sensualidade e ao ato sexual como um *continuum* na vida do ser humano. Sexualidade envolve os sentimentos de ser homem ou mulher, características como feminilidade e masculinidade, as atividades (geralmente prazerosas) ligadas ao corpo e aos genitais, tais como o próprio ato sexual e a masturbação, que propiciam um tipo especial e *específico* de contato inter e intrapessoal, cuja principal característica (mesmo que às vezes só na fantasia) é a busca do prazer com outra pessoa.

Ao conhecer a sua própria sexualidade, o indivíduo tende a exercê-la e a manifestá-la no meio social, o qual ratificará tal conduta, se estiver conforme os padrões éticos, morais, religiosos e políticos vigentes numa determinada época, ou tenderá a criar ou a implantar modos de repressão e de rejeição a um comportamento que não é esperado ou não é desejado pela maioria dos membros que compõem aquele núcleo social, seja local, regional, nacional ou internacional.

Depreende-se, desde logo, que há uma simultaneidade entre o processo de inserção social e de construção da identidade, processo este que se desenvolve em locais familiares, educacionais, recreativos, profissionais e religiosos, ao longo da existência.

Dentre tais espaços físicos, dois merecem destaque: o ambiente escolar e o ambiente artístico. A escola cumpre, ainda hodiernamente, o ritual de passagem do microcosmo familiar para o macrocosmo social, auxiliando o indivíduo no processo de convivência com o outro, de adaptação aos valores vigentes e aos papéis sociais e de transmissão cultural.

Neste percurso educacional que, via de regra, até a faculdade, dura pelo menos onze anos, o educando tem a oportunidade de conviver com as mais diversas orientações sexuais e com os mais diferentes comportamentos ante tais manifestações. É nesse espaço e nesse longo período de convivência com outros perfis que a Orientação Sexual pode ser de fundamental importância para minimizar qualquer tipo de discriminação entre as crianças e os adolescentes, para debater as práticas sexuais, as relações individuais e sociais estabelecidas entre o desejo e o prazer, assim como para aguçar a percepção estética dessas relações.

Ao enfatizar a importância da Orientação Sexual no processo educacional e, portanto, nos ensinos fundamental e médio, Pinto (1999:168) declara:

Tratar a sexualidade como um assunto nebuloso a ser evitado não é um exercício de educação, mas um método de dominação e de fechamento de horizontes, uma maneira de impedir o aluno de posicionar-se criticamente acerca da sua realidade pessoal e social.

Pinto (1999:130-1) institui o corpo como referência para o processo de percepção, de construção e de avaliação do prazer, da sexualidade e da identidade, ao afirmar:

O corpo é a base da identidade, é a partir dele que começa a noção de eu, e é por seu intermédio que esse processo continua pela vida afora. Percebemos o mundo pelo corpo, exploramos o mundo pelo corpo, nos damos conta de quem somos e do que queremos pelo contato com o corpo. Somente existimos corporalmente, e ainda assim na escola ele não tem vez.

O corpo é a base do prazer, todo prazer é corporal. Não há como sentir prazer se não existe um bom contato com o corpo. O prazer traz liberdade, criatividade, consciência, assertividade, excitação, sensações com certeza assustadoras numa escola. Porque alunos com prazer de estudar são alunos inquietos, questionadores, curiosos e atentos, exigentes quanto ao que recebem dos professores e da escola.

Numa relação interdependente e complementar, o ambiente artístico também tende a contribuir para dificultar ou para facilitar a aceitação e a convivência com a diversidade humana, de acordo com o seu grau de liberdade de expressão e os sistemas de valores vigentes. Mas, independente dessa gradação, a sexualidade também contribui para o estabelecimento do gosto estético de uma época.

Dessa forma, evidenciando a influência da Moral sobre o gosto estético e sobre a abordagem da sexualidade no campo das Artes, ao comentar sobre os valores na velha crítica Barthes (2003:196-7) afirma:

É aqui que o gosto é muito útil: servidor comum da moral e da estética, ele permite um torniquete cômodo entre o Belo e o Bem, confundidos discretamente sob a espécie de uma simples medida. Entretanto, essa medida tem todo o poder de fuga de uma miragem: quando se censura o crítico por falar com excesso de sexualidade, é preciso entender que falar de sexualidade é sempre excessivo: imaginar por um instante que os heróis clássicos possam ser providos (ou não) de um sexo é fazer “intervir em toda parte” uma sexualidade “obsessiva, desvairada, desenfreada, cínica”. Que a sexualidade possa ter um papel preciso (e não pânico) na configuração das personagens, é o que não se examina; que, além disso, esse papel possa variar segundo se siga Freud ou Adler, por exemplo, é o que não passa nem um instante pelo espírito do velho crítico: que sabe ele de Freud, senão o que leu na coleção *Que sais-je?*

O gosto é de fato uma proibição da palavra. Se a psicanálise é condenada, não é porque ela pensa, mas porque ela fala; [...].

Ainda sobre as inter-relações sócio-históricas entre sexualidade e censura moral, Strathern (2003:68), por sua vez, ao comentar os três volumes da *História da sexualidade*, de Paul-Michel Foucault, declara:

[...] A sexualidade é tão central em nossa evolução que proibições são encontradas nas mais primitivas sociedades. Até entre animais a prática sexual é acompanhada por algo notavelmente semelhante ao comportamento moral

embrionário. Devemos nos afastar da sociedade, ao menos temporariamente, se quisermos escapar da moralidade sexual.[...] Porém, o único lugar da sociedade em que a sexualidade sempre foi inteiramente livre da censura moral é a fantasiosa mente adolescente. (Nisso, somos todos adolescentes.).

Baseando-se em pesquisas científicas e clínicas, Masters & Johnson (1977:24), desde maio de 1974, embora numa perspectiva exclusivamente heterossexual e considerando as demais orientações sexuais como desvios ou anormalidades, desenvolvem a noção existencialista de *responsabilidade sexual* como um critério viável para a vivência de uma sexualidade plena, numa dada sociedade e segundo a sua cultura. Elucidam que

[...] a responsabilidade sexual tem uma dupla implicação no mundo atual. Em primeiro lugar, somos responsáveis apenas por nós mesmos em nossas relações sexuais, para plena comunicação da nossa vontade sexual e subseqüentemente para expressão corporal do nosso comportamento sexual. Da mesma forma, estamos preparados para ficar sintonizados com o nosso par na comunicação e na cooperação necessárias para proporcionar ao nosso par a satisfação das suas necessidades sexuais. Em segundo lugar a nossa responsabilidade sexual existe não só para as obrigações da gravidez mas para controle adequado da concepção.

As recompensas potenciais da igualdade dos papéis sexuais são ilimitadas. Para o homem o alívio do medo do comportamento sexual, socialmente já tão entranhado, de fazer *a* ou *para* sua mulher, inevitavelmente, será da maior importância para as suas funções sexuais; e a liberdade de ser e agir como um par completo aumentará a expressão sexual da mulher.

Mas o maior lucro será da cultura. O sexo já não mais será aceito como uma coisa à parte, uma entidade isolada, um privilégio, ou uma mercadoria explorável. Com cada indivíduo assumindo a responsabilidade por si só, o sexo finalmente voltará a ocupar a única posição da qual deve ser visto com tranqüilidade, e experimentado com relevante satisfação – como uma função natural. (grifo nosso)

2.2. Homossexualidade, sociedade e cultura

Como visto, a sexualidade humana abrange, sumariamente, três aspectos inter-relacionados: o desejo, o prazer e os papéis sexuais.

Desde a Antigüidade, são inúmeros os registros culturais que apontam a ênfase dada à dualidade biológica sexual, estabelecida entre o macho e a fêmea, o homem e a mulher, e às diversas formas de se buscar o prazer, dentre elas, a homossexual.

Assim também, desde os antigos, há um sem-número de obras que atestam o fascínio do homem pela figura do hermafrodita e pelo universo da androginia.

Como a tendência predominante da mentalidade ocidental foi, pelo menos até a divulgação da teoria freudiana, a de estabelecer uma visão dicotômica sobre o comportamento humano e, portanto, também sobre as práticas sexuais, a conduta que não se enquadrasse nas

convenções sociais da heterossexualidade, em geral, não era bem-vista, nem bem-aceita e, quando muito, tolerada.

Isso quer dizer que, histórico-culturalmente, houve o estabelecimento de uma relação individual e social, direta e proporcional, entre o macho e o masculino, entre a fêmea e o feminino, entre a fêmea feminina e a mulher heterossexual e entre o macho masculino e o homem heterossexual.

Percebe-se que há uma relação entre sexo biológico e convenção social sobre a forma permitida de se sentir prazer. Mas e o desejo?

Nesse ponto, a própria natureza humana revela a sua diversidade. Ainda que um homem (macho) seja masculino e, portanto, heterossexual nos padrões sociais, ainda assim, ele pode vir a desejar tanto uma mulher quanto outro homem.

Ou seja, o que se convencionou ser do sexo masculino e do sexo feminino, precisou ser revisto, para poder categorizar o comportamento bissexual. Novamente, ainda com o prefixo *bi*, a sociedade não foi capaz de transcender a dualidade e perceber a ambivalência sexual já apontada por Freud, no final do século XIX.

Assim como em tempos remotos, desde as relações gregas, estabelecidas entre mestre e discípulo, até a contemporaneidade, a bissexualidade parece oferecer uma solução individual para se equilibrar, ainda que de modo instável e, muitas vezes, perigoso, o desejo pessoal e a convenção social.

Depreende-se do dito que há uma relação entre identidade e sociedade, entre desejo e prazer individuais e papéis sexuais esperados. Tal relação poderá ser mais pacífica ou mais controversa, na medida em que o indivíduo acata ou afronta o convencionado pelo grupo.

Strathern (2003:57), depois de declarar que “poucos de nós vivemos como gostaríamos”, parece sintetizar o grau de visibilidade que a sociedade atribui para certos integrantes de um dado grupo, cujas práticas sexuais tendem a não ser ratificadas pela maioria dos membros dessa coletividade, ao afirmar que a “vergonha (e/ou a hipocrisia) é uma sutileza aparentemente inevitável da existência social civilizada”.

Mas como, via de regra, a sociedade lida, no campo da sexualidade, com o não-convencional? Criando estereótipos, os quais podem ser entendidos

[...] como atitudes ligadas a um mecanismo de defesa da sociedade, em particular no que se refere à ideologia sexual. Desde que certas práticas se tornem convenientes para a comunidade, passam a ser esperadas, desejadas mesmo, e os estereótipos prolongam essa expectativa através das gerações. Quaisquer outras oferecidas em seu lugar provocam reações na “mente coletiva”. (Preti, 1984:159).

As áreas do saber relacionadas ao corpo e ao comportamento humano têm contribuído, ao menos no campo teórico, para um melhor entendimento da importância do desejo e do prazer no desenvolvimento pessoal, bem como para minimizar as intolerâncias da sociedade em relação à livre manifestação da sexualidade, ao desenvolver, por exemplo, as noções de *identidade de sexo* e *identidade de gênero*.

Esclarece Pinto (1999:62):

O psicanalista americano Robert Stoler cunhou, em 1964, os termos identidade de sexo e identidade de gênero. A identidade de sexo diz respeito aos aspectos biológicos, à consciência do sexo a que se pertence biologicamente, definindo o macho e a fêmea. A identidade de gênero se refere aos aspectos culturais e individuais dessa consciência, definindo o masculino e o feminino. Identidade de gênero e identidade de sexo constituem a identidade sexual.

Revelar a identidade sexual implica, portanto, evidenciar ao grupo social uma forma individual de busca pelo prazer. Aqui, duas outras questões podem ser levantadas. Como pode haver desejo e prazer, se a relação afetivo-sexual não é entre pessoas de sexos opostos? Como o ser humano pode sentir desejo e ter prazer, se estes são, em grande medida, cerceados pela Moral, pela Religião, pela tradição judaico-cristã, pela culpa?

Para estas indagações, cujas respostas deverão evidenciar a condição minoritária e discriminatória daqueles que não mantêm uma correspondência social esperada entre a identidade de gênero e a identidade de sexo, necessária se faz uma breve retrospectiva histórica da visibilidade da diversidade sexual nas sociedades, a qual também deverá apontar justificativas para a criação de grupos fechados e/ou guetos, tendo como marco inicial o dia 28 de junho de 1969, data em que se passaria a comemorar o Dia Internacional do Orgulho Gay.

Fry e MacRae (1991:95-7) declaram que

[...] a partir de 1969, o movimento homossexual, inicialmente nos Estados Unidos mas depois em inúmeros outros lugares, tomou uma feição mais radical. Isto se seguiu ao surgimento do movimento *hippie* e ao desenvolvimento da chamada contracultura. Inicialmente não se questionava muito os papéis sexuais. De fato, em alguns casos a procura de formas de vida que fossem mais “naturais” até reforçou estereótipos destes papéis com uma ênfase na versão idealizada da “mulher camponesa”, “meiga e fértil” como um novo modelo feminino. Mas os eventos de maio de 1968 em Paris e a incorporação de noções de libertação sexual pela contracultura, juntamente com uma nova militância negra e feminista, formam o pano de fundo social para a criação da Frente de Libertação Gay (FLG), que começou nos Estados Unidos, mas logo se espalhou para grande parte da Europa Ocidental.

O que parece ter marcado o nascimento deste grupo foi a “Rebelião de Stonewall”, que é para o movimento homossexual algo parecido com a tomada da Bastilha para a Revolução Francesa. Na noite de 28 de junho de 1969, uma sexta-

feira, alegando o descumprimento das leis sobre a venda de bebidas alcoólicas, a polícia tentou interditar um bar chamado “Stonewall Inn”, localizado em Christopher Street, a rua mais movimentada da área conhecida como o “gueto” homossexual de Nova York.

O que era para ser simplesmente uma ação policial rotineira, suscitou uma reação inédita. Os freqüentadores do bar reagiram e começou uma batalha que durou o fim de semana inteiro. [...]

Trevisan (FSP, 28.06.2004), por sua vez, fornece uma passagem da realidade norte-americana para a brasileira, atualizando-a para o dia 28 de junho de 2004:

Hoje comemora-se o Dia Internacional do Orgulho Gay, a partir das lutas em torno do bar Stonewall Inn, em Nova York, no ano de 1969, quando uma multidão se rebelou contra a polícia, que, mais uma vez, tentava prender homossexuais. Em meio aos carros queimados e à batalha campal que durou três dias, nasceu o moderno movimento pelos direitos homossexuais.

Não que fosse um dado inédito. A luta pelos direitos homossexuais já existia desde 1897, na Alemanha. A novidade é que, a partir de agora, o movimento chegava às massas, e não apenas a grupos de intelectuais.

No Brasil, o início do ativismo gay ocorreu em 1978, com a fundação do grupo Somos, em São Paulo, e do jornal “Lampião”, no Rio de Janeiro. Ainda assim, restringia-se às classes médias. A guinada para um movimento de massas começou em meados da década de 90, com as paradas do orgulho gay, que já existem em mais de 30 cidades do Brasil. O clímax foi a ocorrência em São Paulo, no dia 13 de junho passado, da maior parada gay do mundo, com pelo menos 1,5 milhão de participantes, segundo dados da PM. Isso aponta para uma verdadeira mutação cultural no Brasil, país do “faça, mas não diga”.

Ao contrário dos EUA, nunca tivemos leis que reprimissem a prática homossexual. No entanto o Brasil é um dos países que mais persegue e mata homossexuais, segundo as estatísticas existentes. As próprias famílias abafam os processos policiais, envergonhadas de expor a homossexualidade dos seus parentes assassinados. A dimensão do estigma transformou o homossexual numa espécie de leproso moral.

Os dois fragmentos atestam e corroboram que a discussão sobre a diversidade sexual desloca-se, gradativamente, do campo bio-psico-médico para o campo moral-político-cultural.

Isay (1998:14), formado em Medicina com especialização em Psiquiatria, conduz esse deslocamento para uma terminologia lingüística, ao passar de *homossexual* para *gay*, esclarecendo:

[...] Em meu livro anterior (*Being homosexual*) usei os termos “homossexual” e “gay” como sinônimos, na tentativa de fazer com que meus colegas analistas abandonassem o modelo médico de homossexualismo enquanto patologia e desvio, e assumissem uma posição mais humanista, científica e clinicamente útil. Mas em *Tornar-se gay* passei a usar o termo “gay” para designar o homem que está consciente de ser homossexual e que desenvolve uma identidade pessoal como homossexual. Embora as observações clínicas e os estudos empíricos sugerirem que já se nasce homossexual, o meu trabalho deixou claro que ser gay é algo que se aprende. A maneira, assim como a desenvoltura com que cada um expressa seus impulsos sexuais, ou até mesmo o fato de eles serem expressos ou não, parecem determinados por normas sociais e culturais aliadas às nossas primeiras experiências e relacionamentos.

Ora, para a fixação de normas sociais e culturais, principalmente no mundo ocidental, uma obra foi e ainda é de fundamental importância para uma visão panorâmica da diversidade sexual na atualidade: a *Bíblia*.

Seguindo o método histórico-crítico, Helminiak (1998:35) propõe uma atualização interpretativa da leitura bíblica, e afirma:

Mais especificamente, na época bíblica não havia uma compreensão mais elaborada da homossexualidade como orientação sexual. Havia apenas uma consciência genérica de atos ou contatos entre pessoas do mesmo sexo, o que poderia ser chamado de homogenitalidade ou atos homogenitais. A questão atualmente gira em torno das pessoas e seus relacionamentos, e não simplesmente de seus atos sexuais. O que se discute hoje é a homossexualidade, e não mais a mera homogenitalidade, o afeto espontâneo por pessoas do mesmo sexo e a possibilidade ética de expressar este afeto em relacionamentos sexuais e amorosos. Como esta não era uma questão que os autores bíblicos tinham em mente, não podemos esperar que a Bíblia nos dê uma resposta.

Adiante, conclui Helminiak (1998:124):

Portanto, a Bíblia não assume diretamente nenhuma posição definida sobre a moralidade dos atos homogenitais enquanto tais, e nem sobre a moralidade dos relacionamentos de gays e lésbicas. De fato, o mais extenso tratamento que a Bíblia concede ao assunto – em Romanos – sugere que em si os atos homogenitais não têm qualquer significado ético. Entretanto, compreendidos em seu contexto histórico, os ensinamentos de 1 Coríntios e 1 Timóteo deixam claro o seguinte: as formas abusivas de sexo entre homossexuais e entre heterossexuais devem ser evitadas.

Há, contudo, que se reconhecer, ainda, a predominância do posicionamento discriminatório em várias religiões, como podem exemplificar estes fragmentos do artigo de um bispo católico, Castanho (FSP, 05.07.2004):

A igreja que sirvo há mais de 50 anos cumpre o seu dever desaprovando o comportamento homossexual. Ela o faz tanto em defesa da dignidade humana, quanto em atenção à revelação divina. Proclamando o casamento e a família como a legítima união entre o homem e a mulher, comunidade de amor aberta ao dom da vida, presta um grande serviço à sociedade e se mantém fiel a numerosos textos do Antigo e do Novo Testamento, entre os quais o da epístola do apóstolo Paulo aos romanos: [...]

[...]

Rejeitando o homossexualismo, como é seu dever, a igreja e todos os que têm como ponto de referência valores como a dignidade humana continuarão respeitando a opção homossexual de quem quiser usar da própria liberdade, entendendo-a como o direito de fazer o que quiser, e não como a faculdade de escolher os melhores caminhos para a própria vida e a sociedade.

Posturas institucionais, como essa, contribuem para a manutenção da discriminação e para o incentivo à homofobia e, como consequência, via de regra, às práticas violentas contra

a diversidade, deslocando as considerações do campo religioso-moral para o campo educacional-legal.

Mott (2000:35), quando da comemoração dos 500 anos de Brasil, também colocou a urgência de políticas públicas direcionadas à proteção da diversidade sexual:

Exatamente pelo fato de a população homossexual ser um contingente demográfico significativo em nossa sociedade (mais de 10% dos brasileiros manifestam orientação sexual homoerótica) e por representar o grupo social mais vitimado pelo preconceito e pela discriminação (a cada três dias um homossexual é barbaramente assassinado no país, vítima da homofobia), urge que os homossexuais também sejam lembrados, seu passado resgatado e sua plena cidadania garantida nos próximos 500 anos de Brasil.

E a Etno-história está aí para confirmar que a presença da homossexualidade no Novo Mundo e no Brasil, em particular, tem mais de 500 anos de história, posto ser muito praticada e socialmente aceita entre os Tupinambás, a principal tribo indígena à época da conquista.

Segundo a Anistia Internacional, a partir de um estudo da jornalista e pesquisadora britânica Vanessa Baird, intitulado “Sex, Love and Homophobia” (Sexo, amor e homofobia), o próprio ativismo da diversidade sexual, a sua crescente visibilidade e sua evidência no cenário político-social acabam causando a homofobia. Zanini (FSP, 18.07.2004) relata que o “ativismo dos homossexuais, que conquistam cada vez mais direitos e obtêm mais exposição, está tendo como efeito colateral alimentar a homofobia no mundo”.

A homofobia no ambiente escolar também fez parte da agenda temática do 4º Congresso Mundial da Internacional da Educação, realizado em Porto Alegre, em julho de 2004, e de acordo com Mena (FSP, 23.07.2004):

Duas pesquisas da Unesco deixam claro que essa é uma realidade também brasileira. Segundo o estudo “Juventude e Sexualidade”, um quarto dos estudantes de 10 a 24 anos afirmam que não gostariam de ter colegas homossexuais. Outros admitem até mesmo o uso de agressão contra esses jovens. Já entre professores, outra pesquisa revela que quase 60% deles afirmam ser “inadmissível” uma pessoa ter relações sexuais com outra do mesmo sexo.

Com esse cenário de conflito iminente, os ambientes artísticos e acadêmicos, mais uma vez, podem atuar como vanguardistas, e a literatura pode agir como uma das formas pacíficas para se combater a homofobia.

Lugarinho (FSP, Mais!, 30.03.2003), ao analisar os reflexos da visibilidade da diversidade sexual também no meio acadêmico, coloca a homossexualidade como centro gerador de saber, numa rede interdisciplinar, declarando:

Nesse processo, (a homossexualidade) migrou da sua condição de mero tema para se constituir como campo investigativo que evidencia não apenas a diferença do objeto a ser analisado, mas, sobretudo, o ponto de vista do crítico que passa a perceber as relações sociais e culturais para além do par opositivo heterossexualidade/homossexualidade. As relações de gênero são aprofundadas, a fim de se perceber as contradições que a cultura perpetua diante da presença de estranhos não previstos pela sociedade tradicional.

Não é demais que se apóie em Roland Barthes por ter afirmado que a literatura é o lugar da encenação de saberes por excelência; portanto, nesse tipo de análise não importam as orientações sexuais dos autores, importa sim o quanto a obra literária representa de uma cultura que por tradição exclui a homossexualidade, nela convergindo todo um saber a seu respeito. Com isso, a investigação passa a exigir uma ampla rede interdisciplinar que pode abranger desde o discurso médico e sanitário até a filosofia, a sociologia, ou, até, a teologia. Para tanto se constitui o conceito de homocultura, a extensa rede de relações sociais e culturais que constrói a identidade homossexual.

Em 2001, na Universidade Federal Fluminense, foi fundada a Associação Brasileira de Estudos da Homocultura, que segue já para o seu segundo congresso, que será em 2004. A ABEH reúne mais de 40 pesquisadores universitários brasileiros e estrangeiros das mais diversas áreas do conhecimento, voltados para o debate aberto pelos estudos gays e lésbicos no Brasil.

Com esta conjuntura, complexa e multifacetada, muitas vezes pautada pela Moral, uma solução para a convivência pacífica e, se não harmoniosa, ao menos tolerante entre os mais diversos segmentos da sociedade brasileira, talvez esteja no campo da Ética.

Também é com esse enfoque ético que a obra *O enigma da esfinge – a sexualidade*, de autoria do frei Antonio Moser, diretor-presidente da Editora Vozes, doutor em Teologia e sexólogo, procura elucidar as questões que envolvem a sexualidade e, numa perspectiva de fé, por que há a homossexualidade e como pode ser a relação da diversidade sexual com a religião. Conforme texto de Camargo (2001:60), após entrevistá-lo:

Outro elemento importante para se desvendar o mistério da sexualidade é perceber que Ética e Moral não se confundem. A Moral é estruturada, dita normas e condutas. A Ética é uma espécie de ciência do desvelo: diz quando alguém se torna mais humano, menos humano ou então se desumaniza. A Ética determina valores como autenticidade, responsabilidade e justiça. São valorações éticas. Outro prisma fundamental, na visão do frei, é a experiência existencial: vivência histórica de cada um consigo mesmo, com a família, o grupo, a cultura e a religião. O único caminho seria objetividade na abordagem do tema e despojamento de todos os preconceitos. Para o frei, o ser humano é ponto de partida, pouco importando sua orientação sexual. Ele é substantivo. Adjetivar para justificar qualquer discriminação é anti-ético. Por isso, no que diz respeito ao capítulo sobre gays, a grande preocupação do autor é fazer com que aqueles que trabalham com ele também se livrem de preconceitos em relação aos homossexuais. Por isso, ele tenta passar-lhes o máximo possível de informações, do ponto de vista científico e teológico.

2.3. Uma definição das orientações sexuais em análise

Vendo-se o sexo como uma função natural do corpo humano e a sexualidade também como a relação que o indivíduo estabelece entre o seu desejo e o modo pelo qual obtém o prazer, torna-se possível identificar, sem preconceitos, uma diversidade de orientações sexuais presentes num agrupamento social.

Com essa postura, rompe-se a polarização entre heterossexualidade e homossexualidade, abrindo-se a possibilidade de reconhecimento de outros comportamentos, como a bissexualidade, o travestismo e o transexualismo.

A esse respeito, o sexólogo Alfred Kinsey (apud Fry e MacRae, 1991:79), declara:

Os machos não se dividem em dois grupos distintos: os heterossexuais e os homossexuais. O mundo não está dividido em ovelhas e carneiros. Nem todas as coisas são negras, nem todas são brancas. É um princípio fundamental do sistema de classificação que raramente na Natureza se encontram categorias nitidamente separadas. Só a mente humana inventa as categorias e tenta abrigar os fatos em compartimentos separados. O mundo vivente representa uma continuidade em todos os seus aspectos. Quanto mais depressa aprendermos esta noção, aplicando-a ao comportamento sexual do homem, tanto mais depressa compreenderemos claramente o que é a realidade do sexo.

Mas, uma vez que o reconhecimento dessa continuidade ainda não é um fato, para dar contornos mais precisos aos termos que designam as orientações sexuais que interagem nas regiões do Arouche e dos Jardins, faz-se necessária a apresentação de uma definição, como segue, na ordem de predominância social.

2.3.1. Heterossexual

Entende-se por *heterossexual* o homem ou a mulher que sente desejo pelo sexo oposto e obtém prazer, predominantemente, nas relações sexuais mantidas com o sexo oposto.

2.3.2. Homossexual

Declara-se *homossexual* o homem ou a mulher que sente desejo pelo mesmo sexo e obtém prazer, predominantemente, nas relações sexuais mantidas com o mesmo sexo.

Ellis (1960:191) define *homossexual* como “aquele que, depois de adulto, deseja *exclusivamente* ou *principalmente* ter relações com membros de seu próprio sexo e tem pouco desejo ou nenhum desejo pelos membros do sexo oposto”.

Nota-se que o termo *homossexual* é mais freqüente para designar o homossexual masculino, enquanto o termo *lésbica* é mais usual para a homossexual feminina.

2.3.3. Bissexual

Diz-se que *bissexual* é o homem ou a mulher que, sem predominância constante, sente desejo pelo sexo oposto e pelo mesmo sexo, obtendo prazer nas relações sexuais mantidas com um e com outro.

Masters & Johnson (1970:248) declaram que é “difícil avaliar a influência homossexual na função heterossexual. Não pode haver dúvida de que ambos os meios de expressão sexual sempre serão parte integrante de toda cultura. Assim tem sido nos tempos históricos.”

Isay (1998:104) enfoca os bissexuais casados:

Homens cujas fantasias sexuais se dividem quase igualmente entre o mesmo sexo e o oposto são capazes de experienciar prazer e gratificação emocional tanto com homens quanto com mulheres. Eles costumam sentir atração por ambos os sexos, mas a minha experiência clínica e observação pessoal sugerem que com o propósito de aceitação social, a maioria dos homens bissexuais de nossa sociedade opta por casamentos convencionais.

Ao contrário dos homossexuais, os bissexuais geralmente estão satisfeitos com seus casamentos heterossexuais devido à gratificação emocional e sexual que são capazes de obter nele. Para que um bissexual, contudo, consiga viver uma vida exclusivamente heterossexual gratificante, ele precisa se sentir à vontade com suas fantasias e impulsos homossexuais e ter a capacidade de usar estas fantasias a serviço de sua atividade heterossexual. Se não puder aceitar os componentes homossexuais de sua orientação sexual, então, da mesma forma como um homossexual casado, ele geralmente se sentirá insatisfeito com seu casamento. Alguns que estão à vontade com os aspectos homossexuais de sua bissexualidade podem necessitar de experiências homossexuais para manter a estabilidade de seus casamentos.

Homens verdadeiramente bissexuais são raros. [...]

2.3.4. Travesti

Emprega-se o termo *travesti* para designar o homem ou a mulher que se veste, freqüentemente, com trajes do sexo oposto.

Nas áreas observadas, principalmente na região do Centro, há uma nítida predominância de homens travestidos, a maioria com evidentes alterações físicas, com várias partes do corpo siliconadas e contornos, feições e trejeitos bem femininos.

Sobre o travestismo (1960:206-7), Ellis declara:

O travestismo (também chamado travestitismo, eonismo) existe quando uma pessoa, quase sempre um homem, sente prazer em usar roupas normalmente empregadas pelo outro sexo e as sente sexualmente excitantes.

Algumas autoridades, como Stekel (1922, 1933) e Allen (1949), acreditam que o homossexualismo é a base primária ou principal do travestismo e que, mesmo quando os travestis não praticam abertamente atividades homossexuais, eles inconscientemente gostariam de praticá-las. [...]

A maioria das autoridades modernas, como Brown (1960), Kinsey, Pomeroy, Martin e Gebhard (1953), Overzier (1958), Storr (1957) e Thomas (1957), insistem em afirmar que a maioria dos travestis, inclusive *drag queens*, são heterossexuais em suas inclinações, mas ainda assim se sentem excitados quando vestem roupas do outro sexo. Os homens que eventualmente gostam de usar roupas de mulheres ou mulheres que usam calças de homem mais por conveniência do que para excitação sexual não devem ser chamados de travestis legitimamente.

2.3.5. Transexual.

Por *transexual* entende-se o homem ou a mulher que, além de sentir desejo pelo sexo oposto, apresenta dificuldades para sentir prazer com a sua genitália e busca a alteração da sua constituição física, por meio de cirurgia, para passar a ter, mesmo que estéril, o órgão genital do sexo oposto.

Complementa Ellis (1960:207):

Harry Benjamin (1954) criou o termo transexualismo para designar a inclinação de certos indivíduos, a respeito dos quais se tem ouvido falar muito recentemente, que não só desejam vestir trajes do outro sexo, mas desejam também ter o seu corpo, particularmente os seus órgãos sexuais, que são cirurgicamente alterados de forma a que venham realmente a se parecer com membros do outro sexo quando nus.

Calligaris (FSP, 18.11.2004), por sua vez, enfoca a diferença entre travestismo e transexualismo:

Travesti seria quem não vive propriamente um divórcio entre seu gênero e seu corpo, mas veste os apetrechos do outro gênero apenas como fetiches para alimentar desejo e fantasia sexuais.

Transexual seria quem conhece uma contradição aguda entre seu sexo anatômico e sua identidade de gênero, a ponto de agir para mudar seu corpo e ajustá-lo (à força de hormônios e cirurgias) ao gênero que ele sente ser o seu.

Essa distinção simplifica uma realidade que, de fato, é menos descontínua.
[...]
Travestismo e transexualismo falam da mesma inquietude quanto a uma identidade de gênero que discute com a anatomia do sujeito.

Ora, exposta uma parcela da variedade de comportamentos sexuais que o ser humano pode desempenhar, não se pode perder a oportunidade de se questionar o papel da educação e da orientação sexual para atenuar a discriminação daquele que não é um igual, de modo a buscar a promoção de uma convivência pacífica.

Para tanto, Pinto (1999:152) afirma:

Mais que saber ministrar aulas, o professor deverá saber conduzir debates: orientação sexual não se ensina; se discute. Mais do que nunca, vale aqui a frase de Galileu Galilei: “Não se pode ensinar tudo a alguém; pode-se apenas ajudá-lo a encontrar por si mesmo”.

Reconhecendo certa pretensão, o presente estudo, além dos aspectos sociolingüísticos que tenciona apontar, também pode ser útil para evidenciar que a revelação do *signo de grupo* pode funcionar como uma ponte lingüística de aproximação e de convívio, pois, como se verá, a gíria da diversidade, além de irreverente, é, predominantemente, bem-humorada, e o riso tem o poder de desarmar a maioria das pessoas, abrindo-se um caminho para a reflexão e para a crítica.

2.4. Uma linguagem da diversidade sexual: a gíria

Com o intuito de haver fornecido contornos mais precisos ao termo *diversidade sexual*, o qual, no presente estudo, abrange as orientações descritas anteriormente, exceto a heterossexual, ainda que com esta também interaja, e com a intenção de ter caracterizado tal diversidade como um grupo minoritário e discriminado na sociedade brasileira, e, portanto, também na sociedade paulistana, pode-se passar ao estudo do reflexo lingüístico desta condição marginal, qual seja, o vocabulário gírio.

Assim como a majoritária sociedade heterossexual possui a sua forma de se expressar e de se comunicar, a minoria que compõe a diversidade também apresenta as suas peculiaridades.

São características próprias que se revelam no comportamento da diversidade, as quais permitem a sua identificação e que propiciam a criação de espaços comuns de convivência,

em geral delimitados geograficamente, originando, pouco a pouco, a formação de grupos fechados e/ou guetos.

Isso quer dizer que tende a haver uma diferença lingüística entre aqueles que não freqüentam o ambiente da diversidade e aqueles que a visitam? Sim, mas uma diferenciação apenas no nível lexical, preservando-se uma correspondência nos níveis fonológicos, morfológicos e sintáticos.

Não se torna tão difícil perceber uma das razões para esta distinção, se for levado em consideração que a visão da margem não é a mesma daquela de quem está no centro. A comodidade e a segurança de quem faz parte da maioria contrapõem-se à insegurança, à instabilidade e, muitas vezes, à perseguição da minoria.

Nessa perspectiva, até às mesmas palavras da sociedade majoritária a minoria discriminada tende a atribuir novas significações, seja por defesa, por agressão ou por desprezo, desenvolvendo um vínculo identitário entre os seus membros.

Ao restringir o conhecimento e a divulgação desses novos sentidos àqueles que freqüentam o gueto, institui-se o chamado *signo de grupo*, isto é, a gíria propriamente dita, essa sim, o objeto lingüístico preponderante neste estudo.

Coulthard (2001:15-6), ao focar língua e identidade sexual, declara que

[...] um/a falante “revela” muito sobre si mesmo/a no momento em que abre a boca – estamos acostumados/as a fazer inferências a respeito de um/a falante, baseando-nos em sua linguagem. É por isso que alguns/algumas falantes alteram seu sotaque deliberadamente, a fim de sugerir origens sociais ou regionais que na verdade não possuem, ou então adotam uma gramática e vocabulários únicos (a gíria é um exemplo bastante interessante), a fim de aliarem-se a determinados subgrupos. Do mesmo modo, [...], enquanto algumas diferenças lingüísticas são biologicamente determinadas (qualidade da voz, por exemplo), a grande maioria tem a função de identificar os/as falantes em seus papéis sexuais. Sob este aspecto, seria muito interessante verificar quais os meios verbais e não-verbais que homossexuais e travestis usam para marcar sua “feminilidade”. Esta pesquisa também esclareceria a questão dos estereótipos sexuais e questionaria a base das percebidas diferenças de sexo.

Com base em tal enfoque sócio-cultural, a fim de ser viabilizada uma análise do glossário constituído, e, a partir dessa, serem estabelecidas algumas relações capazes de evidenciar o fenômeno gírio como um reflexo lingüístico do processo de formação e de afirmação das identidades individual e social dos falantes que compõem o segmento da diversidade sexual, premente é o estudo teórico da gíria, definindo-a e caracterizando-a, de acordo com a abrangência dada pelo capítulo que segue.

3. GÍRIA: UM ENFOQUE TEÓRICO

Se você rouba de um autor é plágio,
se você rouba de muitos é pesquisa.
Wilson Mizner

Antes de propor a análise de exemplos, é preciso saber o que é *gíria*.

Para tanto, apresenta-se uma definição inicial, a qual ensejará outras reflexões posteriores e, a partir dessas, um levantamento de algumas das características desta variação lingüística.

Gíria é um signo lingüístico de um grupo secundário fechado.

Essa conceituação, ainda que concisa, não se faz clara, pois não elucida as relações existentes entre o signo e a língua, as distinções pressupostas entre os grupos sociais primário e secundário e, principalmente, para um estudo sociolingüístico, as relações entre grupos e sociedade e entre língua e sociedade.

Do afirmado, deduz-se que o vocabulário gírio situa-se no campo de estudo da Sociolingüística, posto que está centrado na análise dos usos lingüísticos como reflexos de práticas sociais, registrados em uma comunidade de falantes.

Mollica (2003:9) propõe a seguinte definição de Sociolingüística:

A Sociolingüística é uma das subáreas da Lingüística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos lingüísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos lingüísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

Adiante, Mollica (2003:11) declara o objeto de estudo de tal ciência:

Cabe à Sociolingüística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos lingüísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Assim, compreende-se que a variação e a mudança são contextualizadas, constituindo o conjunto de parâmetros um complexo estruturado de origens e níveis diversos. Vale dizer, os condicionamentos que concorrem para o emprego de formas variantes são em grande número, agem simultaneamente e emergem de dentro ou de fora dos sistemas lingüísticos.

Delimitado, preliminarmente, o principal referencial teórico adotado para o desenvolvimento do presente estudo, a definição proposta de *gíria* pode ser retomada.

Recorrendo-se à Semiótica e ao posicionamento de Bense & Walter (apud Epstein, 2004:20), o vocábulo *signo* adquire contornos mais precisos ao declararem:

... SIGNO – Junto com Peirce, entendemos por signo algo que responde por outra coisa, que representa outra coisa, e que é compreendido ou interpretado por alguém. Assim, um signo é uma relação de três membros, ou triádica, composta pelo signo como meio (relação signo-meio M), pelo objeto designado (relação signo-objeto O) e pela consciência interpretadora, o intérprete ou o signo interpretante (relação signo-interpretante). O signo não é pois um objeto com propriedades, mas uma relação

Eco (apud Epstein, 2004:20), por sua vez, ressalta a importância da sociedade na constituição do *signo* ao defini-lo como “tudo quanto, à base de uma convenção social previamente aceita, possa ser entendido como ALGO QUE ESTÁ NO LUGAR DE OUTRA COISA”.

Apesar de tais noções gerais sobre o *signo*, a adjetivação que o acompanha, na definição inicial, restringe o campo de estudo para o âmbito lingüístico e, portanto, conduz a uma outra indagação: o que é *signo lingüístico*?

Saussure (1998:80) esclarece:

O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material” é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato.

Adiante, Saussure (1998:81) altera a terminologia, introduzindo a oposição entre *significante* e *significado*:

[...] Propomo-nos a conservar o termo *signo* para designar o total, e a substituir *conceito* e *imagem acústica* respectivamente por *significado* e *significante*; estes dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte. Quanto a *signo*, se nos contentamos com ele, é porque não sabemos por que substituí-lo, visto não sugerir a língua usual nenhum outro.

Lopes (1995:83) explicita qual a repercussão sistêmica que resultou do desenvolvimento da noção saussuriana de *significado*: “Com a inclusão do *significado* na concepção do signo lingüístico, Saussure coloca o sistema dos sentidos dentro do sistema lingüístico e confere à Semântica um lugar no interior da Lingüística [...]”

Sendo a gíria um signo lingüístico, ela também está inserida na *língua*. Sobre esta, Saussure (1998:17) indaga e responde:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.

A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação.

Numa recapitulação dos caracteres da língua, Saussure (1998:23) dirá que a língua “constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas”.

O campo de estudo, por excelência, da gíria é o léxico-semântico, isto é, mesmo que haja um interesse pela formação do seu significante, é no significado que se pode perceber o modo como um determinado grupo interage com os demais grupos que compõem uma sociedade organizada.

Ao utilizarem mais a conotação do que a denotação nos vocábulos gírios, os falantes de um grupo estão cerceando a participação das pessoas que não conhecem tal sentido e, simultaneamente, estão tentando preservar uma forma particular de comunicação a qual, para os demais membros da sociedade, pode ser percebida como um modo de agressão, de defesa, de auto-afirmação ou de superioridade.

Como visto, a gíria enquanto *signo* lingüístico *de grupo* aponta para uma ruptura da convenção social sobre a língua, posto que tende a não cumprir a sua finalidade utilitária principal, qual seja, a de propiciar a comunicação indistinta entre os membros de uma determinada comunidade lingüística.

Se há essa ruptura lingüística, já que apenas os integrantes de um grupo compreendem o que é falado, em detrimento dos demais participantes da sociedade, configura-se, lingüisticamente, uma *comunidade de fala* e, sociologicamente, um *grupo fechado*.

Se a gíria é uma variação da língua; se a língua, como declarou Saussure, é “uma parte determinada” da linguagem; se a Lingüística é um campo específico da Semiologia ou da Semiótica e se a língua e os demais signos existem porque convencionalmente determinados pela sociedade, o que se pode deduzir é que a gíria é um reflexo lingüístico de um

determinado comportamento adotado por um grupo, ao interagir com os demais membros que compõem a coletividade.

Essa interação pode ser pacífica ou não. Tende a ser tanto mais pacífica e/ou tolerada quanto maior for a adesão dos participantes de um grupo ao que é socialmente esperado ou desejado.

Entre o anseio social homogêneo e a realidade vigente situa-se o heterogêneo, a multiplicidade, a diversidade. E como as pessoas reagem ao que é diferente das suas crenças e dos seus valores? Como os profissionais tendem a se reunir? Aquelas tendem a formar grupos sociais afins e estes a constituírem as associações ou as entidades de classe.

Não raras vezes, tais agrupamentos tendem a apresentar várias similitudes, seja no vestuário, na postura, nos trejeitos, nos locais que freqüentam, nas aspirações.

Chega-se, aqui, aos campos da Antropologia e da Sociologia. Reitera-se que o foco de interesse, no presente estudo, é, preponderantemente, sociolinguístico.

Visando a uma noção mais precisa da parte final da definição inicialmente proposta (grupo secundário fechado), recorre-se às noções sociológicas sobre grupos sociais e às considerações de Horton & Hunt (1980:127-43).

Como advertem os autores (1980:129), “o termo ‘grupo’ cobre uma ampla variedade de espécies de associação humana”.

Dessa conceituação, resta claro que para haver uma associação é preciso que haja algum grau de interação entre os seus membros. A efetividade e a continuidade dessas relações sociais dependerão, via de regra, do interesse comum, do fato comum, do elo comum ou do estímulo que os aproximaram (cf. 1980:128).

Ao definirem *grupo* também como “qualquer número de pessoas que partilham de uma consciência de filiação e interação”, os sociólogos citados (1980:128) deixam claro que a “essência do grupo social não é a proximidade física, mas a consciência de interação conjunta”.

Conforme o grau de interação existente entre os membros, os pesquisadores (1980:134) propõem que a sociedade é formada e organizada também por *grupos primários* e por *grupos secundários*, assim definidos:

Grupos primários são aqueles nos quais ficamos conhecendo intimamente outras pessoas como personalidades individuais. Isso ocorre através de contatos sociais que são *íntimos*, *pessoais* e *totais*, porque envolvem muitas partes da experiência de vida de uma pessoa. No grupo primário, como a família, “panela” ou conjunto de amigos íntimos, os relacionamentos sociais tendem a ser informais e descontraindo. [...] No *grupo secundário* os contatos sociais são *impessoais*,

segmentários e utilitários. Não se tem interesse por outra pessoa como pessoa, mas sim como funcionário que está cumprindo um papel. [...] Em qualquer caso, o grupo existe para um propósito específico limitado, envolvendo apenas um segmento das personalidades de seus membros. (grifo nosso)

Uma vez que os grupos primário e secundário coexistem, assim como os diversos grupos secundários também interagem entre si, supõe-se que um grupo secundário queira exercer um maior grau de influência sobre outro, determinando, inclusive, padrões de comportamento para os seus membros e para os demais, os quais podem não coincidir com as referências da maioria da coletividade.

Ante tal situação, a interação pode ser pautada pela tolerância, pela convivência pacífica ou pela tensão, pelo conflito iminente.

Enfatizando o poder coercitivo dos grupos secundários, Horton & Hunt (1980:136) afirmam que o “grupo secundário tende a impor padrões de conformidade a seus membros. Desta maneira, oferece um contrapeso aos preconceitos ou direitos adquiridos da localidade imediata.”

Após tais considerações, torna-se mais claro o estabelecimento de uma relação entre os membros que compõem a diversidade sexual em análise e os demais que também formam a sociedade.

Se o que caracteriza o segmento da diversidade é justamente a orientação sexual minoritária, o critério que se firma para a identificação social de um grupo secundário é o da prática sexual.

Assim, a “comunidade GLBT” (expressão adotada e preferida por aqueles que compõem o segmento da diversidade sexual) é um grupo secundário minoritário frente à “comunidade heterossexual”, grupo secundário majoritário.

Além desse viés quantitativo, que corrobora a supremacia numérica dos heterossexuais sobre os membros da diversidade, o traço distintivo qualitativo que também caracteriza tal segmento minoritário como grupo secundário é o fato de que apenas uma face da conduta pessoal de cada integrante é avaliada.

Se apenas a orientação sexual é, neste caso, o parâmetro para a distinção de grupos sociais não estamos diante de um grupo primário, pois este levaria em consideração as várias condutas, dentre elas a afetiva e a moral.

Aprofundando a análise sociológica, Fischer, ativista gay e colunista da *Revista da Folha*, indica duas causas comuns para a união de interesses entre os diversos grupos que compõem o segmento da diversidade sexual, a saber: “o preconceito em maior ou menor

grau”, decorrente da orientação sexual, e “a privação de alguns direitos civis básicos” (cf. Revista da Folha, 27.03.2005, p. 25).

Do exposto, reitera-se a classificação do grupo social da diversidade sexual como um grupo secundário, posto que: a) os contatos sociais estabelecidos, via de regra, tendem a ser superficiais, eventuais e, na maioria das vezes, utilitários, isto é, a aproximação decorre do interesse sexual e/ou econômico; b) o vínculo grupal é mantido, explicitamente, pela condição igualitária de seus membros, no que toca à discriminação ou ao preconceito social, ou seja, a reunião dessas pessoas em certos locais e ambientes ocorre por uma questão de defesa e de contestação do próprio grupo minoritário em relação à ordem e à moral vigentes, e, também, por uma questão de preservação da integridade física de cada indivíduo discriminado, de tal modo que não há, necessariamente, a formação de vínculos afetivos, íntimos e pessoais entre os membros, condição fundamental para a caracterização de um grupo primário, e c) os estímulos que agregam as várias orientações que compõem o segmento da diversidade sexual são, como já apontou Fischer, o preconceito e a discriminação social e, em função desses, o interesse comum pela conquista dos mesmos direitos civis concedidos aos heterossexuais, o que ratifica o fim utilitarista, próprio do grupo secundário.

Geograficamente, os membros de grupos secundários tendem a freqüentar os mesmos lugares e, por conseqüência, a atraírem pessoas que adotam padrões similares de comportamento, consolidando os *guetos*.

Trevisan (2000:409), num estudo sobre a homossexualidade brasileira, declara que

[...] no Brasil a existência do gueto guei situa-se num cruzamento de circunstâncias contraditórias. Por um lado, trata-se da única alternativa para que pessoas de prática homossexual convivam à vontade. Por outro, esse espaço é claramente delimitado para isolar os desviantes, congregando a homossexualidade mais institucional e empurrando-a para uma espiral de consumismo. As batidas que a polícia pode a qualquer momento efetuar dentro do gueto – e assim muita gente já foi levada presa em boates e saunas gueis – são como advertências de que a tolerância visa fundamentalmente a manter claros os limites do gueto. Mas também é verdade que os órgãos policiais já se têm mostrado, de certa maneira, receptivos à ideologia da permissividade.

Lingüisticamente, os membros do grupo secundário da diversidade sexual tendem a adotar uma *linguagem especial*, um vocabulário próprio, o *signo de grupo* que é a gíria.

Cabello (1989:49), seguindo Guiraud, estabelece algumas relações entre o uso da gíria e o processo de construção da identidade do falante que quer pertencer a um determinado grupo:

Para defender a noção de gíria enquanto signo de grupo, pode-se trilhar os caminhos traçados por Pierre GUIRAUD, ao defender a noção de argot como signo de classe.

A linguagem configura-se como um signo na mesma medida que a vestimenta, o penteado, as formas de educação e os ritos familiares, por identificar o falante como operário, médico, camponês etc.

No momento em que o comportamento lingüístico se torna consciente e desejado, o indivíduo reivindica e ostenta sua participação em determinado grupo, aceitando a marca de identidade grupal por meio da linguagem. É neste sentido que se pode dizer que a *gíria* identifica o falante.

O vocábulo *gírio*, no entanto, admite dois enfoques analíticos, como declara Preti (1996:139-40):

Quando falamos em *gíria*, devemos ter presente um fenômeno tipicamente sociolingüístico, que pode ser estudado sob duas perspectivas: a primeira, a da chamada *gíria de grupo*, isto é, a de um vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade. No primeiro caso, estão os grupos jovens ligados à música, à dança, às diversões, aos pontos de encontro nos *shoppings*, à universidade, etc.; no segundo, estão os grupos comprometidos com as drogas, com a prostituição, com o homossexualismo, com o roubo e o crime, com o contrabando, com o ambiente das prisões, etc.

Uma segunda perspectiva, a da *gíria comum*, é a que estuda a vulgarização do fenômeno, isto é, o momento em que, pelo contato dos grupos restritos com a sociedade, essa linguagem se divulga, torna-se conhecida, passa a fazer parte do vocabulário popular, perdendo sua identificação inicial.

O objeto principal de análise do presente estudo - a *gíria* da diversidade sexual - é, portanto, um *signo de grupo*.

3.1. *Gíria*: uma caracterização condicional

O vocabulário *gírio*, para se configurar como *signo de grupo*, deve apresentar, ao menos, três características: criptologia, efemeridade e expressividade.

Uma quarta característica que pode ser apontada, embora decorrente da junção das anteriormente indicadas e, portanto, mais conseqüente do próprio percurso do *signo de grupo* no meio social do que de sua constituição lingüística, é a variação sinonímica ou *dinâmica lexical* (cf. Preti, 2003: 53-4).

Enquanto *gíria de grupo*, deve manter o seu *caráter criptológico*, isto é, deve permanecer inacessível àquele que não é um de seus membros, pelas mais variadas razões: segurança, defesa, compensação.

Burke & Porter (1997:23-4) adotam a terminologia *jargão* para designar *signo de grupo* e, de modo incisivo, declaram:

[...] Aquilo que está sendo mostrado de forma ostensiva pode ser conhecimento, mas pode também ser a forma de expressar a condição de membro de um grupo do qual o ouvinte é excluído. O uso do jargão por um grupo social é um dos meios mais potentes de inclusão e exclusão. Ele expressa e incentiva um *esprit de corps*, uma forma de vínculo que geralmente, ainda que não universalmente, é masculina. (grifo nosso)

Assim, conforme Castro (1947:22),

[...] diremos que uma gíria é a linguagem duma classe e que é caracterizada por se manter intencionalmente secreta, na medida das necessidades, tornando-se assim ininteligível aos profanos, e podendo ser usada como arma de defesa contra os restantes membros da sociedade. (grifo nosso)

Essa “linguagem de classe” é realizada em vocábulos, a qual, assim como o grupo que a profere, está sujeita a julgamentos sociais, à aceitabilidade social de um determinado comportamento e de uma variação lexical. Neste processo, o vocábulo gírio cumpre um duplo percurso: o da aceitação pelos falantes, atribuindo-lhe ou não prestígio social, permanecendo ou não, e o do registro oral para o lexicográfico.

Complementa Preti (2003:53-4):

A língua oral é a mais suscetível de expressar variações e, nela, os critérios de aceitabilidade social são mais elásticos. Principalmente, em nível lexical. Talvez rapidamente como a moda, os vocábulos ganham ou perdem prestígio, desatualizam-se. A dinâmica da sociedade contemporânea é bem expressa nas transformações do léxico, não só na criação neológica dos vocábulos científicos, mas, principalmente, na linguagem coloquial. E o exemplo mais expressivo dessa dinâmica lexical encontramos na gíria, no contínuo processo criativo dos grupos sociais, em busca de efeitos expressivos para a linguagem do dia-a-dia. E, também, guardadas as devidas proporções, nos tabus lingüísticos morais, que se transformam ou perdem sua condição tão rapidamente quanto os próprios tabus sociais.

Como visto, a gíria também possui o traço da efemeridade, pois cada grupo restrito precisa atualizar-se, seja pela atribuição de novos significados às velhas palavras, seja pela criação de novos vocábulos, para a manutenção do seu caráter criptológico. Uma vez preservado, a sensação ao falante será a de originalidade, a de superioridade em relação aos que não o compreendem e a de reforço para sua auto-estima, para sua segurança individual e para sua afirmação pessoal.

Justamente por essa *dinâmica lexical* efêmera da gíria como *signo de grupo*, torna-se difícil a produção de um dicionário de gíria que atenda ao rigor científico dos dicionários

de língua e, no caso específico do vocábulo gírio, que atenda à atualidade dos significantes e dos significados.

Afirma Preti (2004:78):

Os dicionários de gíria são obras de objetivos restritos. Ao contrário dos dicionários de língua que, pelas suas proporções e tiragem, atendem a objetivos culturais muito amplos (e, também, muitas vezes, predominantemente comerciais), os dicionários de gíria constituem empreendimentos pouco sedutores às editoras e surgem em edições restritas. Sua utilidade é circunstancial e, não raro, objeto de mera curiosidade dos consulentes. Apesar disso, esses trabalhos, quase sempre de pequeno rigor lexicográfico, trazem uma contribuição importante para o conhecimento de algumas facetas da cultura popular e da vida marginal, como a linguagem dos estudantes; dos grupos musicais, dos clubes e danceterias da noite; do mundo fechado dos tóxicos; da malandragem, do crime e das prisões; da polícia e dos quartéis; dos esportes de massa; enfim, da vida íntima de todos os grupos sociais fechados. Com um *corpus* tão diversificado, a tarefa primeira seria a de selecionar os vocábulos, dentro de uma concepção mais limitada do fenômeno gírio.

Se, por um lado, um estudo diacrônico da *gíria de grupo* apresenta muitas dificuldades, por outro, revela mais uma característica: a expressividade. A gíria vale pela intensidade do que expressa, pela adequação dinâmica, atual, simples e completa daquilo que se quer dizer e que será facilmente compreendido pelo interlocutor, membro desse grupo.

Sobre o uso da gíria e sua expressividade, Flexner (Wentworth & Flexner, 1967:9) comenta:

Mas quais, afinal de contas, são as vantagens que a gíria possui que a tornam útil? Apesar de nossa escolha de qualquer palavra específica poder ser geralmente feita a partir do hábito, às vezes escolhemos conscientemente uma gíria porque acreditamos que ela comunicará de modo mais rápido, pessoal e eficiente, do que uma palavra da norma culta. Às vezes recorremos à gíria por não haver palavras convencionais que possamos utilizar. [...] Também utilizamos gíria porque ela é geralmente mais vívida, vigorosa e expressiva do que as palavras de uso padrão. A gíria geralmente evita o sentimentalismo e a formalidade implícitos nas palavras mais antigas. (grifo nosso)

Mas o que é expressividade? Uma resposta é dada por Urbano (1999:116-7):

A expressividade é uma importante qualidade da linguagem em geral e da língua falada em particular. Liga-se à capacidade de os falantes – seus produtores – manifestarem suas emoções e de despertarem nos parceiros análogos sentimentos. Corresponde às funções que, na visão de Bally e de tantos outros, retomada por Mattoso Câmara, são objeto da Estilística.

Martins (2000:4), a partir de Bally, classifica os efeitos expressivos:

[...] Os efeitos expressivos, pelos quais o ser humano manifesta seus sentimentos e atua sobre o seu semelhante, são classificados em *naturais* (manifestações de prazer e desprazer, de admiração e desaprovação, processos de intensificação das idéias) e *evocativos* (que sugerem certo meio social ou certa época e aparecem, por exemplo, na língua familiar, na gíria, na língua profissional, na literária, etc.).

Também Martins (2000:88-9) enfatiza o caráter expressivo da gíria:

Entre as linguagens especiais, que evocam determinadas classes sociais ou grupos profissionais, é a gíria a que oferece maiores possibilidades expressivas, traços afetivos mais intensos. Diz Mattoso Câmara que a gíria assinala o estilo na linguagem popular, é o aspecto poético da linguagem falada. Dino Preti, que estudou a gíria em vários ensaios reunidos no livro *A gíria e outros temas*, ressalta que a gíria tanto pode ser uma forma de defesa da população marginal, como uma manifestação de agressividade da juventude, um reflexo do conflito das gerações. O vocabulário inicialmente restrito a um grupo pode generalizar-se, passando então a fazer parte do dialeto social popular. A necessidade de força expressiva faz que a linguagem gíria se renove constantemente, já que as expressões de uso intenso são sujeitas a rápido desgaste. (grifo nosso)

Um dos meios de verificação da expressividade do vocabulário gírio consiste no levantamento das metáforas, posto que, com base nessas, é possível perceber, identificar e analisar o modo como um determinado grupo ou uma certa comunidade interage com o meio em que vive, com os demais grupos sociais, e, principalmente no que toca ao presente estudo, como as comparações criptológicas revelam uma visão marginal da realidade e um comportamento irreverente e sarcástico ante os juízos depreciativos e discriminatórios de uma sociedade majoritariamente moralista e conservadora.

Sendo a gíria um fenômeno tipicamente oral, a fala é a sua forma de expressão por excelência e, também por isto, a sua expressividade e a sua carga significativa tendem a ser exacerbadas pela entonação, pelo gesto, pela postura corporal do falante.

Esse falante, o qual tem por intenção atribuir maior afetividade à sua fala, ao se expressar, empregando um vocábulo gírio, muitas vezes, acaba por revelar uma ou mais facetas da sua personalidade.

Vanoye (2003:274), ao relacionar expressão e personalidade no processo comunicativo, declara:

Pela linguagem, o indivíduo exprime sua existência, seus sentimentos, suas opiniões, sua maneira de estar no mundo. Expressão e comunicação verbais praticamente não são dissociáveis: falo e escrevo para comunicar alguma coisa a alguém, mesmo que seja apenas minha existência como “ser falante”. Falar é se afirmar perante os outros. É também manifestar seu domínio sobre as coisas pela sua nomeação. É a fala que permite organizar o universo pela distinção e pela classificação de seus elementos. Ela fixa o saber na memória e o torna maneável e utilizável.

No processo de afirmação da identidade perante uma dada sociedade, a fala não deixa de ser uma forma de verificação do grau de inserção do indivíduo no contexto sócio-cultural, ou seja, no limite do processo comunicativo, a gíria criptológica é uma resposta lingüística de exclusão dada pelos marginalizados, para aqueles que compõem o grupo majoritário, o qual quer discriminá-los ou afastá-los de seu convívio.

Dessa forma, a fala é ativa, expressiva e identitária, como afirma Burke (1995:40-1):

[...] Minha última tese (mais uma vez ecoando os sociolinguistas) é a de que falar é uma forma de fazer, a língua é uma força ativa na sociedade, um meio pelo qual indivíduos e grupos controlam outros grupos ou resistem a esse controle, um meio para mudar a sociedade ou para impedir a mudança, para afirmar ou suprimir as identidades culturais.

A gíria firma-se, então, como um vocabulário individual que aponta para uma resistência à padronização lingüística que tende a ser imposta pelos meios de comunicação de massa e aponta para uma busca pela originalidade e, portanto, pela expressividade.

Nesse contexto, Preti (2004:103) declara:

Com seus recursos expressivos, a gíria pode funcionar como mecanismo de compensação, de catarse social, de purgação para o homem, que nela encontra uma das formas de extravasar sua revolta e frustração em relação às injustiças sociais. E o faz por meio do humor, da ironia, da agressividade, da malícia de suas imagens, da sistemática oposição a tudo que remeta aos valores estabelecidos pela sociedade, aos tabus morais reverenciados pela tradição.

Pelo exposto, a gíria não deixa de ser um registro metafórico da realidade por aqueles que se sentem, ou são, efetivamente excluídos pela sociedade, cujos paralelos ou cujas comparações apontam para uma valoração crítica do grupo minoritário, podendo ser irônica, agressiva ou bem humorada.

Sobre as relações entre metáforas, realidade e cultura, Lakoff & Johnson (2002:243-4) assim se posicionam:

A idéia de que metáforas conseguem criar realidades desafia as posições mais tradicionais sobre metáforas. Isso se explica pelo fato de a metáfora ter sido vista tradicionalmente como simples fato da língua e não como um meio de estruturar nosso sistema conceptual e os tipos de atividades diárias que desenvolvemos. É muito razoável presumir que simples palavras não mudem a realidade. Mas as mudanças em nosso sistema conceptual realmente alteram o que é real para nós e afetam nossa percepção do mundo, assim como as ações que realizamos em função dessa percepção. [...]

Cada cultura deve propiciar uma forma mais ou menos bem sucedida de lidar com o seu ambiente, tanto adaptando-se a ele como o transformando. E mais, cada cultura deve definir uma realidade social na qual as pessoas tenham papéis que façam sentido para elas e em termos dos quais possam agir socialmente. Não seria surpreendente que a realidade social definida por uma cultura afetasse sua concepção de realidade física. O que é real para um indivíduo como membro de uma cultura é produto tanto de sua realidade social, como da maneira como ela molda a sua experiência do mundo físico. Já que a maior parte da nossa realidade social é entendida em termos metafóricos e já que nossa concepção de mundo físico é, em parte, metafórica, a metáfora desempenha um papel muito significativo na determinação do que é real para nós.

O processo metafórico de construção de sentido presente na gíria revela, mais uma vez, a sua dinâmica lexical e, portanto, a sua renovação.

A esse respeito, relacionando metáfora e renovação lexical, Bréal (1992:185) afirma:

A diversidade de meio social não é a única causa que contribui para o crescimento e para a renovação do vocabulário. Uma outra causa é a necessidade que carregamos de nos representar e de exprimir por imagens o que pensamos e o que sentimos. As palavras freqüentemente empregadas perdem seu efeito. Não se pode dizer que se gastam; se o único ofício da linguagem fosse de falar à inteligência, as palavras mais comuns seriam as melhores: a nomenclatura da álgebra não muda. Mas a linguagem não se dirige somente à razão: ela quer comover, ela quer persuadir, ela quer agradar. Também vemos, para as coisas velhas como o mundo, nascerem imagens novas, saídas não se sabe de onde, às vezes da cabeça de um grande escritor, mais seguidamente da de um desconhecido; se as imagens são exatas e pitorescas, elas encontram abrigo e se fazem adotar. No início, empregadas como figuras, elas podem tornar-se ao longo do tempo o próprio nome da coisa.

Embasada pelas considerações anteriores, as quais tencionaram expor a importância da metáfora no processo conceptual da realidade, no processo conversacional e na dinâmica do léxico gírio, torna-se oportuna a apresentação de uma definição dessa figura de palavra.

Para Bréal (1992:88), metáfora é “a percepção instantânea de uma semelhança entre dois objetos”.

Por sua vez, Camara Jr. (2002:166), dentre outras considerações, declara que metáfora “é a figura de linguagem que consiste na transferência (gr. *metaphorá*) de um termo para um âmbito de significação que não é o seu”, bem como “tem uma função expressiva, que é por em destaque aspectos que o termo próprio não é capaz de evocar por si mesmo”.

Ora, depreende-se que, no caso da gíria, seguindo-se Bréal, a percepção nem sempre será instantânea, posto que a relação simultânea entre o significante e o sentido figurado empregado só tende a ser estabelecida quando já conhecida essa possibilidade de uso.

Tal fato vem a reforçar o caráter criptológico, defensivo e excludente da gíria falada pelos membros da diversidade sexual, uma vez que, numa conversação em um ambiente que não seja no gueto, um vocábulo pode ser empregado e o sentido pode não ser compreendido pelos falantes próximos que, eventualmente, possam estar ouvindo o que se diz, como no caso de cliente, que passa de parceiro comercial para parceiro sexual.

Oportunas tornam-se, aqui, as palavras de Martins (2000:102) sobre as funções expressivas da metáfora, ao declarar que

[...] as metáforas têm o poder de apresentar as idéias concreta e sinteticamente, podendo não só intensificar como dissimular os fatos. Na atribuição de juízos de valor ela se presta admiravelmente ao exagero, quer na exaltação, quer na depreciação, e tem um papel importante na expressão da ironia. A não ser na linguagem científica, em que é evitada o quanto possível, pelo seu caráter de

imprecisão e subjetividade, ela está em todos os usos da linguagem, com os mais variados graus de expressividade e impacto. E mesmo as metáforas mais pobres, mais desgastadas, sempre indicam que o falante tenta dar às suas palavras um mínimo de emoção e vivacidade.

Numa apreciação conjunta das palavras de Camara Jr e Martins, anteriormente transcritas, e tomando-se como exemplo o mesmo vocábulo cliente, evidencia-se tanto o deslocamento do sentido quanto a função expressiva que, no caso específico, além de enfática, é depreciativa e irônica, pois, assim como a relação comercial é esporádica ou ocasional, mas pode conduzir à habitualidade, a relação sexual é mantida com um parceiro eventual, sem que isso implique, portanto, uma vinculação, seja sexual ou afetiva.

Mais uma vez, após as ponderações expostas e de acordo com o exemplo citado, Sociologia e Lingüística complementam-se, posto que a expressividade do vocábulo gírio também decorre, em grande parte, do modo como os membros de um grupo fechado interagem com os demais integrantes da sociedade e, usualmente, da forma como recebem o julgamento destes, seja com sarcasmo, ironia ou irreverência.

3.2. Gíria e jargão: uma questão de prestígio sociolingüístico

Por haver estudiosos lingüísticos que empregam, como sinônimos, *gíria* e *jargão*, torna-se necessário o estabelecimento de uma distinção, fundamental para dar contornos mais precisos ao que se entende, neste trabalho, por *vocabulário gírio de grupos marginalizados* como *signo de grupo*.

Verifique-se a definição de Camara Junior (2002:127):

GÍRIA – Em sentido estrito, uma linguagem fundamentada num “vocabulário parasita que empregam os membros de um grupo ou categoria social com a preocupação de se distinguirem da massa dos sujeitos falantes” (Marouzeau, 1943, 36), o que corresponde ao que também se chama JARGÃO. Os vocábulos da gíria ou jargão coexistem ao lado dos vocábulos comuns da língua: “a gíria só se torna tal porque se projeta num fundo de tela que não é gíria” (Krapp, 1927, 64); ela abrange o vocabulário propriamente dito e a fraseologia. (grifo nosso)

Dubois et al. (1978:356), por sua vez, classificam a gíria como gênero e o jargão como espécie, ao definirem que este é

[...] uma forma de gíria, utilizada em uma comunidade, geralmente marginal, que sente a necessidade de não ser compreendida pelos não-iniciados ou de distinguir-se do comum (...). Por extensão, *jargão* é empregado para designar

uma língua que julgamos deformada, incorreta ou incompreensível: fala-se, assim, do *jargão de um mau aluno*, do *jargão de um filósofo*.

Numa perspectiva histórico-social da linguagem e considerando o período entre os séculos XII e XVI, Burke & Porter (1997:8) declaram:

Como se espalhou de uma língua para outra, a palavra “jargão” mudou de significado e passou a se referir principalmente à linguagem do submundo, um tipo de gíria (como dizemos hoje em dia) que ajudava a tornar a atividade de pedintes, ladrões e vigaristas incompreensível para o cidadão comum. Era uma “antilinguagem” de uma contracultura ou uma linguagem para marginais.

Os autores (1997:10) também afirmam que, a partir do século XVIII, em vários países da Europa, como Alemanha, França, Itália e Portugal, “parece ter havido uma extensão semelhante do significado do termo ‘jargão’ e de seus sinônimos, revelando um conhecimento crescente da variedade de termos técnicos e de gírias usados por diferentes grupos sociais”.

Ante tal profusão de terminologias e uma ausência de limites mais nítidos entre tais variações lingüísticas uma consideração de Preti (1984a:36, nota 27) esclarece:

O conceito de *jargão* pode ser também o de *gíria*, no sentido restrito, isto é, de linguagem marginal, fechada, instrumento de defesa e identificação de um grupo. No sentido em que tomamos aqui é uma linguagem artificial, incompreensível ao ouvinte comum; de certa forma, pois, também fechada. Reflete pedantismo, tentando transmitir uma posição social, um prestígio, quase sempre falso do falante.

Uma vez estabelecido o *signo de grupo* como o traço de semelhança e de proximidade entre tais fenômenos lingüísticos, podem ser elucidadas as diferenças.

Depreende-se, assim, que a gíria mantém, ainda hodiernamente, uma relação com os grupos marginais, minoritários e discriminados pela maioria dos integrantes da sociedade organizada, apontando para a configuração de submundos, como o das drogas, dos presídios, dos guetos raciais e sexuais, enquanto que o jargão indica uma distinção vocabular entre as diversas formações acadêmicas, as práticas técnico-profissionais e as ordens religiosas (cf. Burke & Porter, 1997).

A diferenciação entre tais fenômenos lingüísticos vai, então, indicando um critério de valoração, o qual é ratificado pela maioria dos membros de uma sociedade.

Dessa forma, como o próprio prefixo já denota, os submundos mencionados possuem um valor negativo, depreciativo e, portanto, sem reconhecimento social, isto é, o comportamento de seus participantes, via de regra, não é referendado pela sociedade majoritária.

Em contraponto, aqueles que empregam os jargões tendem a receber um valor positivo, apreciativo e, assim, reconhecimento social. Ou seja, a conduta social de seus integrantes é referendada e estimulada pela sociedade majoritária.

Resta claro que os falantes de jargões desfrutam de maior prestígio social, de maior *status*, do que aqueles que falam as gírias.

Ambos fenômenos lingüísticos encontram-se, no entanto, sujeitos à efemeridade, posto que a interação social entre os grupos exige que a ação comunicativa seja desenvolvida num determinado contexto, o qual implicará, para sua inteligibilidade, a revelação do *signo de grupo* eventualmente empregado.

Nesse momento de conversação, em que o sentido é revelado e, paulatinamente, passa a ser incorporado por falantes que não compõem o grupo do qual o vocábulo se originou, ambos perdem o traço criptológico. Há, portanto, a passagem, gradativa, da gíria como *signo de grupo* para a configuração da *gíria comum* e da linguagem técnico-especializada para o *jargão*.

Acompanha-se, neste estudo, a conceituação proposta por Preti (1984a:26):

Os *jargões*, cuja definição é passível de muita controvérsia, devem ser aqui entendidos como uma linguagem técnica *banalizada*, pelo uso largamente ampliado e pelas formações neológicas abusivas, visando a certos efeitos, em particular aqueles decorrentes do *prestígio* lingüístico do vocábulo.

O assunto liga-se, também, às relações entre a linguagem e o *status* do falante, campo estudado pela Sociolingüística.

Gíria e jargão firmam-se, pelo exposto, como *variações lingüísticas* decorrentes de uma comunicação em certo contexto e, por conseqüência, como objetos de análise da Sociolingüística.

“Ao falar de contextualidade de ação”, Giddens (1999:308-9) declara:

A vida social humana pode ser entendida em termos de relações entre indivíduos que se “movem” no tempo-espço, associando ação e contexto, e diferenciando contextos, entre si. Os contextos formam “cenários” de ação a cujas qualidades os agentes costumam recorrer para orientar o que fazem e o que dizem uns aos outros (Giddens, 1984, cap. 1). A percepção comum desses cenários de ação constitui um elemento fixador no “conhecimento mútuo” graças ao qual os agentes entendem o que os outros fazem e dizem. O contexto não deve ser identificado com aquilo que torna idiossincrático um segmento particular de ação. Cenários de ação e interação, distribuídos ao longo do tempo-espço e reproduzidos no “tempo reversível” das atividades cotidianas, integram a forma estruturada que tanto a vida social quanto a língua possuem.

Segundo essa visão, presume-se que a significação esteja saturada nos cenários de ação prática. Os conteúdos significativos engendrados na língua não existiriam se não fosse a natureza localizada, embora reproduzida, das práticas sociais. A temporalidade e a espacialidade são essenciais para a geração e

manutenção dos conteúdos significativos, tanto na ordenação dos cenários quanto no uso reflexivo desses cenários para o intercâmbio verbal. (Giddens, 1999: 308-9)

Com tal perspectiva, as práticas sociais influenciam uma conversação, ou seja, há aspectos externos à língua que interferem num diálogo, como esclarece Mollica (2003:11):

[...] No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva).

Dois aspectos sociais constituem-se como de maior interesse para o presente estudo, pois mantêm uma relação mais estreita com a gíria e com o jargão, quais sejam, a *posição social* e a *profissão*.

Quanto ao primeiro, Preti (2003:28) discorre:

O *status* do falante também exige dele, não raro, um cuidado todo especial com a linguagem, freqüentemente com a finalidade de ser distinguido dentro do grupo em que atua. Podemos dizer, feitas as devidas ressalvas, que cada posição social tem sua linguagem. Um político, um chefe de Estado, um dirigente industrial, um “executivo”, assim como um bancário ou um operário, não têm, via de regra, o mesmo nível de linguagem, embora possam conviver diariamente na comunidade em que atuam. Seu *idioleto* (saber lingüístico individual) varia de acordo com sua cultura, posição social e instrução.

No tocante ao segundo, Preti (2003:28) afirma:

A *profissão* atuaria decididamente no campo da linguagem *técnica* ou *profissional*, em que os falantes utilizam um vocabulário (e, às vezes, também estruturas morfossintáticas) condizente com a sua atividade. Seriam exemplos o vocabulário dos vendedores ambulantes, dos médicos, dos advogados, dos militares, quando no exercício de sua profissão [...].

Com tais considerações, deduz-se, novamente, que, havendo a interação entre os diversos grupos que compõem a sociedade, sejam eles técnico-profissionais ou resultantes de outro traço comportamental distintivo, como o de orientação sexual, para uma comunicação que se pretenda eficaz é preciso que o *signo de grupo* seja rompido e, conseqüentemente, tenha o seu significado revelado.

Desloca-se, assim, o jargão, do *dialeto social culto* para o *comum*, e do *registro formal* para o *comum*. Já a gíria passa do *dialeto social popular* para o *comum*, e do *registro coloquial* para o *comum* (cf. Preti, 1984a:14).

Ao se centrar na análise da vulgarização de um *signo de grupo*, Cabello (1989:50-1) afirma:

É patente que a renovação da gíria é operada muito mais no sentido do que na criação de termos. Comparada ao jargão, a gíria renova-se mais rapidamente, dinamizando a linguagem popular, da qual é ramo. Pode-se dizer que, nessa dinamização, o jargão é responsável pelo neologismo, enquanto a gíria é responsável pelo neo-semanticismo.

A utilização da gíria, como a do jargão, é marca de identidade grupal. São ambos portadores de caráter criptológico e expressividade; entretanto, a necessidade e a renovação ocorrem mais acentuadamente na gíria que no jargão. É preciso atentar para o binômio: “vulgarização / renovação”. Isto porque nem sempre os termos vulgarizados, no caso da gíria, são abandonados pelo grupo integralmente. Alguns termos podem ser abandonados, mas, em contrapartida outros, são reaproveitados no momento em que se processa, por exemplo, uma transferência semântica.

Do enunciado, depreende-se, também, que há um descompasso constante entre o ato de fala e o estudo lingüístico, posto que a dinâmica das interações sociais e, por conseqüência, a renovação dos *signos de grupo* dá-se em maior ritmo do que os registros lexicográficos.

Isto implica reconhecer, principalmente num estudo gírio, que a visão sincrônica é a mais apropriada e que, quando da conclusão dos procedimentos acadêmico-científicos, ou seja, do levantamento de dados à apresentação desta dissertação, os sentidos atribuídos aos vocábulos, no momento da coleta de dados, já podem não ser os mesmos. Não o sendo, há a reiteração da efemeridade como característica desse fenômeno tipicamente oral.

Assim, a variação lingüística defensiva e criptológica que se pretende analisar no quarto capítulo, a gíria como *signo de grupo* daqueles falantes que compõem a diversidade sexual e que freqüentam as regiões do Arouche e dos Jardins, corresponde aos registros verificados entre o período de 07 de maio de 2004 e 28 de agosto de 2004.

Ressalte-se que ao sociolingüista deve importar mais a busca pela compreensão causal das relações entre a variação lingüística analisada e a sociedade na qual se insere do que a atualidade do glossário coletado.

4. ANÁLISE DO CORPUS: UM ENFOQUE LÉXICO-SEMÂNTICO

Há duas coisas boas nesta vida – liberdade de
pensamento e liberdade de ação.
W. Somerset Maugham

Para que se possa proceder a uma análise coerente e didática do *corpus* de primeira mão, coletado a partir de pesquisas de campo realizadas nas regiões do Centro e dos Jardins, são apresentadas, primeiramente, algumas noções teóricas sobre Lexicologia e Semântica, as quais fundamentarão a metodologia adotada.

Em seguida, propõe-se a divisão do estudo do glossário gírio em dois aspectos:

- a) quanto ao significado; e
- b) quanto ao significante.

4.1. Léxico e Semântica: breves considerações sobre significação

A gíria, uma vez restrita ao âmbito lingüístico, apresenta-se como uma variação lexical de uma língua.

Refletir sobre uma língua particular e, no caso, sobre a língua portuguesa, implica reconhecer a presença intrínseca e complementar de dois elementos estabilizadores e estabilizantes, num dado sistema lingüístico, quais sejam: o léxico e a gramática.

Neste momento teórico que precede a análise do *corpus*, a atenção estará centrada no estudo do *léxico*, tencionando-se demonstrar que cada *língua* exterioriza, expressa, comunica e significa a percepção que seus usuários possuem da realidade circundante, meio no qual interagem, ora como agentes, ora como pacientes.

Para que seja estabelecida uma comunicação inteligível entre, ao menos, dois interlocutores, é preciso que conheçam o código lingüístico utilizado, identificando-o verbalmente, isto é, na fala ou na escrita.

Como o presente estudo também está situado no campo da ciência Lingüística, a *língua* é o objeto que ora se pretende analisar, restringindo-se a breves considerações lexicais (semânticas) e gramaticais (fonológicas, morfológicas e sintáticas).

Preliminarmente, é necessário conhecer e delimitar algumas terminologias relacionadas ao conteúdo proposto, iniciando-se pela *Lexicologia*.

Sobre o objeto da Lexicologia e suas disciplinas subsidiárias, discorre Bechara (2001:54-5):

É tarefa da lexicologia o estudo dos *lexemas*, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes. Entende-se por lexema a unidade lingüística dotada de *significado léxico*, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralingüístico mediante a linguagem. [...]

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias [ECs.12, 46-48]:

a) *lexicologia da expressão*: estudo das relações entre os vários significantes léxicos enquanto tais, por exemplo, *amar* – *amante*, [...].

b) *lexicologia do conteúdo*: estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: *salário*, *ordenado*, [...]; ou *sair* x *chegar*, etc. (sinônimos, antônimos).

c) *semasiologia*: estudo das relações entre os dois planos, partindo da expressão para o conteúdo: o significante *hóspede* com os significados de ‘aquele que dá a hospedagem’ e ‘aquele que recebe a hospedagem’; [...].

d) *onomasiologia*: estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo: para o significado ‘dinheiro’ há os significantes *prata*, *massa*, *erva*, *caraminguá*, *arame*, *mango* (quase todos populares ou familiares).

A partir desse sucinto panorama da *Lexicologia*, torna-se adequado dar contornos mais precisos ao que é denominado *léxico* e, por sua vez, à *palavra* e ao *vocabulo*.

Martins (2000:71), ao expor sobre *a estilística da palavra*, reforça a noção de que a separação entre os elementos léxico-semânticos e morfossintáticos de uma língua é meramente teórica, como se pode verificar pelo fragmento ora transcrito:

A Estilística léxica ou da palavra estuda os aspectos expressivos das palavras ligados aos seus componentes semânticos e morfológicos, os quais, entretanto, não podem ser completamente separados dos aspectos sintáticos e contextuais.

Os atos de fala resultam da combinação de palavras segundo as regras da língua. Só teoricamente se separam léxico (palavras) e gramática (regras), visto que mesmo as palavras que têm um significado real, extralingüístico, só funcionam no enunciado com a agregação de um componente gramatical.

Conceituando, pois, *léxico* como “conjunto de palavras de uma língua”, Martins (2000:71) declara:

Este é o conceito tradicional, que tem como imagem o dicionário. É insatisfatório pela imprecisão do que se deve considerar palavra. (A definição mais geralmente aceita é a de forma livre que não pode ser dividida em formas livres menores; uma forma livre mínima é capaz de atuar como uma elocução completa.) Este conceito de léxico implica a divisão das palavras em lexicais e gramaticais, encontráveis nos dicionários, mas é discutível se as formas livres gramaticais são realmente palavras, visto que muitas delas não podem atuar como elocuções completas.

Percebe-se que léxico não é sinônimo de dicionário, mas com ele se relaciona, uma vez que tende a registrar uma parcela considerável do vocabulário de um povo, numa determinada região.

Esse vocabulário é articulado, é empregado verbalmente, com finalidade comunicativa, a partir de uma estrutura que é dada pela língua e pelos traços de significação a ela inerentes, sejam de natureza lexical ou de natureza gramatical.

Neste ponto, torna-se pertinente averiguar o *dicionário* e perceber as suas múltiplas possibilidades metodológicas.

Para Camara Junior (2002:96), *dicionário*, em sentido amplo, é “qualquer registro metódico de formas lingüísticas ou DIÇÕES, devidamente explicadas”, e cabe ao dicionário geral o registro do léxico da língua.

Quanto à organização dos vocábulos de uma língua, Camara Junior (2002:96) esclarece a distinção entre os dicionários comuns e os analógicos:

Ao lado dos dicionários comuns, em que os vocábulos são dispostos em ordem alfabética, há dicionários analógicos, que obedecem a uma orientação semântica (v.), agrupando as palavras pela analogia das suas significações. (grifo nosso)

Deixando-se o estudo da semântica para um momento posterior, é preciso retornar ao registro do léxico pelos dicionários comuns, para ratificar a constatação de que, apesar de haver uma inter-relação constante e complementar entre o dicionário e a gramática, elementos úteis e basilares para a manutenção do equilíbrio entre as forças centrípeta e centrífuga presentes numa língua, ambos não abrangem a complexidade do fenômeno lingüístico.

Assim, ao tentar equacionar as limitações presentes num método de análise das questões lexicais, ante o embate e o descompasso entre a força conservadora do registro léxico-gramatical e a força renovadora do uso da língua pelo falante, há de se concordar com Turazza (2002:154-5), ao dizer que,

[...] embora dicionário e gramática sejam, tradicionalmente, os fiéis depositários de uma língua e refiram-se, mutuamente e necessariamente, um ao outro, tratam-se de obras que não se reduzem a si próprias e nem tampouco uma à outra. Por conseguinte, quando se busca tratar os conhecimentos lexicais por princípios e fundamentos pelos quais se instituem critérios para o tratamento descritivo de regras gramaticais, deve-se estar ciente de que esse é um foco reducionista para a abordagem de questões lexicais. Tal reducionismo implica a perda da possibilidade de apreender os processos que deram (dão) origem aos dicionários e às gramáticas: a língua em seu uso efetivo, na sua contínua dinâmica de renovação.

Restringindo-se aos dicionários, Neves (2002:207) discorre sobre a concepção e a limitação deles:

Existe uma tradição lexicográfica que preside aos dicionários das línguas e que pode resumir-se no seguinte fato geral: para cada uma das entradas de um dicionário fornecem-se definições que constituem codificações semânticas fechadas em si e particulares, às quais o consulente deve submeter o item cujo significado ele precisa conhecer, num determinado momento de uso – passivo ou ativo – de uma língua.

Pela própria natureza desses dicionários – em que, desvinculadamente do uso, se busca oferecer um rol de significados potenciais – o consulente acaba não conseguindo aproveitar muito bem as opções oferecidas: de um lado, o recorte do espectro significativo total deixa lacunas, e, de outro, ele comporta superposições, o que resulta em prejuízo para o cumprimento da finalidade maior da obra, que é a sua aplicabilidade ao uso lingüístico.

Ora, o uso lingüístico ocorre na interação humana, que é pautada, via de regra, pelos sinais, gestos e palavras. Interessa, aqui, a fala.

Se a fala representa a variação, já que permite a criação individual do discurso, relaciona-se mais com o plano expressivo, ao passo que a língua e em particular a gramática, se representam a regularidade, direcionam-se ao plano comunicativo.

Ora, comunicação e expressão devem ser vistas em inter-relação de complementaridade, posto que aquilo que é dito, num contexto dialógico, deve ser interpretado pelo interlocutor a partir dos sentidos comuns permitidos dentro de uma determinada língua e compreendido dentro da especificidade expressiva, o qual, por seu turno, deve evidenciar tal entendimento e, querendo, continuar a interação.

O processo interativo acontece em sociedade e por meio dela. Partindo do pressuposto de que a interação ocorre, preponderantemente, pelo uso da língua, emprego manifestado pela fala ou pela escrita, pode-se afirmar que é a língua que apresenta de modo linear, ainda que paradigmaticamente, uma síntese da multiplicidade de sentidos possíveis e/ou prováveis, assim como será ela quem intermediará a explicitação do que é pensado para aquilo que é efetivamente dito, permitindo, então, ao interlocutor, segundo o seu conhecimento, a apreensão unívoca do diálogo ou da conversação.

A produção dos sentidos tem por base a cultura de um povo ou de uma nação. Neste ponto, a Etnografia é extremamente relevante e fundamental para os estudos lingüísticos, como já destacou Saussure (1998:13-4):

A Lingüística tem relações bastante estreitas com outras ciências, que tanto lhe tomam empréstados como lhe fornecem dados. Os limites que a separam das outras ciências não aparecem sempre nitidamente. Por exemplo, a Lingüística deve

ser cuidadosamente distinguida da Etnografia e da Pré-História, onde a língua não intervém senão a título de documento; distingue-se também da Antropologia, que estuda o homem somente do ponto de vista da espécie, enquanto a linguagem é um fato social.

Ante a diversidade de valores presentes em qualquer sociedade contemporânea, as mudanças axiológicas tendem a ser muito rápidas e, mesmo com a introdução de neologismos, o vocabulário de um povo também tende a atribuir novos sentidos às antigas lexias ou a agregar outros às já existentes. Passamos, assim, da *significação* para a *plurissignificação* e à *multissignificação*.

Diante das rápidas e constantes transformações por que passam o(s) homem(ns) e o meio, com o(s) qual(is) interage(m), embora a língua possua uma estrutura linear e tenda à regularidade, os seus integrantes gramaticais (fonológicos, morfológicos e sintáticos ou morfo-fonológicos e morfossintáticos) são mais estáveis do que os seus integrantes lexicológicos (léxico-semânticos).

Ao relacionar o processo interacional-comunicativo e o sistema de uma língua, Biderman (2001:11) declara:

O ato da comunicação falada ou escrita tem, pois, essas duas faces paradoxais: as coerções impostas pelo sistema lingüístico e a liberdade relativa que tem o sujeito de servir-se dos elementos constitutivos da língua. Em alguns níveis do sistema lingüístico a liberdade poderá exercer-se um pouco mais (domínio sintático e léxico), em outros será consideravelmente reduzida (domínio morfológico) e, por fim, poderá ser quase nula (domínio fonológico).

Até mesmo em razão de uma maior estabilidade e de campos de estudo mais restritos, a Lingüística, já como ciência constituída e autônoma, deu maior ênfase, ao menos até o início da segunda metade do século XX, aos estudos fonológicos, morfológicos e sintáticos, nesta ordem.

Mas as indagações que persistem desde a Antigüidade sobre as relações entre os nomes e as coisas adquiriram novas considerações teóricas com o desenvolvimento, dentre outras ciências, da Semântica e da Lexicologia, principalmente a partir da segunda metade do século XX.

Ante novos estudos, relembre-se uma questão, agora de outro modo: designar é significar? Ou, nos termos de Pietroforte & Lopes (2003:113-4),

[...] devemos tomar a segmentação do mundo em classes como qualquer coisa da ordem do “já dado” ou do “construído”? Em outras palavras, seria a estruturação do mundo em categorias algo previamente constituído nas próprias coisas ou dependeria ela das diferentes maneiras de olhar para o mundo? Se

aderirmos à primeira hipótese, levantaremos uma teoria escorada no referente externo à linguagem, ou seja, nas “próprias coisas”, supondo portanto que o homem tem acesso direto a elas, independentemente de quaisquer filtros interpostos pela sua inserção sócio-histórica ou cultural. Para essa visão, as línguas naturais seriam como que nomenclaturas apenas às coisas de um mundo preliminarmente discretizado, recortado. A segunda dessas hipóteses nos leva, ao contrário, a uma teoria da linguagem que privilegia os diferentes modos de mirar as coisas, concedendo prioridade ao ponto de vista, não ao objeto. Isso implica, por exemplo, que dois observadores pertencentes a comunidades lingüísticas distintas não vêem nunca exatamente o mesmo mundo. Sendo a semântica o estudo sistemático do *sentido* nas línguas naturais, cada uma dessas maneiras de construir a teoria da linguagem resultará numa semântica peculiar.

Na mesma direção, Martin (2003:113-4) declara:

[...] Depois dos trabalhos de etnolingüistas como E. Sapir e B. Whorf (nos anos 1920 e 1950), a tese da língua como visão das coisas se impôs na lingüística: cada língua recorta o real a seu bel-prazer, organiza o pensável, gera uma interpretação do mundo. Os significados lingüísticos não se superpõem de uma língua para outra: eles representam várias conceitualizações das coisas e dos estados de coisas. [...] A hipótese da língua como estruturação do real, como recorte conceitual dos dados do mundo, repousa na idéia de que a complexidade do real conduz inevitavelmente a interpretações divergentes; as línguas apreendem diversas facetas do real que elas organizam de acordo com suas necessidades. A isso se acrescenta o caráter de *continuum* que a realidade frequentemente assume, de tal sorte que o recorte não pode deixar de ser arbitrário (a oposição *dia/noite* impõe sobre a realidade uma dicotomia exclusiva, ao passo que deslizamos insensivelmente do dia para a noite e da noite para o dia; cada língua recorta a seu bel-prazer o espectro das cores, as relações de família, a experiência moral...). Em suma, a hipótese da denominação é insustentável.

Os significados lingüísticos nascem do real, mas eles o estruturam e o interpretam.

Biderman (2001:109), que adota a tese de Sapir-Whorf (cf. 2001:123), também ratifica o dito por Martin:

A hipótese de Sapir-Whorf foi muito divulgada em meio a lingüistas e antropólogos sobretudo nas décadas de cinquenta e sessenta. Para essa teoria, a conceptualização da realidade se revela claramente nas estruturas gramaticais e semânticas das línguas. Em outras palavras: todo sistema lingüístico manifesta, tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e da cultura com que ela se conjuga. Ou ainda: cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas. (grifo nosso)

Lopes (1995:233), ao acompanhar Alan Rey, delimita o que entende ser uma “semântica lingüística” e aponta para o processo de construção do sentido, o qual passa necessariamente pela interpretação, pela paráfrase metalingüística, como segue:

Uma “semântica lingüística” deve abranger, de acordo com Alan Rey (1969,7):

- (a) o estudo do léxico;
- (b) o estudo das estruturas gramaticais (morfologia e sintaxe).

Ela deve, por sua vez, ser abrangida pela Semiótica (no sentido de estudo das relações pragmáticas).

Sob o pressuposto de que o sentido constitui uma evidência, a Semântica constitui, sem dúvida, um dos mais antigos domínios da Lingüística; mas, por isso mesmo, ela se plasmou como o “menos científico” desses domínios.

Na realidade, o sentido não é nunca uma evidência, sendo, como sabemos, o plano dos significantes a única manifestação lingüística. O sentido, em si, é sempre o resultado de uma *interpretação*. De fato, atribuir tal ou qual sentido a uma mensagem significa construir uma metalinguagem parafrásica; ora, as parafrases são ou não científicas (isto é, da ordem da “compreensão intuitiva” do homem comum para quem “as palavras dizem sempre aquilo mesmo que desejam dizer”), ou científicas (isto é, são *modelos*, construtos mentais que objetivam descrever o funcionamento dos conteúdos lingüísticos, tal como as fórmulas matemáticas ou químicas).

Biderman (2001:151-2) contribui para que se entenda o porquê de um maior desenvolvimento dos estudos semânticos somente a partir da segunda metade do século XX, bem como enfatiza a atuação de Ullmann e a validade da definição que ele propôs para *palavra*, nos seguintes termos:

Na verdade, o alijamento da Semântica nas análises e teorizações lingüísticas era devido à grande dificuldade de considerar simultaneamente a forma e o significado; de fato, os açodados e convictos formalistas dos anos cinquenta e sessenta ficariam perplexos e sem ação se tivessem que introduzir as complexidades da significação nas suas teorias. [...]

[...] Ullmann constituiu uma exceção, nos seus trabalhos voltados especificamente para a Semântica: *Précis de sémantique française* (1952), *The Principles of Semantics* (1957) e *Semantics, An Introduction to the Science of Meaning* (1962). Em virtude de sua posição teórica, não é de estranhar que Ullmann considere a palavra como uma unidade semântica indecomponível. Se existem unidades gramaticais significantes, menores do que a palavra, elas não têm significação autônoma. E ele define a palavra: “a unidade semântica mínima do discurso”.

Ainda que não se adote a perspectiva da Lingüística Clássica, considerando a palavra o elemento central da língua, a definição de Ullmann será sempre verdadeira. Deve-se lembrar também que a palavra, na sua face semântica inclusive, é o objeto principal de duas disciplinas lingüísticas muito importantes: a Lexicologia e a Lexicografia. E é exatamente no interior dessas duas ciências, velhas de séculos, bem mais veneráveis em sua tradição que a própria Lingüística, que ganha primazia o enfoque semântico da palavra. (grifo nosso)

Ullmann (s.d.:64), cujas definições a seguir são adotadas para o presente trabalho, aponta os limites entre *lexicologia*, *morfologia* e *semântica* :

A lexicologia, por definição, trata de palavras e dos morfemas que as formam, isto é, de unidades significativas. Conclui-se, portanto, que estes elementos devem ser investigados tanto na sua forma como no seu significado. A lexicologia terá, por conseguinte, duas subdivisões: a *morfologia*, estudo das formas das

palavras e dos seus componentes, e a *semântica*, estudo dos seus significados. É este, pois, o lugar da semântica, no sentido estrito do termo, dentro do sistema das disciplinas lingüísticas.

Garcia (1998:198-9), por sua vez, propõe uma definição de lexicologia e aponta relações entre língua e léxico, bem como entre vocabulário e discurso, declarando:

Lexicologia é o estudo teórico, ou científico, do vocabulário – vocabulário aqui tomado no sentido lato de “catálogo das palavras de uma língua”; distingue-se da *lexicografia*, que é a técnica da confecção de dicionários. A primeira é ciência moderna, mas a segunda já era praticada desde a mais alta Antigüidade. Uma e outra cuidam do *léxico*, que é o conjunto de vocábulos de um idioma, e, como tal, ordinariamente empregado como sinônimo de “dicionário”, que é um repertório “aberto”, quer dizer, capaz de se enriquecer sempre (com neologismos, por exemplo). Mas, à luz de correntes lingüísticas mais em voga, “léxico” pode até, em certo sentido, opor-se tanto a “dicionário” – quando compreende apenas o elenco das palavras usadas por um autor, uma ciência ou uma técnica – quanto a “vocabulário”, pois o *léxico*, *lato sensu*, pertence à língua (“*langue*”), ao passo que o vocabulário pertence ao discurso (“*parole*”).

Fiorin (2000:226-7), ao comentar o anteprojeto de lei do deputado Aldo Rebelo que visa coibir o uso de estrangeirismos, fornece uma definição de léxico que aprofunda a oposição apontada por Garcia, consolidando-o como uma parte estrutural de uma língua:

O léxico de uma língua é constituído da totalidade das palavras que ela possui, consideradas do ponto de vista das invariantes semânticas, independentemente da função gramatical que exercem na oração. Ele permite verificar o grau de desenvolvimento social de um povo, porque nos mostra a quantidade e o tipo de conhecimento que ele detém. É reflexo da vida sócio-econômico-cultural de um povo e, portanto, contém a cristalização de sua vida material e espiritual. O léxico possui um fundo comum, que caracteriza uma língua e é tão resistente quanto a gramática, porque as noções que ele expressa, de um lado, não são afetadas por mudanças econômicas e sociais e, de outro, porque são de uso geral e coloquial. Esse fundo comum é o sustentáculo da estrutura léxica de uma língua. O resto do vocabulário pode modificar-se mais ou menos rapidamente, porque reflete a vida sócio-econômica de um povo.

Pelo exposto, depreende-se que o léxico está para a língua e nele prepondera a finalidade comunicativa, assim como o vocábulo está para a fala e nele prepondera a finalidade expressiva.

Assim sendo, fixando-se somente no nosso objeto de análise, a gíria, enquanto variação lexical, é uma forma particular, individual, de expressão e uma modalidade específica de comunicação num grupo restrito.

Este ponto de vista, qual seja, olhar a gíria como um reflexo social, determina uma linha de pesquisa sociolingüística, na medida em que há um interesse lingüístico pelo fato social.

Nessa direção, segundo Preti (1984a:15):

[...] estariam as pesquisas que objetivam, desde o início, essencialmente a linguagem, partindo-se do próprio vocabulário recolhido, de suas variações, do estudo de suas áreas semânticas, dos processos morfológicos de sua formação, para chegar-se à compreensão das variantes sócio-culturais que o produziram. Segundo este ponto de vista, de ordem sociolingüística, como é a sociedade que determina a linguagem, esta por seu turno, poderá vir a ser “um índice sensível de muitos processos sociais”, como se referia Labov.

Com esta perspectiva, a gíria como variação lexical, para ser lexicografada em dicionários de língua, torna-se, necessariamente, gíria comum. Enquanto variação de *signo de grupo*, havendo a divulgação do sentido, ou o vocábulo cairá em desuso pelos seus membros ou a ele será atribuído outro *sema*.

Nos dois casos, observa-se o uso da gíria como meio de expressão de um grupo fechado ou de uma coletividade.

Ao comentar sobre a expressividade do léxico urbano, Preti (2004:111) enfatiza o vocábulo gírio:

Um dos elementos importantes da expressividade do léxico urbano é a gíria, porque reflete o signo de grupo, isto é, um dos meios de realização individual do falante no grupo, verdadeira marca de identificação social. Podemos dizer mesmo que, dentro do processo avassalador de globalização, de nivelamento social do homem nas grandes cidades, é a gíria um dos últimos elementos identificadores, por meio do qual o falante se integra em seu grupo social, deixa marcada sua oposição à linguagem “oficial” da comunidade e conserva os traços mínimos de sua individualidade, sua e de seu grupo. Por isso, talvez o caráter efêmero desse fenômeno lexical, que se renova constantemente como a moda (outra marca individualizadora) seja a melhor expressão da dinâmica que caracteriza o espírito da sociedade contemporânea, na qual os costumes se transformam com uma velocidade nunca antes imaginada.

A gíria é um fenômeno tipicamente sociolingüístico, pois é uma consequência, em nível lexical, das estruturas sociais. Seu uso aproxima o falante de seu grupo, quebra formalidades, favorece interações em que há necessidade de os interlocutores se identificarem, pelo humor, pela irreverência, não raro, pela agressividade.

Ante o exposto, o estudo do vocábulo gírio insere-se no campo lingüístico da Lexicologia e da Semântica. Por consequência, o menor objeto de análise é, via de regra, a palavra (cf. Ullmann apud Biderman, 2001:151-2).

Como a gíria é uma variação lingüística, e a ciência que estuda as variações é a Sociolingüística, o fenômeno gírio consolida-se como uma variação sociolingüística.

4.2. Análise do *corpus* quanto ao significado

De acordo com as prévias considerações teóricas, propõe-se uma análise centrada nos significados dos vocábulos registrados.

Oportuno lembrar que um estudo científico deve pautar-se pela isenção axiológica de seu pesquisador.

A esse respeito, Preti (1984:3), ao estudar a linguagem erótica, adotou um comportamento que ora se busca acompanhar:

No tratamento do tema, procuramos, como é óbvio, colocar-nos dentro da fria posição do analista, encarando os vocábulos e expressões, por mais chulos que nos parecessem, como absolutamente normais, evitando qualquer tipo de juízo crítico sobre seu significado e uso, que implicasse numa posição moral perante a língua.

Com tal orientação, a metodologia adotada será a de agrupar os vocábulos gírios por campo lexical que, segundo Vilela (1979:60-1), “compreende um conjunto de unidades léxicas que dividem entre si uma zona comum de significação com base em oposições imediatas”.

Destaque-se que Vilela (1979:61) define *lexema* como sendo “a unidade de conteúdo expressa no sistema da língua e que ocupa uma parte do conteúdo do campo lexical”. Os *semas* são definidos como “as unidades menores constituídas por traços distintivos de conteúdo e constitutivas dos lexemas”.

Vanoye (2003:28-9), por sua vez, esclarece a distinção entre campo semântico e campo lexical:

Campo semântico é o conjunto das significações assumidas por uma palavra num certo enunciado. Após determinar a época de uso da palavra, faz-se o levantamento de todos os exemplos, tomando-se o cuidado de não separar a palavra do seu contexto, e estuda-se o material assim obtido. [...] Seja qual for o caso, procurar-se-á definir os empregos da palavra e fazer o levantamento dos termos aos quais esta se associa ou se opõe. Deduzir-se-á, então, o sentido da palavra no enunciado. [...]

Campo lexical é o conjunto de palavras empregadas para designar, qualificar, caracterizar, significar uma noção, uma atividade, uma técnica, uma pessoa. A partir de um texto ou de um conjunto de textos, faz-se o levantamento de todas as palavras ligadas a uma noção, estudando-se depois o material obtido. Pelo reagrupamento das palavras (opostas, sinônimas, associadas, etc.), obtém-se uma definição bastante precisa da noção dentro do texto considerado. [...] Poder-se-ia, do mesmo modo, estudar o campo lexical da amizade ou do amor na obra de um determinado autor. Ou, num procedimento inverso, determinar num texto os campos lexicais dominantes, estudar suas inter-relações, verificar se um dado termo pertence a vários campos (nesse caso o estudo dos campos lexicais confunde-se com o do campo semântico).

Essas noções de Vanoye aproximam-se dos campos onomasiológico e semasiológico de Baldinger, assim sintetizados por Biderman (2001:199):

Para Baldinger, na estruturação do Léxico, a onomasiologia representa a face das designações, ao passo que a Semasiologia representa a face das significações. Em outras palavras: um campo onomasiológico compreende todos os significantes (designações, nomes) de um dado significado. Inversamente, um campo semasiológico compreende todos os significados possíveis que possam traduzir um determinado significante (nome).

Adiante, Biderman (2001:201) declara a pertinência da metodologia onomasiológica nos estudos lexicológicos:

O enfoque onomasiológico é típico da Lexicologia. [...] O confronto de um campo onomasiológico com os campos semasiológicos afins demonstra que eles se interpenetram e se complementam. Portanto, a Onomasiologia e a Semasiologia constituem uma boa metodologia para o estudo da forma como se estrutura o Léxico de uma língua.

Por analogia, o campo semântico está para o campo semasiológico, assim como o campo lexical está para o campo onomasiológico.

Baldinger (1970:203), por seu turno, declara que, numa conversação, “oscilamos continuamente entre a onomasiologia (ao falar) e a semasiologia (ao escutar)”.

Com tais bases, podemos proceder ao levantamento de campos lexicais, no glossário que registra a gíria falada por aqueles que compõem a diversidade sexual, bem como freqüentam as regiões do Centro e dos Jardins, ressaltando a interdependência entre estes e os campos semânticos.

Foram identificados, ante tal metodologia, inicialmente, dezesseis campos lexicais, a saber: *heterossexual masculino; heterossexual feminina; homossexual masculino; homossexual feminina; travesti; órgão sexual masculino; órgão sexual feminino; relações sexuais; doenças sexualmente transmissíveis; interação (sexual ou afetiva); prostituição; dinheiro; pontos de contato; drogas; polícia; censura social.*

Quanto aos homossexuais masculinos, ante a especificidade de alguns vocábulos, são identificáveis outros campos lexicais, relacionados aos seguintes aspectos: papel na relação sexual; nível sócio-econômico; vestuário e etiqueta social; estados psicológicos; divulgação da orientação sexual; faixa etária; formas de chamamento.

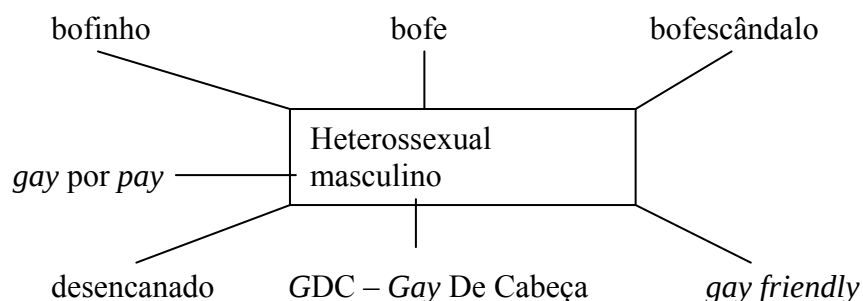
Igualmente, para os *travestis*, são propostos dois outros campos lexicais: *apetrechos e movimentos.*

No tocante às *relações sexuais*, estas são subdivididas em três outros campos: *ato sexual*, *sexo oral* e *sexo anal*.

Cumpra ressaltar que: a) para cada vocábulo gírio selecionado para um determinado campo lexical, considerou-se o predomínio do uso, nesse sentido, pelos homossexuais masculinos, por ser o grupo numericamente majoritário dentro do segmento da diversidade sexual; b) sendo polissêmicos e igualmente falados pelos membros que compõem a diversidade, alguns vocábulos aparecem em mais de um campo lexical, posto que podem manter relação de pertinência, sinonímica ou antonímica, com mais de um traço significativo proposto, como no caso de poderosa e de tia; e c) tencionou-se classificar as palavras gírias constantes do glossário em, pelo menos, um campo lexical.

4.2.1. Campo lexical para o heterossexual masculino (HT)

Referindo-se ao heterossexual masculino foram registrados sete vocábulos, apresentados pelo seguinte esquema:



Para que possam ser feitas algumas considerações sobre as gírias coletadas, elucidam-se os significados das mesmas:

bofe – HT; homem másculo;

bofescândalo – HT gostoso, atraente, bonito;

bofinho – HT jovem;

desencanado – HT simpatizante;

gay por pay – HT que mantém relação sexual eventual com outros homens mediante pagamento; expressão mais empregada nos Jardins;

gay friendly – HT sem preconceito, simpatizante; mais empregada nos Jardins; e

GDC – GAY DE CABEÇA – HT com comportamento gay.

Note-se que o **gay por pay** não é, necessariamente, o **michê** ou o **garoto de programa**. O primeiro mantém relações sexuais esporádicas com homossexuais e, muitas vezes, escolhe o parceiro, o qual, via de regra, paga no final do encontro. O segundo, por sua vez, faz da prostituição um ofício regular, tende a não selecionar a clientela e exige, normalmente, pagamento antecipado.

Os vocábulos utilizados para designar o heterossexual masculino, independente da sua faixa etária, costumam revelar uma exaltação à masculinidade e à virilidade. Dentro do universo homossexual, ouvir de alguém que “se parece **bofe**” é tido como um grande elogio, pois a pessoa tende a não apresentar traços afeminados que demonstrem a sua orientação sexual.

Para o simpatizante, isto é, para o heterossexual masculino que frequenta a noite paulistana, as regiões em análise, e não possui nenhuma atitude preconceituosa foram registrados três vocábulos: **desencanado**, **GDC – Gay De Cabeça** e **gay friendly**.

A atitude do **GDC – Gay De Cabeça** estaria próxima do comportamento do metrossexual, ou seja, do homem heterossexual que assume os cuidados com a vestimenta, com o corpo, que se preocupa com a aparência e não se importa com o fato de vir a ser confundido com o homossexual.

No estudo deste campo lexical uma gradação merece ênfase, qual seja: **bofinho**, **bofe**, **bofescândalo**.

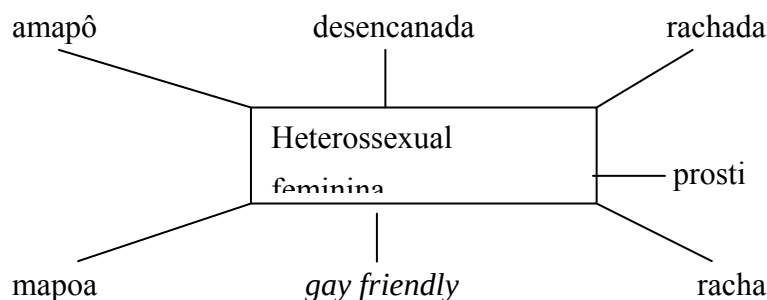
Esses três registros possuem em comum os traços da masculinidade, da atitude máscula e da heterossexualidade.

Há, no entanto, diferenças quanto à idade, pois **bofinho** refere-se ao HT jovem, com menos de 25 anos de idade, e **bofe**, ao HT com mais de 25 anos.

Para **bofescândalo** não há distinção etária, porque o corpo definido, delineado, a atitude extremamente máscula ou a beleza colocam a idade como um critério de menor importância.

4.2.2. Campo lexical para a heterossexual feminina (HT)

Designando a heterossexual feminina foram verificados sete vocábulos gírios, que podem ser assim visualizados:



A partir do esquema proposto, torna-se pertinente o conhecimento dos significados, como segue:

amapô – mulher; HT;

desencanada – HT simpatizante;

gay friendly – HT sem preconceito, simpatizante;

mapoa – mulher; HT;

prosti – mulher, prostituta que ganha a vida nas ruas;

racha – mulher; HT; e

rachada – mulher; HT.

Cumprе esclarecer que **amapô** e **mapoa** foram, inicialmente, empregadas somente por travestis e, depois, incorporadas pelos homossexuais masculinos, conforme relatos ouvidos durante as pesquisas de campo.

Por sua vez, ainda embasado pelos mesmos depoimentos, **racha** e **rachada**, a princípio predominantes no Centro, foram, paulatinamente, assimiladas pelo público da região dos Jardins.

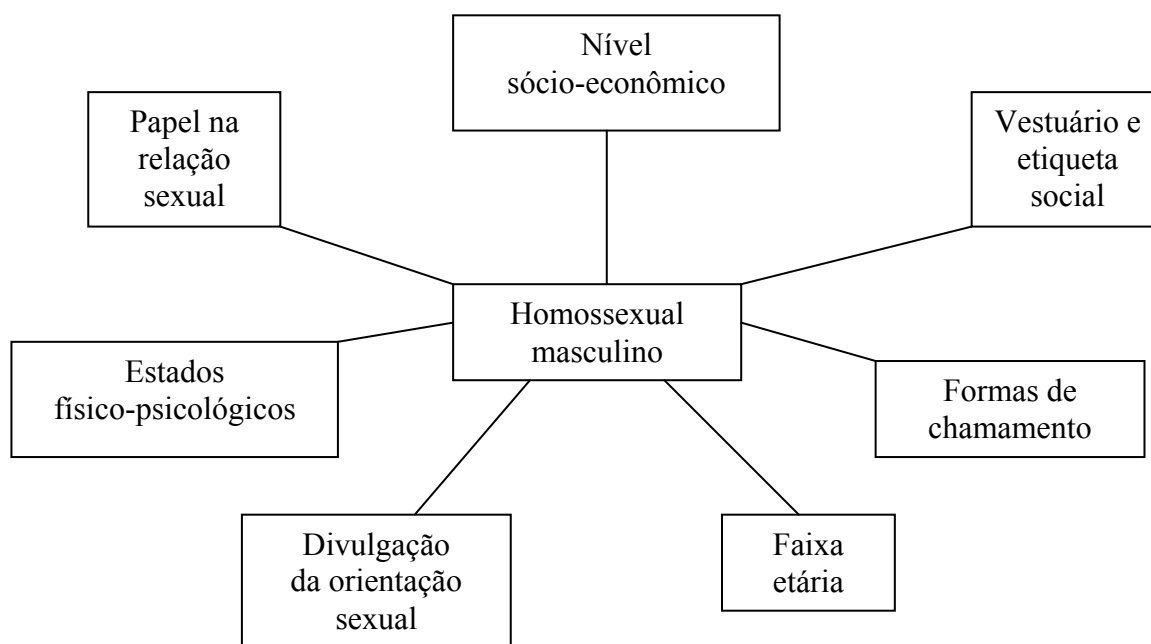
Regularmente, quando os homossexuais masculinos e os travestis se referem à mulher, os termos tendem a ser pejorativos e, não raro, agressivos.

Para a heterossexual feminina simpatizante aplicam-se dois vocábulos gírios também empregados para o heterossexual masculino simpatizante, quais sejam: **desencanada** e **gay friendly**.

Observou-se, ainda de acordo com as pesquisas de campo, que a gíria **prosti**, como redução de prostituta, externa um tom de naturalidade, de aceitabilidade ou de tolerância de tal atividade. Às vezes, pode denotar até afetividade ou compor uma forma de chamamento, para troca de cumprimentos, mesmo entre homossexuais masculinos ou entre travestis.

4.2.3. Campo lexical para o homossexual masculino (HM)

Há uma série de vocábulos gírios para designar o homossexual masculino e, ante a multiplicidade de aspectos considerados, propõe-se uma subdivisão, a seguir esquematizada.

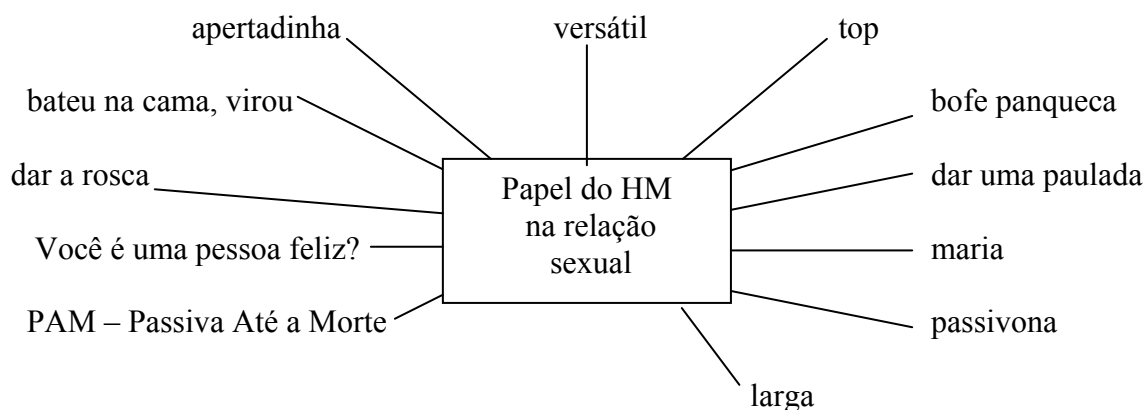


Cumprе esclarecer, desde logo, que, embora conhecidos e já pertencentes à *gíria comum* (Preti, 1996:139-40), os termos *gay*, *bicha* e *veado* ainda são freqüentemente utilizados pelos homossexuais, tanto masculinos quanto femininos.

O que ainda preserva o traço de *signo de grupo* é a gradação existente entre esses termos. **Gay** é empregado para designar o homossexual que apresenta atributos positivos como elegância, simpatia, educação, beleza. **Bicha** é usado, normalmente, para indicar atributos negativos ou pejorativos como pobreza, falta de educação, grosseria, comportamento feminino. **Veado**, quando usado por um homossexual, indica que ele é recém-ingresso no “mundo *gay*” ou assumiu a sua orientação há pouco (“saiu do armário”), pois este termo é o mais agressivo, o mais pejorativo. Normalmente, *veado* é a forma de chamamento empregada pelos heterossexuais preconceituosos.

4.2.3.1. Quanto ao papel na relação sexual

Inicialmente, vejamos um esquema dos vocábulos registrados e que fazem referência ao papel do homossexual masculino na relação sexual.



Conforme o papel (ativo ou passivo), podem ser citados, de acordo com o *corpus* constituído, os seguintes significados para as gírias já apontadas:

apertadinha – HM virgem; aquele que não foi passivo ou teve poucos parceiros sexuais;

bateu na cama, virou – HM passivo;

bofe panqueca – HM com postura máscula, mas passivo;

dar a rosca – ser passivo;

dar uma paulada – ser ativo;

larga – HM passivo;

maria – HM somente passivo;

PAM – PASSIVA ATÉ A MORTE – HM somente passivo;

passivona – HM somente passivo;

top – HM ativo;

versátil – HM tanto ativo como passivo; e

Você é uma pessoa feliz? – ser passivo; feliz é “quem dá a rosca”.

Embora os próprios homossexuais masculinos externem comentários desfavoráveis à atribuição de papéis preestabelecidos para a relação sexual, o que se observa é a manutenção da classificação entre *ativo* (aquele que realiza a penetração anal) e *passivo* (aquele que é penetrado), com a valorização do primeiro, em detrimento do segundo.

Tal classificação, via de regra, é atribuída, previamente, nos primeiros contatos visuais e/ou sociais, de acordo com a presença ou a ausência de traços femininos no homossexual avaliado, o que também contribui para o reforço do estereótipo na sociedade heterossexual.

A própria distribuição das gírias, no esquema proposto para este campo, tentou facilitar a percepção da valorização social daquele que reproduz o comportamento ativo, dominador, reforçando a noção machista, que ainda permeia a sociedade.

Há, nitidamente, uma escala valorativa, pois **top** é aquele que só é ativo e, via de regra, também ostenta uma postura máscula. Com tais atributos, firma-se como o mais desejado e o mais prestigiado.

A seguir, **versátil**, porque, publicamente, tende a revelar o seu gosto ambivalente e a ostentar uma atitude nem tão máscula, nem tão afeminada.

Apertadinha pode indicar virgindade, pouca experiência sexual (anal) ou poucos parceiros sexuais. Este homossexual é valorizado pela pouca vida sexual, mas tende a ser desprestigiado se optar somente pela prática passiva.

No plano da ilusão, daquilo que parece mas não é, encontram-se as expressões gírias **bofe panqueca** e **bateu na cama, virou**. O homossexual ostenta uma atitude máscula, que leva a crer no desempenho de um papel ativo e, no momento da relação, é passivo.

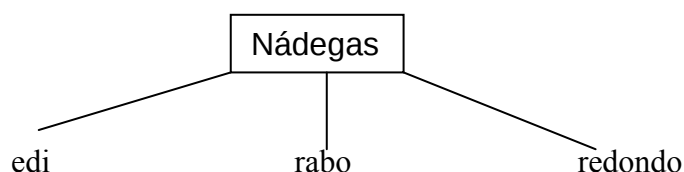
Duas expressões gírias complementam-se e esclarecem o papel de cada homossexual na relação. Um vai **dar uma paulada** (ser ativo) e o outro vai **dar a rosca** (ser passivo).

Ironicamente, embora a prática sexual passiva seja desvalorizada no segmento da diversidade sexual, a felicidade aparece associada ao sexo anal, como se deduz da seguinte pergunta: **Você é uma pessoa feliz?**

Uma expressão empregada, geralmente, para provocar o riso é **PAM – Passiva Até a Morte**.

As gírias **maria**, **passivona** e **larga** expressam uma valoração altamente pejorativa, agressiva e, não raras vezes, provocativa, revelando algum grau de hostilidade entre os falantes.

Como é o uso, ou não, do ânus que estabelece a distinção entre os papéis ativo e passivo, oportuna se torna a indicação das gírias registradas para as nádegas, conforme esquema proposto:



Os três vocábulos foram registrados como signo de grupo, significando:

edi – ânus;

rabo – bunda; e

redondo – ânus.

O vocábulo amplamente utilizado pelo público de ambas regiões é **edi**. Inicialmente falado pelos travestis, foi incorporado pelos homossexuais masculinos, segundo relato dos primeiros.

Ainda com base nas mesmas declarações foram assimilados os vocábulos relacionados à evacuação, como **fazer a nena** e **ver a nena**.

A animalização também se faz presente, pois há a correspondência entre rabo e nádegas.

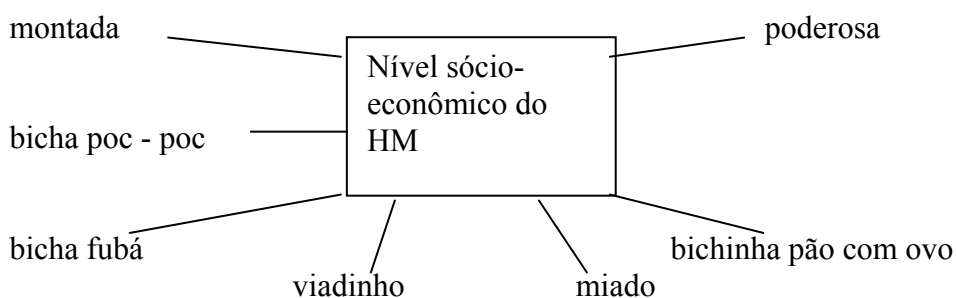
Durante as visitas, pôde-se observar uma regularidade nas associações entre larga e redondo, reservando-se este para situações pejorativas, agressivas ou depreciativas.

Ressalte-se a relação metonímica estabelecida, da parte pelo todo, de ânus para nádegas.

Pertinente notar, desde já, que serão destacados vinte e um vocábulos para designar o pênis e apenas três para as nádegas. Isto pode indicar e ratificar a valorização da virilidade e do desempenho sexual ativo dentro do segmento homossexual masculino, em detrimento da prática passiva, anal, também possível para os heterossexuais.

4.2.3.2. Quanto ao nível sócio - econômico

Foram registrados sete vocábulos que apontam para uma valoração da condição sócio-econômica dos homossexuais masculinos, como sugere o esquema que segue:



Entre os próprios homossexuais masculinos, segmento já marginalizado pela sociedade majoritária, estabelece-se uma discriminação pautada pelo critério sócio-econômico, como revelam algumas gírias, a seguir apresentadas:

bicha fubá – HM pobre;

bicha poc-poc – HM que utiliza o ônibus como meio de transporte; HM que só anda a pé;

bichinha pão com ovo – HM que não merece muito respeito; quem não tem muitos atrativos; pobre;

miado – HM sem dinheiro;

montada – HM que tem ou está com dinheiro;

poderosa – HM rico; e

viadinho – HM pobre; bicha pobre.

Os sufixos diminutivos *-inha* (**bichinha**) e *-inho* (**viadinho**) indicam o juízo depreciativo decorrente da escassez de recursos monetários.

Quanto aos alimentos (**fubá**, **pão** e **ovo**), que, via de regra, compõem uma cesta básica, também exercem uma função depreciativa e, nos casos observados, deslocam-se da classe gramatical dos substantivos para a dos adjetivos.

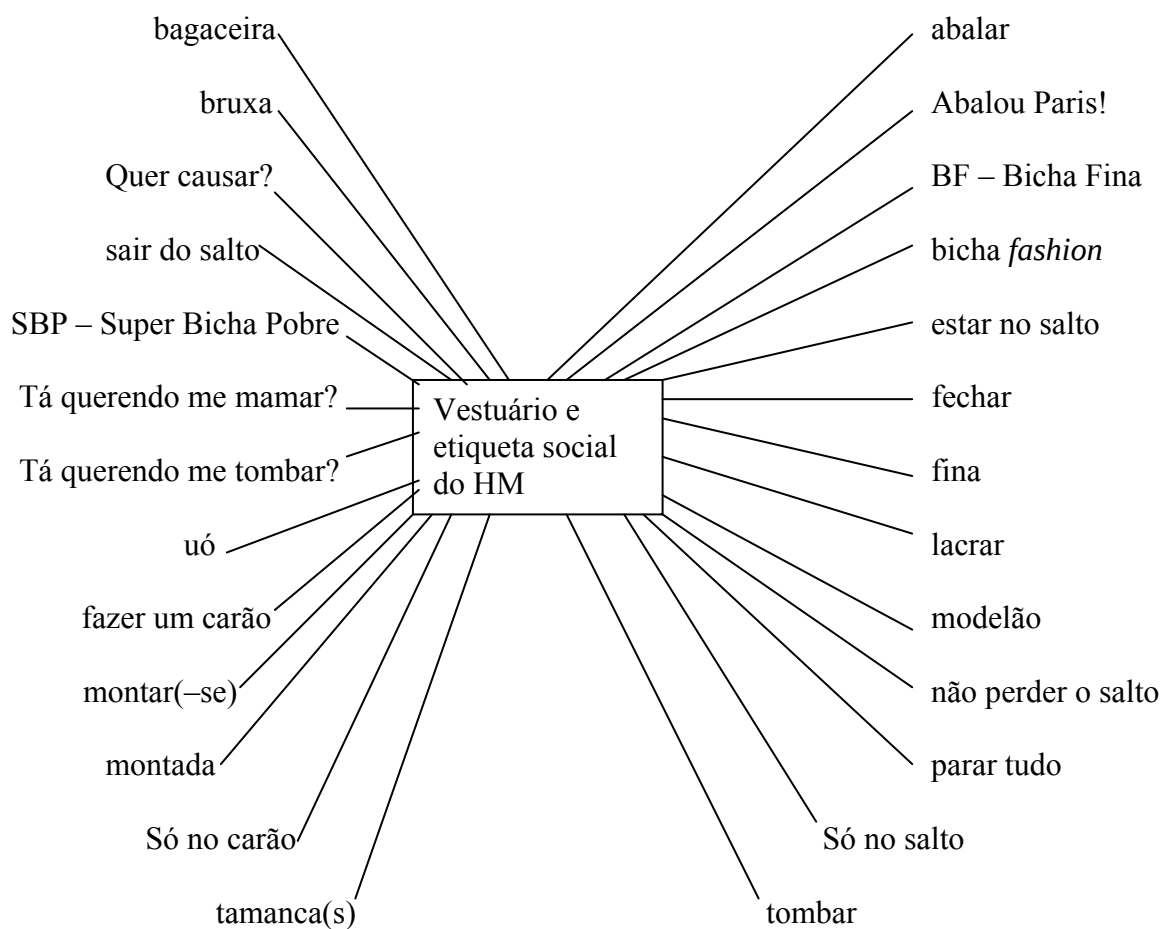
A onomatopéia **poc-poc** visa a reproduzir o som emitido pelo impacto da sola do sapato na calçada, indicando a caminhada feita pelo HM que só tem os pés como forma de locomoção e/ou depende de transporte público.

Poderosa, **montada** e **miado** reforçam as relações sócio-culturais entre dinheiro e poder. Quem possui capital goza de maior prestígio social do que aquele que não o detém.

Ainda quanto a esses três vocábulos, o gênero feminino para os dois primeiros enfatiza a valorização no gueto, enquanto que a manutenção do gênero masculino para o terceiro aponta para uma discriminação no próprio segmento e para uma repetição (indesejável) da condição sócio-econômica da maioria da população.

4.2.3.3. Quanto ao vestuário e à etiqueta social

Para este campo lexical, a distribuição das gírias registradas já procurou indicar uma valoração positiva (à direita), ambivalente (canto inferior à esquerda) ou negativa (à esquerda), conforme o seguinte esquema:



Os homossexuais masculinos também revelam a preocupação com a vestimenta e com o comportamento social esperado dentro do próprio segmento, e esta valoração é refletida nos próprios vocábulos ou expressões gírios, mencionados abaixo:

abalar – “arrasar”; estar bonito, elegante; encontrar alguém interessante ou conseguir alguma coisa boa;

Abalou Paris! – arrasar; não ter para ninguém; ser melhor do que todos; conseguir o que há de melhor;

BF – BICHA FINA – HM elegante; educado; bonito;

bagaceira – local ou pessoa de baixo nível;

bicha *fashion* – HM bem produzido, bem vestido;

bruxa – HM masculino feio, grosseiro;

estar no salto – HM bem arrumado, bem vestido; ter superado uma separação;

fazer um carão – não corresponder à paquera; ser metido;

fechar – fazer sucesso; chamar a atenção;

fina – HM elegante;

lacrar – fechar; fazer sucesso; chamar a atenção; despertar interesse;

modelão – estilo; figurino; elegância;

montada – travestida; bem vestida; ter dinheiro;

montar(-se) – produzir-se (vestir-se bem); vestir-se como uma *drag queen*;

não perder o salto – **não perder a pose; manter-se na linha, apesar das circunstâncias adversas;**

parar tudo – arrasar; brilhar; chamar a atenção;

Quer causar? – **chamar a atenção; querer confusão, briga ou discussão; o convidado querer aparecer mais do que o anfitrião;**

sair do salto – perder a pose; irritar-se; participar de uma briga ou de uma confusão;

SBP – SUPER BICHA POBRE – HM mal vestido;

Só no carão – só na pose; metida; produzida; bem vestida;

Só no salto – só na pose; comportamento fino; HM elegante;

Tá querendo me mamar? – querer acabar com alguém; ser melhor do que outrem; querer humilhar outra pessoa;

Tá querendo me tombar? – querer acabar com alguém; ser melhor do que outrem; querer humilhar outra pessoa;

tamanca(s) – qualquer calçado; os próprios pés;

tombar – **abalar; chamar a atenção; ser melhor do que alguém; estar satisfeito sexualmente; e**

uó – feio; horrível; deselegante; desagradável; chato; monótono.

Como o próprio esquema evidencia, há um maior número de expressões para as condutas tidas como positivas (treze) do que para as negativas (oito).

Interessante perceber a associação implícita entre elegância e educação e que desta junção resulta ou resultaria a segurança pessoal e o sucesso, o reconhecimento social, como em **BF – Bicha Fina, fina e modelão**.

A própria idéia de altura, de superioridade, de adequação e de pertinência do comportamento social é exteriorizada pelas expressões **estar no salto, não perder o salto e só no salto**. A inadequação transparece em **sair do salto**.

Os modos de se vestir e de se comportar socialmente também aparecem sintetizados em gírias com evidente valoração sócio-econômica, como em **montada, SBP – Super Bicha Pobre, bagaceira, bruxa, uó**.

Novamente, verifica-se a repetição do estereótipo do grupo majoritário influenciando e sendo incorporado pelo grupo minoritário da diversidade sexual, pois há uma associação direta entre elegância, educação e condição econômica.

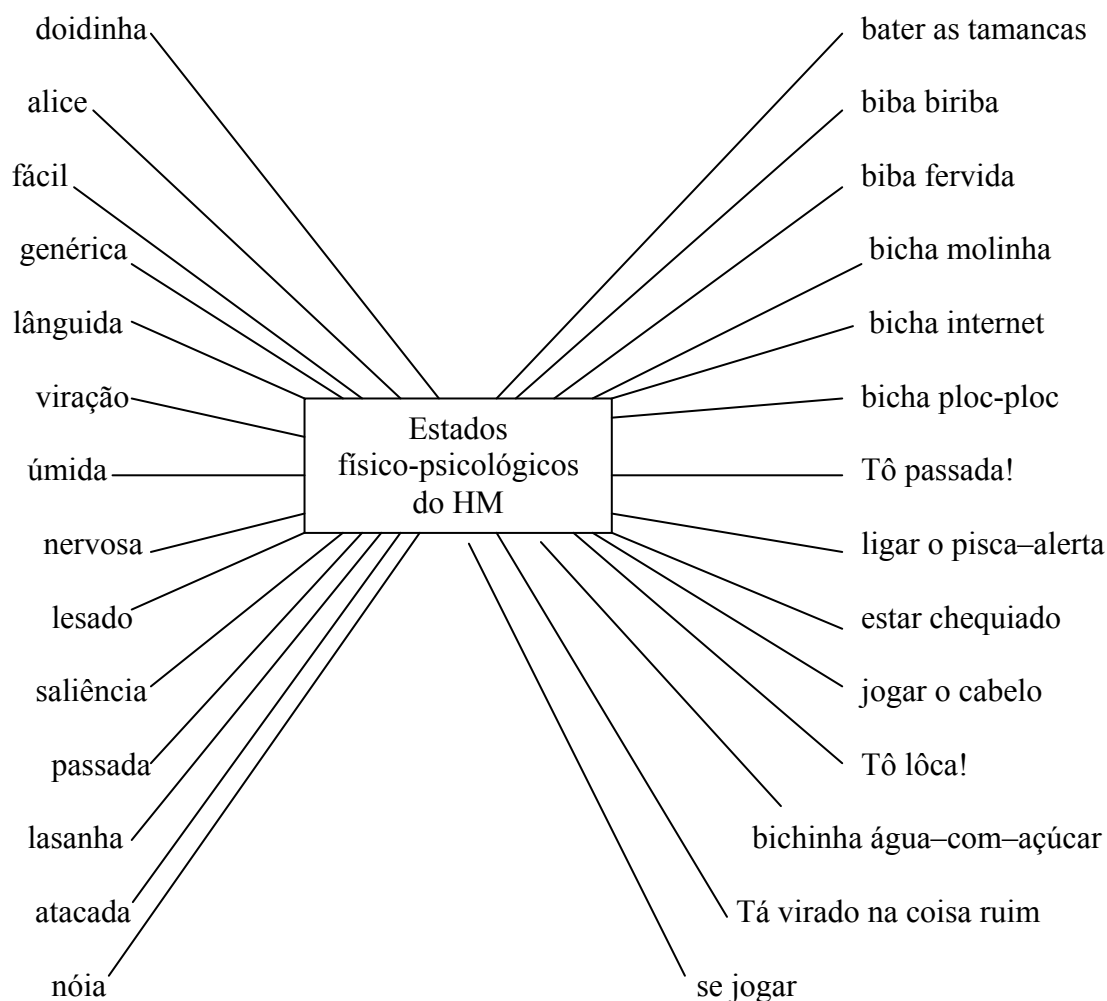
Mais uma vez, reproduzindo os comportamentos sociais esperados pela sociedade, a qual enaltece as pessoas que obtêm êxito, o segmento da diversidade sexual e, por consequência, dos homossexuais masculinos, também enfatiza o sucesso, como atestam os vocábulos e as expressões **abalar**, **Abalou Paris!**, **bicha *fashion***, **fechar**, **lacrar**, **montar(-se)**, **parar tudo** e **tombar**.

Como há comportamentos que possuem uma linha tênue para delimitar até que ponto uma conduta é gentil e a partir de que momento se torna grosseira, de acordo com o contexto, as expressões **fazer um carão** e **só no carão** podem ser adequadas, se fizerem referência à elegância e à timidez, mas inadequadas, se referentes à metidez ou à arrogância.

As formas pejorativas, agressivas ou irônicas podem ser identificadas em: **Quer causar?**, **Tá querendo me mamar?** e **Tá querendo me tombar?**

4.2.3.4. Quanto aos estados físico-psicológicos

Ante a multiplicidade de registros e de seus significados, um modo mais objetivo para apresentar o esquema deste campo foi pautar-se pela distinção lingüística entre o vocábulo gírio (à esquerda) e a locução gíria (à direita):



A diversidade de perfis e as várias reações individuais também externam o estado físico-psicológico, duradouro ou momentâneo, dos homossexuais masculinos, como podem corroborar as gírias que seguem:

alice – pessoa boba, inocente, fácil de ser enganada;

atacada – louca; nervosa;

bater as tamancas – bater os pés; querer as coisas de modo particular, pessoal; ficar nervoso; ser contrariado;

biba biriba – HM que “ferve”, que não pára; agitado; muito animado;

biba fervida – HM agitado, animado;

bicha internet – HM esperto; antenado, bem informado;
bicha molinha – HM muito afetado e lerdo, lento;
bicha ploc-ploc – HM popular, que entra de graça nas boates, por ser muito conhecido.

bichinha água-com-açúcar – HM romântico; sensível;
doidinha – HM apaixonado;
estar chequiado – estar meio depressivo;
fácil – HM que só diz sim; presente a todos os eventos; inocente; iludido;
genérica – HM que não discrimina, que não possui nenhum tipo físico de preferência;
jogar o cabelo – não dar importância; ser indiferente;
lânguida – descontraído, relaxado; insinuante; HM dissimulado;
lasanha – HM muito gostoso; atraente;
lesado – HM que está acometido de burrice súbita; alguém que exagerou nas drogas ou no álcool;

ligar o pisca-alerta – voltar a si; acordar;
nervosa – estado em que fica um HM que não encontra um parceiro sexual; vontade de manter relação sexual com alguém que acabou de passar por ele ou de ser visto por ele;

nóia – preocupação;
passada – HM atordoado; decepcionado;
saliência – ousadia;
se jogar – ir a algum lugar sem pensar muito; “cair de cabeça”; inconseqüente;
Tá virado na coisa ruim – muito nervoso; querer vingança; estado físico-psicológico alterado por alguma situação ou fato desagradável;

Tô lôca! – mau humor; muito animada; querer tudo numa noite só;
Tô passada! – expressão de espanto;
úmida – estado psicológico de excitação em que fica um HM ao ver passar um heterossexual ou um homossexual muito bonito, forte e/ou elegante; e

viração – loucura; estado de ânimo alterado; transformação física do travesti.
A inocência evidencia-se em **alice**, **fácil** e **se jogar**. Em oposição, a esperteza ou a atenção revelam-se em **bicha internet** e **ligar o pisca alerta**.

A descontração, a animação e a alegria constituem um dos sentidos de **biba biriba**, **biba fervida** e **lânguida**. Em contrapartida, a preocupação, a decepção e a tristeza aparecem em **passada**, **nóia**, **Tô loca!**.

A ansiedade e/ou o nervosismo também surgem como traços psicológicos dos homossexuais masculinos nas gírias **atacada**, **bater as tamancas**, **nervosa** e **Tá virado na coisa ruim**. Por outro lado, a depressão e a indiferença mostram-se em **estar chequiado** e **jogar o cabelo**.

A popularidade e/ou a empatia é reforçada em **bicha ploc-ploc**, **lasanha** e **úmida**.

A lerdice ou a dificuldade de raciocínio, também entre os homossexuais masculinos, são vistas como formas negativas de comportamento e estão registradas em **bicha molinha** e **lesado**.

De acordo com o observado, aquele que não possui nenhum tipo físico de preferência (**genérica**) é o que tem mais ousadia (**saliência**).

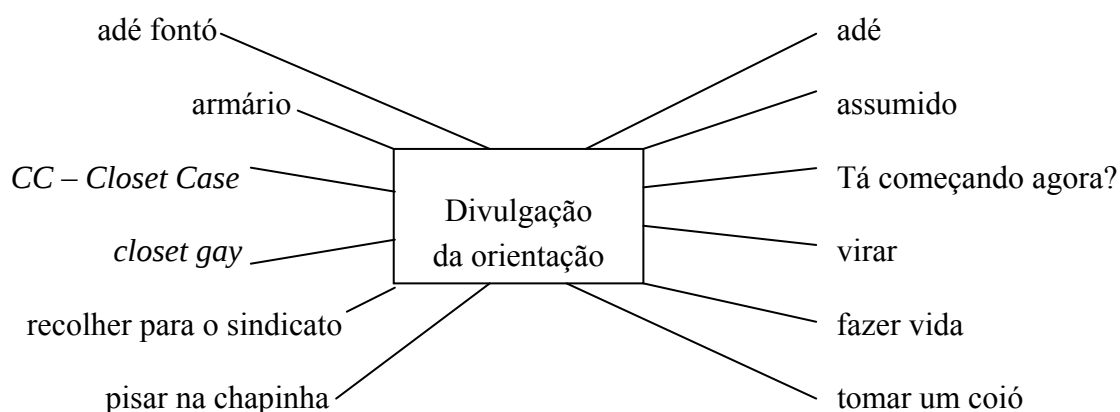
Diante de uma boa ou má notícia, a locução que mais se ouviu durante as pesquisas de campo foi **Tô passada!**.

Embora **viração** pareça ser mais usada para designar a transformação física do travesti, também é empregada para indicar um comportamento muito exaltado, muito animado, não raras vezes instigado pelo consumo de álcool ou de drogas.

Mais uma vez, o gênero feminino realça o comportamento esperado ou desejável em determinado momento, em certo ambiente ou em certa circunstância, como em **fervida**, **úmida** e **lôca**. O gênero masculino aponta para aquilo que é reprovável, censurável ou indesejável, como em **lesado** e **chequiado**.

4.2.3.5. Quanto à divulgação da orientação sexual

Propõe-se uma esquematização deste campo lexical a partir da divulgação (à direita), ou não (à esquerda), da orientação sexual do homossexual masculino:



Com a noção de que algumas gírias expõem a divulgação ou a omissão da orientação sexual de um homem, o sentido delas pode ser apresentado com maior precisão:

adé – HM assumido, isto é, aquele que divulgou publicamente a sua orientação sexual;

adé fontó – pessoa que não assume a orientação sexual;

armário – pessoa que não assume a orientação sexual;

assumido – pessoa que contou, recentemente, sobre sua orientação sexual para os outros;

CC – CLOSET CASE – pessoa que não assume a orientação sexual;

closet gay – HM que não assumiu a orientação sexual;

fazer vida – ter atuação homossexual ativa;

pisar na chapinha – ser HM, assumido ou não;

recolher para o sindicato – ser HM, assumido ou não;

Tá começando agora? – “sair do armário” recentemente; assumir a orientação sexual há pouco tempo;

tomar um coió – ser agredido por causa da homossexualidade; e

virar – passar da orientação heterossexual para a homossexual ou vice-versa.

Durante as pesquisas de campo realizadas para a constituição do *corpus* que ora se pretende analisar, um dos pontos que mais atenção despertou foi justamente o da divulgação da orientação sexual.

Isto porque para uma grande parcela dos homossexuais masculinos ouvidos assumir a própria orientação sexual é um progresso importante para a realização pessoal, para a construção da identidade, assim como é um passo a ser dado para a conquista de uma cidadania mais plena, independentemente das conseqüências.

Quanto à divulgação da orientação sexual, os vocábulos **adé** e **assumido** possuem uma relação sinonímica e, ao mesmo tempo, uma relação antonímica com as gírias **adé fontó** e **armário**, respectivamente.

Para os que não externam publicamente a sua orientação sexual também foram registradas, principalmente nos Jardins, as expressões, em inglês, **CC – Closet Case** e **closet gay**.

Virar, neste contexto, tende a significar aquele que ao assumir a homossexualidade quer **recolher para o sindicato** e quer **pisar na chapinha**, agora com consciência e sem medo das conseqüências.

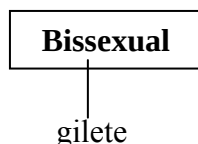
De acordo com o observado nas visitas de campo, essas duas últimas expressões gírias parecem carregar um sema de inconsciência ou de medo, traços que devem ser rompidos no “processo de viração”.

Do ponto de vista léxico-semântico, a trajetória de uma expressão é, no mínimo, curiosa. **Fazer vida**, inicialmente associada à prostituição feminina, foi incorporada pelos homossexuais masculinos e pelos demais membros da diversidade sexual para indicar “uma atuação política ativa”, para designar “alguém que defende as pretensões desse segmento”.

Embora as vítimas mais freqüentes nos crimes de agressão física sejam os travestis, as pessoas homossexuais, com maior possibilidade para aqueles que resistem, ostensivamente, a qualquer forma de discriminação, também podem ser lesadas corporalmente e, para tal ocorrência, empregam a expressão gíria **tomar um coiô**.

Cumprе esclarecer que algumas expressões ou vocábulos gírios, como **armário** e **assumido**, podem ser empregados tanto para os homossexuais masculinos quanto para as homossexuais femininas, razão pela qual se adotou a lexia *pessoa*.

Ainda quanto à divulgação da orientação sexual, há quem se declare bissexual. Segue o esquema proposto para essa pessoa:



A única ocorrência verificada e passível de registro é **gilete**, em referência à “lâmina que corta dos dois lados”.

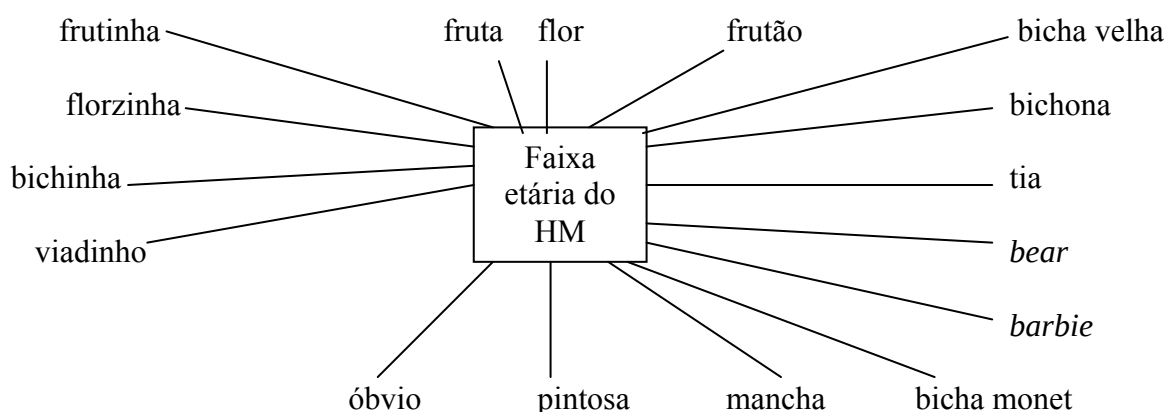
Esse vocábulo, mesmo já pertencente à gíria comum, ainda permanece como única forma de designação dentro do grupo dos homossexuais masculinos, para indicar o homem ou a mulher que mantém relação sexual com ambos os sexos.

Retomando os argumentos desenvolvidos no capítulo 2, no que toca a essa orientação sexual, quando freqüentam os locais em que predominam as pessoas que compõem o segmento da diversidade sexual, os bissexuais tendem a ser vistos como aqueles que não assumem a homossexualidade, pois teriam que renunciar à comodidade e à segurança da vida heterossexual, a qual é ratificada pela sociedade majoritária, e, por tais motivos, são também chamados de armário, de bofe panqueca e outros.

De acordo com o observado, a bissexualidade é uma orientação ostentada mais freqüentemente por homens do que por mulheres.

4.2.3.6. Quanto à faixa etária

Para uma melhor visualização deste campo, propõe-se um esquema assim distribuído: à esquerda, os vocábulos para os menores de idade ou com até 25 (vinte e cinco) anos; na parte central, aqueles com mais de 25 e menos de 45 (quarenta e cinco) anos; à direita, os homossexuais com mais de 45 anos e, na base, os que recebem tal designação, independente da idade.



Para os homossexuais masculinos, adotar como critério a faixa etária não é uma tarefa simples, posto que, via de regra, agregam a tal regime classificatório um outro valor, seja referente à beleza, a traços de feminilidade ou à condição social.

Sejam vistos alguns exemplos:

barbie – independente da idade, é o HM malhado; que tem o corpo bem trabalhado, definido. Normalmente, durante a noite e finais de semana, usa calça *jeans* apertada e camiseta branca mais justa ainda;

bear – independente da idade, é o HM peludo e, em geral, gordinho;

bicha monet – independente da idade, é o HM bonito de longe e feio de perto;

bicha velha – HM da terceira idade; HM com menos idade, mas ranzinza;

bichinha – HM jovem ou menor de idade; com trejeitos efeminados; pobre ou sem comportamento social adequado; desqualificada; termo altamente pejorativo;

bichona – bicha velha; HM da terceira idade; experiente; bicha espalhafatosa, com trejeitos efeminados; altamente pejorativo;

flor – termo genérico para HM, independente da idade;

florzinha – HM jovem e/ou que apresenta trejeitos afeminados;

mancha – normalmente, HM jovem, super feminino;

óbvio – independente da idade, homem cujos trejeitos já induzem à orientação homossexual;

pintosa – independente da idade, HM que apresenta menos trejeitos afeminados do que a **mancha**;

tia – HM da terceira idade; também pode indicar o HM somente passivo; e

viadinho – HM de pouca idade; menor de 18 anos; bicha pobre.

Esta gradação também é interessante, pois condensa dois critérios, o etário e o de masculinidade:

frutão – tanto o HM de mais idade (maior de 45 anos), quanto o HM bonito, sedutor, com atitude máscula;

fruta – o HM com mais de 25 anos e com menos de 45; e/ou efeminado ou nem tanto; e

frutinha – o HM com menos de 25 anos; e/ou muito efeminado.

Os sufixos diminutivos *-inha*, *-inho* confirmam a pouca idade e/ou a presença, pejorativa, de trejeitos afeminados, como atestam os vocábulos **bichinha**, **florzinha**, **frutinha** e **viadinho**.

O sufixo aumentativo *-ona*, em **bichona**, indica, além de mais idade, a depreciação pela presença de traços afeminados. Já o sufixo aumentativo *-ão*, em **frutão**, apesar da idade avançada, aponta para a valorização pela postura máscula.

Pelo observado, **flor** estaria para **óbvio**, assim como **florzinha** para **mancha**.

Pintosa, ainda respaldado pelas visitas de campo, apresentaria mais trejeitos do que o **óbvio** e menos do que a **mancha**.

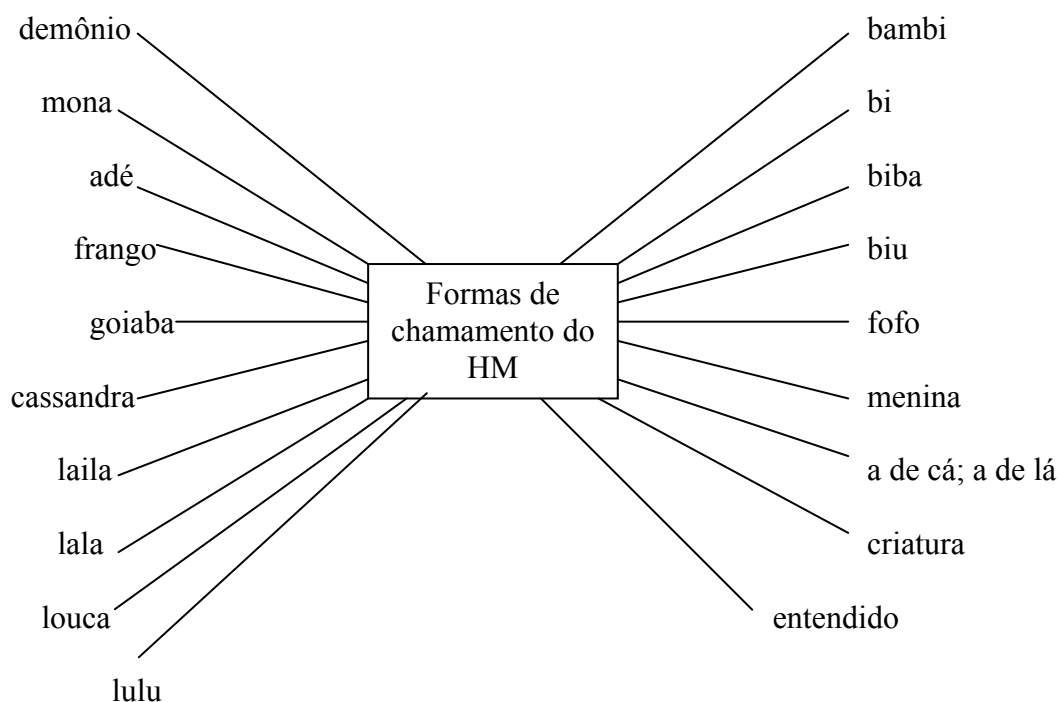
Nota-se, de acordo com os relatos ouvidos, uma preocupação, predominante, com a aparência física, mais para demonstrar um corpo bem torneado, com formas definidas (**barbie**) e, em geral, que reforcem as noções de masculinidade e de virilidade, assim como também contribuam para a manutenção de uma aparência de jovialidade.

Há outros grupos minoritários, dentro do segmento dos homossexuais masculinos, que apresentam determinadas particularidades ou preferências, como o daqueles que preferem homens obesos e peludos, chamados bears.

Entre os critérios de idade e de feminilidade na escolha de um parceiro sexual e/ou afetivo parece haver maior flexibilidade e, portanto, maior aceitação para a faixa etária do que para a apresentação de trejeitos femininos.

4.2.3.7. Quanto às formas de chamamento

Para a distribuição das formas de chamamento no esquema proposto procurou-se adotar o critério da civilidade, isto é, distinguir-se o modo respeitoso, afetuoso ou gracioso (à direita) da maneira pejorativa, ofensiva ou agressiva (à esquerda):



Há, portanto, formas peculiares de chamamento entre os homossexuais masculinos, como exemplificado e elucidado pelos sentidos apontados:

adé – forma de chamamento entre HMs e para os travestis chamarem os HMs;

a de cá; a de lá – forma de chamamento entre dois HMs conversando;

bambi – forma de chamamento carinhosa; em desuso;

bi – forma de chamamento carinhosa, afetiva entre HMs;

biba – forma de chamamento que indica intimidade ou classificação da orientação sexual de um homem;

biu – forma de chamamento carinhosa, afetiva entre HMs;

criatura – forma de chamamento entre HMs; pode ocorrer entre estes e simpatizantes;

demônio – forma de chamamento ofensiva entre HMs;

entendido – forma de chamamento normalmente empregada por HMs em ambientes heterossexuais e/ou acima de trinta e cinco anos;

fofo – forma muito efeminada de chamamento, mas carinhosa, afetiva; e

mona – inicialmente, os travestis empregavam essa forma de chamamento; em momento posterior, os HMs que freqüentam o Arouche passaram a adotá-la.

Outros vocábulos gírios ainda podem ser elencados: **frango** (em referência à posição sexual), **goiaba**, **menina**, **cassandra**, **laila**, **lala**, **louca** e **lulu**, sendo que as cinco últimas são mais utilizadas por travestis para se referirem aos HMs.

Parece que, para revidar, para intimidar ou até para se fazer respeitar, os travestis empregam as formas de chamamento mais ofensivas, como se verifica em **frango**, **goiaba**, **menina**, **cassandra**, **laila**, **louca**, **lulu**. **Adé**, embora pejorativa, não transparece tanta carga negativa quanto as mencionadas.

Demônio foi a única gíria efetivamente ouvida como sendo, em todas as ocasiões presenciadas, uma forma agressiva.

Quanto às formas afetuosas, destacam-se **bi**, **biba** e **biu**. Mais afetadas, mais efeminadas, mas não menos carinhosas seriam **bambi**, **fofo** e **menina**.

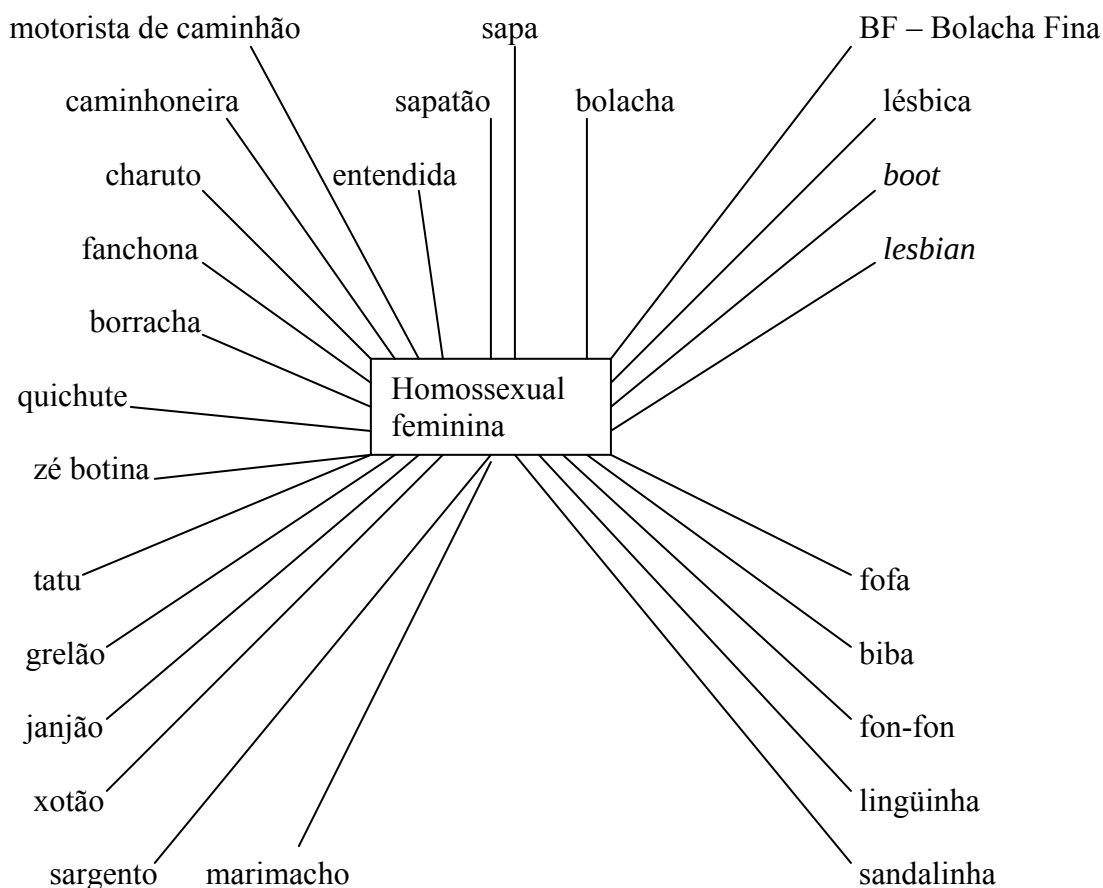
Entendido, conforme as pesquisas de campo, seria a forma de chamamento mais comedida, mais neutra, na medida em que tende a não indicar intimidade nem a provocar o riso.

Respeitosamente, mas visando à graça, ao riso e à descontração podem ser indicadas **a de cá**; **a de lá** e **criatura**.

Ressalve-se que, em consonância com o percebido durante as visitas realizadas, nesses como nos demais vocábulos que expressem algum juízo de valor, há a possibilidade da inversão do sentido comumente empregado pelo tom irônico do falante na conversação.

4.2.4. Campo lexical para a homossexual feminina (HF)

Procurou-se, ao elaborar o esquema para este campo, apresentar as várias formas de chamamento empregadas para as homossexuais femininas, desde as mais valorizadas (à direita superior), as mais cotidianas (no centro), as mais pejorativas (à esquerda superior), as mais agressivas (à esquerda inferior) e as menos agressivas (à direita inferior).



Os sentidos para alguns dos vocábulos gírios que designam a HF podem ser assim elucidados:

BF – BOLACHA FINA – HF rica, que freqüenta ambientes refinados;

biba – forma de chamamento pejorativa entre elas, porém simpática, amistosa quando conversando com um HM;

bolacha – HF comum, nem muito feminina, nem masculinizada;

boot – forma empregada pelas HFs que freqüentam os Jardins; mais descontraídas, podem ser confundidas com clubbers;

borracha – pejorativa; tanto pode se referir à borracheira, masculinizada, quanto às HFs comuns e que estão juntas ou prestes a manter relações sexuais (grudar, colar);

caminhoneira – HF masculinizada e que se veste regularmente com roupas masculinas; forma de chamamento muito pejorativa;

charuto – HF muito masculinizada; fumante, faz o cigarro parecer um charuto pela postura que assume;

entendida – o chamamento mais utilizado pelas HFs;

fanchona – altamente pejorativo; mulher com comportamento muito masculino;

fofa – forma de chamamento irônica entre elas, porém íntima quando conversando com um HM;

fon-fon – HF; chamamento mais empregado por travestis;

grelão – HF; chamamento mais empregado por travestis;

janjão – HF; chamamento mais empregado por travestis;

lesbian – abreviatura de *lesbian chic*; HF fina, bonita, elegante, educada; atributos positivos; vocábulo mais empregado nos Jardins;

lésbica – HF fina, educada, bonita, feminina;

lingüinha – HF;

marimacho – forma pejorativa; normalmente empregada por travestis;

motorista de caminhão – HF muito masculinizada e que se veste regularmente com roupas masculinas;

quichute – muito pejorativa, normalmente é empregada em discussões entre as HFs; forma muito ofensiva, podendo causar desentendimentos;

sandalinha – HF delicada, sensível, sensual;

sapa – HF comum, sem atrativos, sem muito cuidado com a aparência ou em parecer feminina;

sapatão – HF comum, sem atrativos, sem muito cuidado com a aparência ou em parecer feminina;

sargento – HF muito masculinizada; forma altamente pejorativa;

tatu – HF; forma muito pejorativa, geralmente empregada por travestis;

xotão – HF; forma muito pejorativa, geralmente empregada por travestis; e

zé botina – HF; forma muito pejorativa.

Há algumas formas carinhosas de tratamento: **sandalinha**, **fon-fon** e **lingüinha**. Normalmente são empregadas por **gays** ao conversarem com as **lesbians**. **Fofa** e **biba** parecem implicar um grau maior de intimidade.

Os travestis referem-se às HFs com as formas mais agressivas: **sargento** (masculinizada), **tatu**, **grelão**, **janjão** e **xotão**. As quatro últimas remetem ao órgão sexual feminino.

Como no caso dos homossexuais masculinos, alguns vocábulos que designam as homossexuais femininas já pertencem à gíria comum, como nos designativos lésbica, sapa ou sapatão, caminhoneira ou motorista de caminhão.

Também para elas há uma gradação que permite a manutenção do vocábulo como signo de grupo. Lésbica, tal como BF – Bolacha Fina e lesbian, designa a HF fina, educada, bonita, feminina; atributos positivos. Sapa ou sapatão, assim como bolacha ou entendida, indicam a HF comum, sem atrativos, sem muito cuidado com a aparência ou em parecer feminina. Caminhoneira ou motorista de caminhão é a HF com trejeitos másculos e, normalmente, com roupas masculinas.

Formas altamente pejorativas, capazes de levar as/os interlocutores à agressão física, são fanchona, borracha, quichute e zé botina. De igual modo ofensivo e que ainda agrega a condição de fumante é o vocábulo charuto.

Boot é uma forma de chamamento que indica prestígio, o qual decorre da ambigüidade da postura da HF, já que chega a ser confundida com freqüentadores de determinadas danceterias ou de certos locais, por seus trejeitos e por suas vestimentas.

Note-se o reforço da discriminação social dentro do próprio segmento da diversidade sexual, posto que há mais formas pejorativas do que apreciativas.

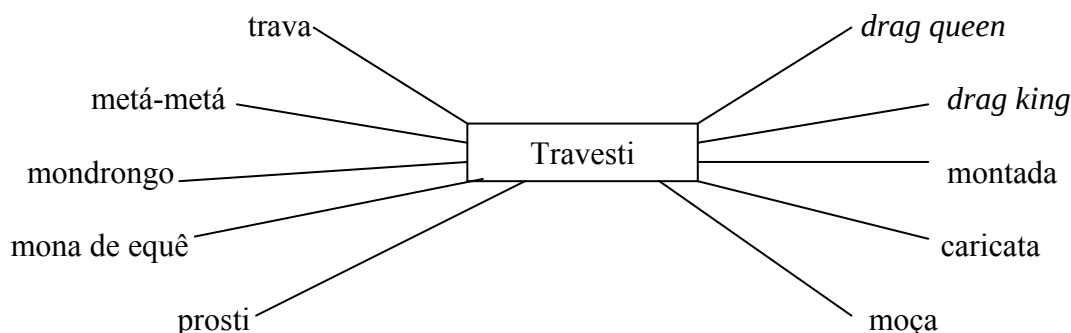
O sufixo –ão indica a máxima desvalorização, como se pode verificar em **grelão**, **janjão** e **xotão**.

A atribuição de atitudes másculas e o tom pejorativo atribuído à masculinização das HFs é evidente em motorista de caminhão, caminhoneira, charuto, borracha, quichute e fanchona. O que é comumente exaltado no universo masculino heterossexual, reforçando a virilidade e a masculinidade, é aqui condenado ou desprestigiado por aqueles que compõem este segmento da diversidade sexual.

Tal situação corrobora que o estereótipo promovido na sociedade majoritária é reforçado, repetido e esperado no grupo minoritário da diversidade sexual, que enfatiza e valoriza a feminilidade, a imagem da fragilidade, a delicadeza e a sensualidade da mulher.

4.2.5. Campo lexical para o travesti

O esquema a ser apresentado para este campo lexical que trata do travesti tencionou delimitar, de acordo com o critério da predominância, o ambiente artístico da transformação (à direita) e o processo de alteração corporal do homem (à esquerda).



Durante a constituição do *corpus* foram registrados os seguintes significados:

caricata – travesti que faz show só de gozação, para divertir; HM feio;

drag queen – travesti sem silicone;

metá-metá – travesti em fase de transformação; travesti ainda sem seios;

moça – forma de o HM referir-se ao travesti;

mona de equê – travesti; mulher de mentira, falsa;

mondrongo – travesti em que o silicone “caiu”; travesti cujo corpo foi deformado pelo silicone;

montada – travestida;

prosti – travesti que ganha a vida nas ruas; e

trava – forma reduzida de travesti.

Os vocábulos mais empregados pelos homossexuais masculinos são **moça**, **prosti** e **trava**. Os demais são mais recorrentes na fala dos próprios travestis e dos artistas transformistas.

Drag queen, além de designar um travesti que ainda não colocou silicone, também é amplamente utilizado dentro do segmento da diversidade sexual como pelos meios de comunicação para indicar um homem que se veste com roupas femininas e que se arruma bastante (**montada**), chegando ao exagero, ou do luxo ou do caricato (**caricata**). Não é, necessariamente, homossexual.

Há também a expressão **drag king** para indicar a mulher, homossexual ou não, que se veste com roupas masculinas, geralmente, costumes, ternos.

Tanto **drag queens** quanto **drag kings** são habitualmente vistos em eventos que privilegiam a diversidade sexual, participando de espetáculos ou animando festas e reuniões, sendo, via de regra, classificados como artistas transformistas.

A delicadeza, ou a ironia, dependendo da intenção do falante, mostra-se na forma de chamamento **moça**, pela qual os homossexuais podem referir-se ao travesti. **Trava**, de igual modo, tende a indicar afabilidade, intimidade ou, agressivamente, a exposição do início do processo de transformação física.

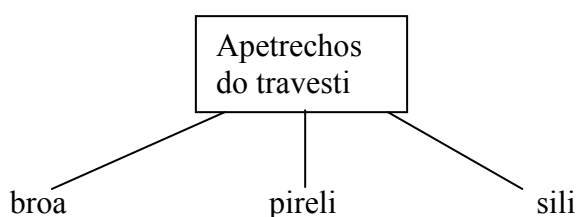
Para a alteração da constituição corporal, via de regra, valendo-se do uso do silicone, três expressões podem ser apontadas: **metá-metá**, **mona de equê** e **mondrongo**.

Talvez pelo fato de querer ser visto como mulher ou de se sentir como uma, o travesti que aceita manter relação sexual mediante pagamento prefere ou gosta de ser chamado de **prosti**, forma reduzida de *prostituta*.

Ante a especificidade de alguns vocábulos, dois outros campos lexicais relacionados aos travestis podem ser propostos: o de *apetrechos* e o de *movimentos*.

4.2.5.1. Quanto aos apetrechos

Há gírias usadas pelos travestis para designarem os acessórios ou os apetrechos que utilizam, como os que seguem:



Os vocábulos indicados significam:

broa – enchimento de silicone nas nádegas utilizado pelos travestis;

pireli – enchimento das nádegas e dos seios do travesti;

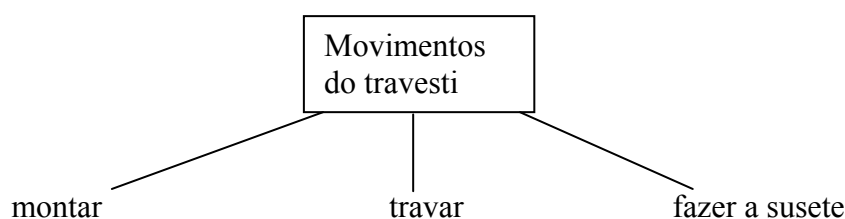
sili – silicone usado no enchimento dos seios do travesti; prótese colocada por HMs.

Os dois primeiros vocábulos são mais empregados pelos transformistas, pelas **drag queens**, pelos artistas caricatos e pelos travestis em processo inicial de transformação física ou que, convictos, não querem alterar, quimicamente, a sua forma física, com a finalidade de dar contornos mais femininos ao corpo masculino que possuem.

Já o terceiro, indica a decisão do homossexual masculino pela transformação química da sua constituição física, optando pela aplicação do silicone, produto ao qual se referem pela forma abreviada e carinhosa de **sili**.

4.2.5.2. Quanto aos movimentos

Foram registradas as seguintes gírias para algumas das ações realizadas pelos travestis:



Os verbos que indicam tais movimentos significam:

fazer a susete – arrumar o pênis para trás, antes de vestir a calcinha;

montar – arrumar o pênis para trás, antes de vestir a calcinha; e

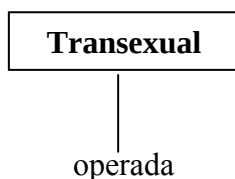
travar – tornar-se travesti.

Assim como os apetrechos, os movimentos realizados pelos travestis, durante o processo de transformação, visam à aproximação da constituição física feminina.

O verbo **travar** pode englobar todo o processo de transformação do travesti, isto é, desde vestir roupas femininas até injetar silicone no corpo e tomar hormônios femininos.

Conforme o anseio de transformação, o travesti pode desejar a alteração gradativa da sua constituição física e do seu órgão sexual, aproximando-se do transexual, antes da cirurgia de mudança de sexo, ou pelo consumo de hormônios ou pela realização de outras cirurgias plásticas.

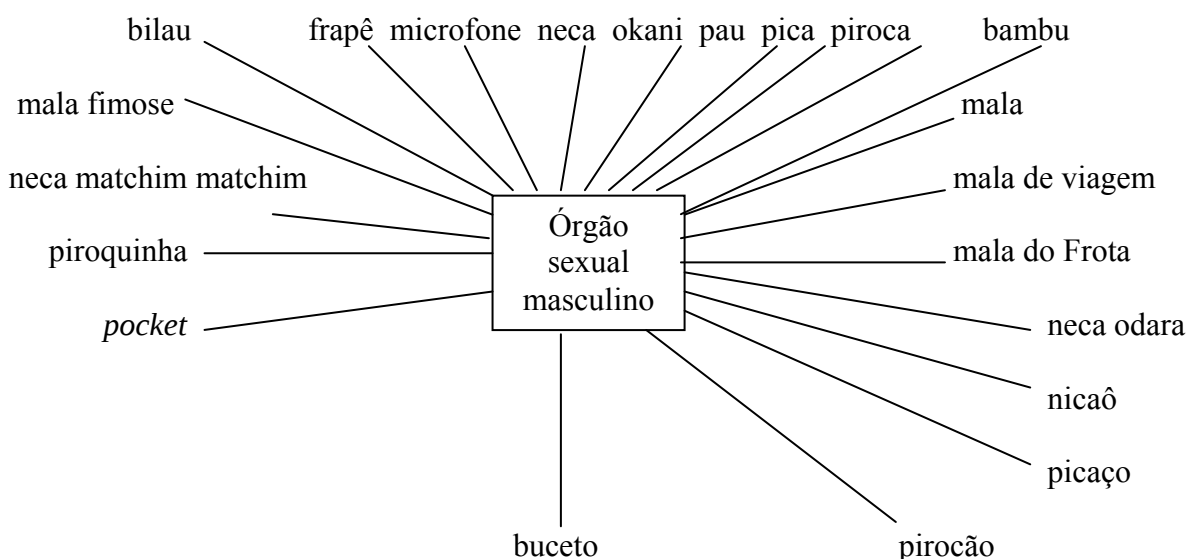
A visualização do esquema que segue reforça a importância da cirurgia como um limite definitivo entre o travestismo e o transexualismo:



O único registro obtido foi **operada**, para designar o homem ou a mulher submetidos à cirurgia para mudança de sexo.

4.2.6. Campo lexical para o órgão sexual masculino

Ante a relevância que é dada pelos HMs ao tamanho do órgão sexual, propõe-se um esquema que apresenta quatro possibilidades: pênis grande (à direita); independente da medida (centro superior); pequeno (à esquerda) e do travesti (centro inferior).



Os vinte e um vocábulos registrados, além da distinção indicada no esquema, podem trazer outras especificidades de sentido, a saber:

bambu – pênis longo e não muito grosso; em desuso;

bilau – vocábulo normalmente usado pelo HM passivo; também pode indicar pênis pequeno;

buceto – pênis do travesti, independente do tamanho;

frapê – pênis em estado médio;

mala – geralmente usado para designar pênis grande;

mala de viagem – pênis grande;

mala do Frota – pênis grande;

mala fimose – pênis pequeno e/ou que não possui bom desempenho;

microfone – pênis, independente do tamanho;

neca – vocábulo regularmente usado por travestis, mas que vem sendo adotado pelos homossexuais masculinos;

neca matchim matchim – pênis pequeno;

neca odara – pênis grande;

nicaô – pênis grande; vocábulo mais utilizado pelos travestis;

okani – pênis; também mais usado pelos travestis;

pau – vocábulo usado por heterossexual que frequenta o meio GLS; se usado por um HM, provavelmente será para agredir; mais utilizado pelos homens heterossexuais;

pica – muito vulgar; geralmente é empregado por quem frequenta saunas e cinemas pornô; também é muito usado pelos heterossexuais;

picaço – pênis grande, de primeira qualidade; gíria verificada nos Jardins, coincidindo com a exposição de Picasso na Oca;

piroca – pênis médio;

pirocão – pênis grande;

piroquinha – pênis pequeno; e

pocket – pênis pequeno; mala pequena.

Mala e **neca** são os vocábulos mais comuns, sendo que as variações de **mala** são mais freqüentes nos Jardins e as de **neca** no Centro. **Pau** e **pica**, embora há muito sejam vocábulos da *gíria comum*, são mantidos como *signo de grupo* porque podem apontar para uma agressão entre HMs; para um heterossexual que quer se passar por HM, sabe-se lá por qual razão, e, também, porque são vocábulos próprios de **michês** e de **garotos de programa**.

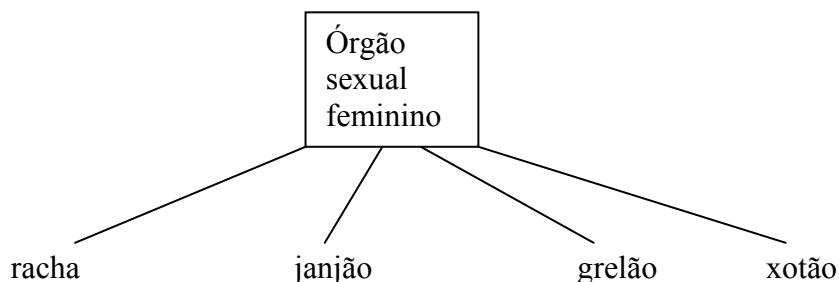
As gírias **piroca**, **pirocão** e **piroquinha**, além de evidenciarem a gradação estabelecida para o órgão sexual masculino, também revelam a valorização do maior e o desprestígio do menor, conforme atestam os sufixos *-ão* e *-inha*, respectivamente. Os três vocábulos são regularmente empregados pelos transformistas que se apresentam em locais nos quais há uma predominância desse público homossexual.

Pode ser reconhecida uma relação entre o tamanho do pênis e o desempenho na relação sexual. Ao pênis pequeno tende a ser atribuído um mau desempenho (**mala fimose**) e ao grande, um bom desempenho (**mala, picaço**).

A única gíria registrada para o órgão sexual do travesti é **buceto**. Evidente é a proximidade desta forma com a designação vulgar do órgão sexual feminino, *boceta*.

4.2.7. Campo lexical para o órgão sexual feminino

Inicialmente, vejamos o esquema proposto para as gírias que fazem referência ao órgão sexual feminino:



Como o próprio esquema evidencia, quatro vocábulos foram registrados para a noção desenvolvida neste campo, a saber:

grelão – órgão sexual feminino;

janjão – órgão sexual feminino;

racha – órgão sexual feminino; e

xotão – órgão sexual feminino.

Note-se, desde logo, o sentido pejorativo atribuído ao órgão sexual feminino, ratificado pelo sufixo aumentativo *-ão*, em referência ao desprezo do segmento homossexual masculino e, paralelamente, à sua valorização pelas homossexuais femininas.

Ora, o sufixo *-ão*, que indica o aumentativo, também aponta para o hiperbólico que, via de regra, tende a possuir uma valoração positiva na sociedade majoritária, ainda com valores machistas (ou masculinos).

Sendo assim, o mesmo sufixo torna-se positivo para o homem e adquire a carga negativa e, portanto, pejorativa, quando aplicado à mulher.

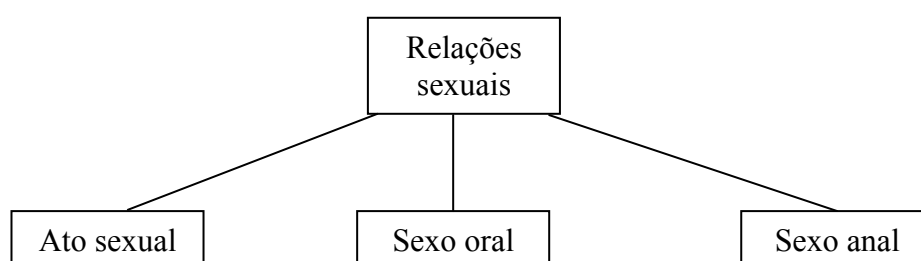
No âmbito da diversidade sexual, também isto ocorre, havendo a reiteração do estereótipo social majoritário. Ou seja, os homossexuais masculinos tendem a hostilizar as homossexuais femininas, seja reduzindo a forma de chamamento ao órgão sexual feminino, seja reforçando a idéia de masculinidade, de comportamento masculinizado, que tende a ser atribuído, indistintamente, a elas.

Os homossexuais masculinos, em geral, ao se referirem à heterossexual feminina, empregam **racha** ou **rachada**, com um tom sarcástico ou agressivo, reduzindo a mulher ao seu órgão sexual.

Os quatro vocábulos mencionados ainda podem funcionar, metonimicamente, como formas de chamamento da homossexual feminina. Ou seja, a parte (o órgão sexual feminino) é tomada como designação para o todo (a homossexual feminina). Com este uso, há o reforço da agressividade, do tom pejorativo e do próprio preconceito dos homossexuais masculinos em relação às homossexuais femininas.

4.2.8. Campo lexical para relações sexuais

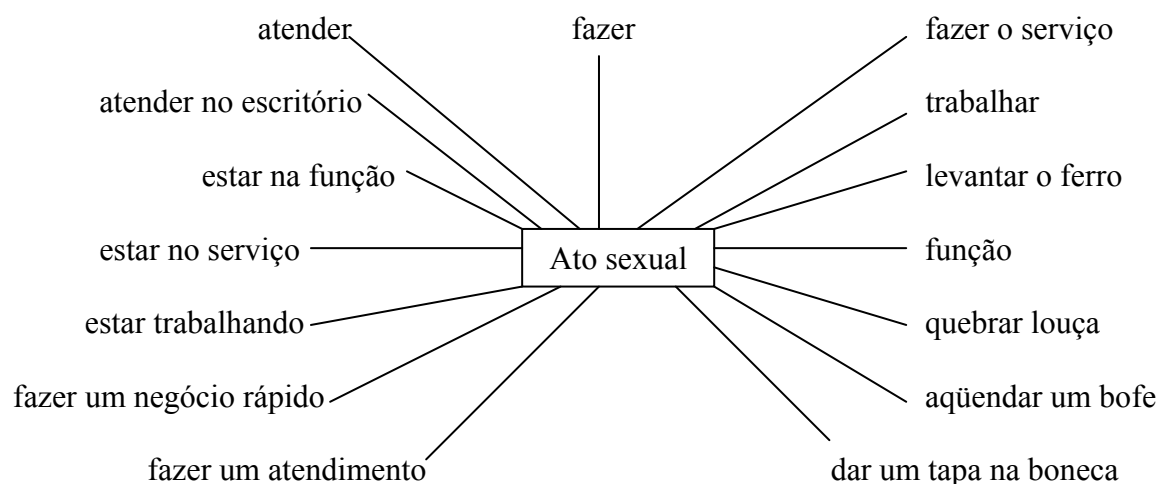
Para uma análise deste campo, propomos o seguinte esquema inicial:



Diante dos vários registros e das suas especificidades, o campo lexical de relações sexuais permite a seguinte subdivisão: ato sexual, sexo oral e sexo anal.

4.2.8.1. Gírias para o ato sexual

Para este campo, que pretende apontar as gírias usadas para designar o ato sexual e/ou a sua prática, apresenta-se o seguinte esquema:



Os vocábulos mencionados podem significar:

aqüendar um bofe – manter relação sexual; transar;

atender – manter relação sexual;

atender no escritório – manter relação sexual em banheiro;

dar um tapa na boneca – manter relação sexual com travesti;

estar na função – estar mantendo relação sexual ou à procura de parceiro;

estar no serviço – estar mantendo relação sexual;

estar trabalhando – estar mantendo relação sexual;

fazer – manter relação sexual;

fazer o serviço – manter relação sexual;

fazer um atendimento – manter relação sexual;

fazer um negócio rápido – manter relação sexual eventual;

função – relação sexual;

levantar o ferro – conseguir a ereção do parceiro; ter ou manter a ereção, para a relação sexual;

quebrar louça – relação sexual entre dois homossexuais passivos; e

trabalhar – manter relação sexual.

Onze gírias e/ou expressões gírias remetem, diretamente, à prática do ato sexual, a saber: **atender**, **atender no escritório**, **estar na função**, **estar no serviço**, **estar trabalhando**, **fazer**, **fazer o serviço**, **fazer um atendimento**, **fazer um negócio rápido**, **trabalhar** e **levantar o ferro**.

O único substantivo que aparece para designar somente o ato sexual é **função**.

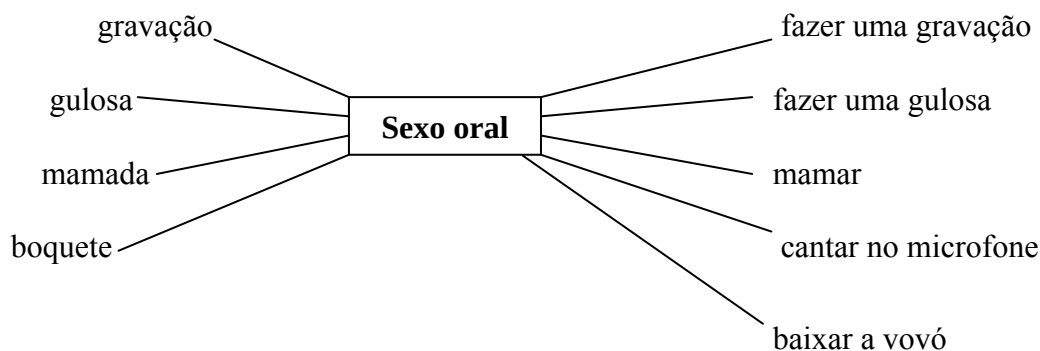
Um tom pejorativo e sarcástico é revelado na expressão quebrar a louça, pela qual se ironiza a relação sexual entre dois homossexuais passivos.

Segundo relatos durante as pesquisas de campo, aqüendar um bofe é uma expressão gíria incorporada pelos homossexuais masculinos, mas introduzida e mais empregada pelos travestis.

Desde logo pode ser destacada a comparação estabelecida entre a relação sexual e as relações laboriosas, como **trabalho**, **serviço**, **função** e **atendimento**. Com o mesmo raciocínio comparativo, note-se o traço agressivo e/ou violento presente em três expressões: **dar um tapa na boneca**, **levantar o ferro** e **quebrar louça**.

4.2.8.2. Gírias para sexo oral

As gírias que fazem referência ao sexo oral podem vir separadas pela designação do ato (à esquerda) e pela prática do ato (à direita):



Com base nas pesquisas de campo, os vocábulos mencionados possuem os seguintes significados:

baixar a vovó – praticar sexo oral;

boquete – sexo oral;

cantar no microfone – praticar sexo oral;

fazer uma gravação – praticar sexo oral;

fazer uma gulosa – praticar sexo oral;

gravação – sexo oral;

gulosa – sexo oral;

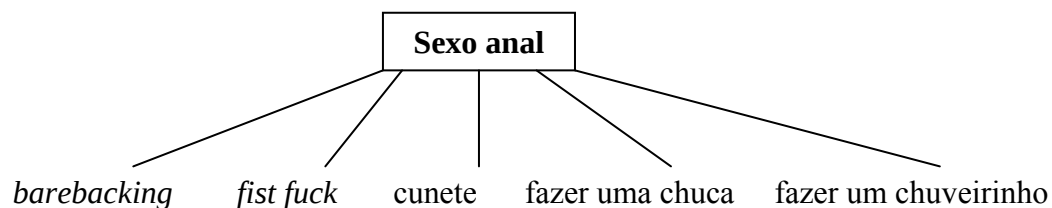
mamar – praticar sexo oral; e

mamada – sexo oral.

Dentre esses, conveniente se faz salientar o tom sarcástico que permeia, particularmente, três vocábulos. O primeiro, **baixar a vovó**, faz menção à idosa, à vovó, que tende a receber grande atenção, afeto e respeito no seio familiar. Os outros dois, **mamar** e **mamada**, reportam-se à maternidade e ao aleitamento materno, confrontando a amamentação do recém-nascido com a prática de sexo oral.

4.2.8.3. Gírias para sexo anal

Este campo lexical, que se refere à prática do sexo anal, pode ser assim esquematizado:



De acordo com o *corpus*, citam-se os seguintes significados:

barebacking – sexo anal entre homossexuais, sem preservativo;

cunete – masturbação anal;

fazer um chuveirinho – higienizar-se para manter uma relação sexual anal;

fazer uma chuca – higienizar-se para manter uma relação sexual anal; e

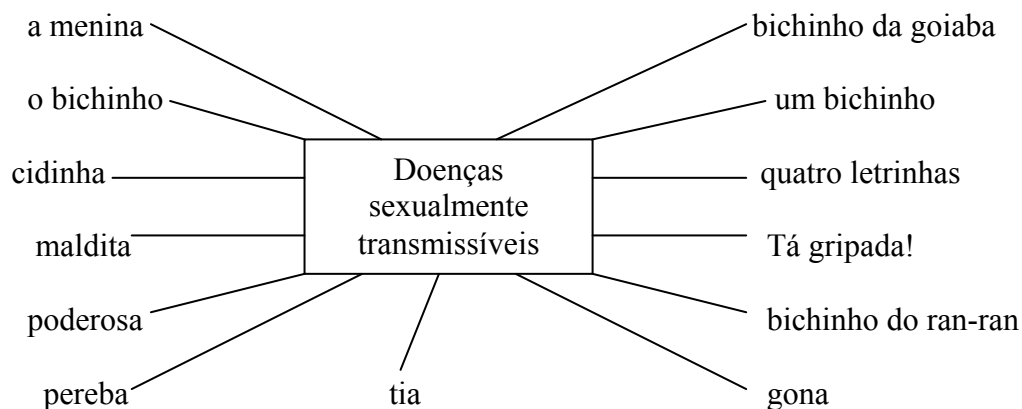
fist fuck – penetração da mão, do braço.

Além da preocupação com a higiene, como revelam as expressões **fazer um chuveirinho** e **fazer uma chuca**, nesse campo lexical, destacam-se, também, as práticas não convencionais de sexo anal, como ***barebacking*** (prática de risco; sem preservativo) e ***fist fuck*** (substituição do órgão sexual masculino por outras partes do corpo, como mãos e braços).

Saliente-se que a idéia de prática ou de praticante de sexo anal já está implícita nas próprias gírias para o homossexual masculino passivo, já que este adjetivo indica o seu papel de submissão na relação sexual.

4.2.9. Campo lexical de doenças sexualmente transmissíveis

As doenças sexualmente transmissíveis estão presentes também no cotidiano daqueles que compõem o segmento da diversidade sexual e podem ser esquematizadas do seguinte modo:



Dentre as doenças sexualmente transmissíveis, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS adquire maior destaque nesse grupo secundário minoritário, como pode ser verificado pela indicação dos significados:

a menina – AIDS;

bichinho – AIDS;

bichinho da goiaba – AIDS;

bichinho do ran-ran – AIDS;

cidinha – AIDS;

maldita – AIDS;

pereba – AIDS;

poderosa – AIDS;

quatro letrinhas – AIDS;

Tá gripada! – quem está com o vírus HIV; e

tia – AIDS.

Cumprе esclarecer que: 1) **poderosa** também pode fazer referência ao homossexual masculino rico; e 2) **tia** também é usado para designar o homossexual masculino da terceira idade.

Outra ressalva precisa ser feita. No caso de **bichinho**, se antecedido pelo artigo definido *o*, indica, necessariamente, AIDS. Se precedido pelo artigo indefinido *um*, refere-se a qualquer doença sexualmente transmissível.

Além da AIDS, apenas a gonorréia aparece especificada pelo vocábulo gírio *gona*.

Relacionado ao combate da disseminação das doenças sexualmente transmissíveis está o uso do preservativo pelas pessoas com vida sexual ativa e, no segmento da diversidade, foram registrados os seguintes vocábulos gírios:

hóstia – camisinha; e
identidade – camisinha.

O registro mais freqüente para designar o preservativo masculino é *camisinha*, termo genérico e popular que não caracteriza um signo de grupo.

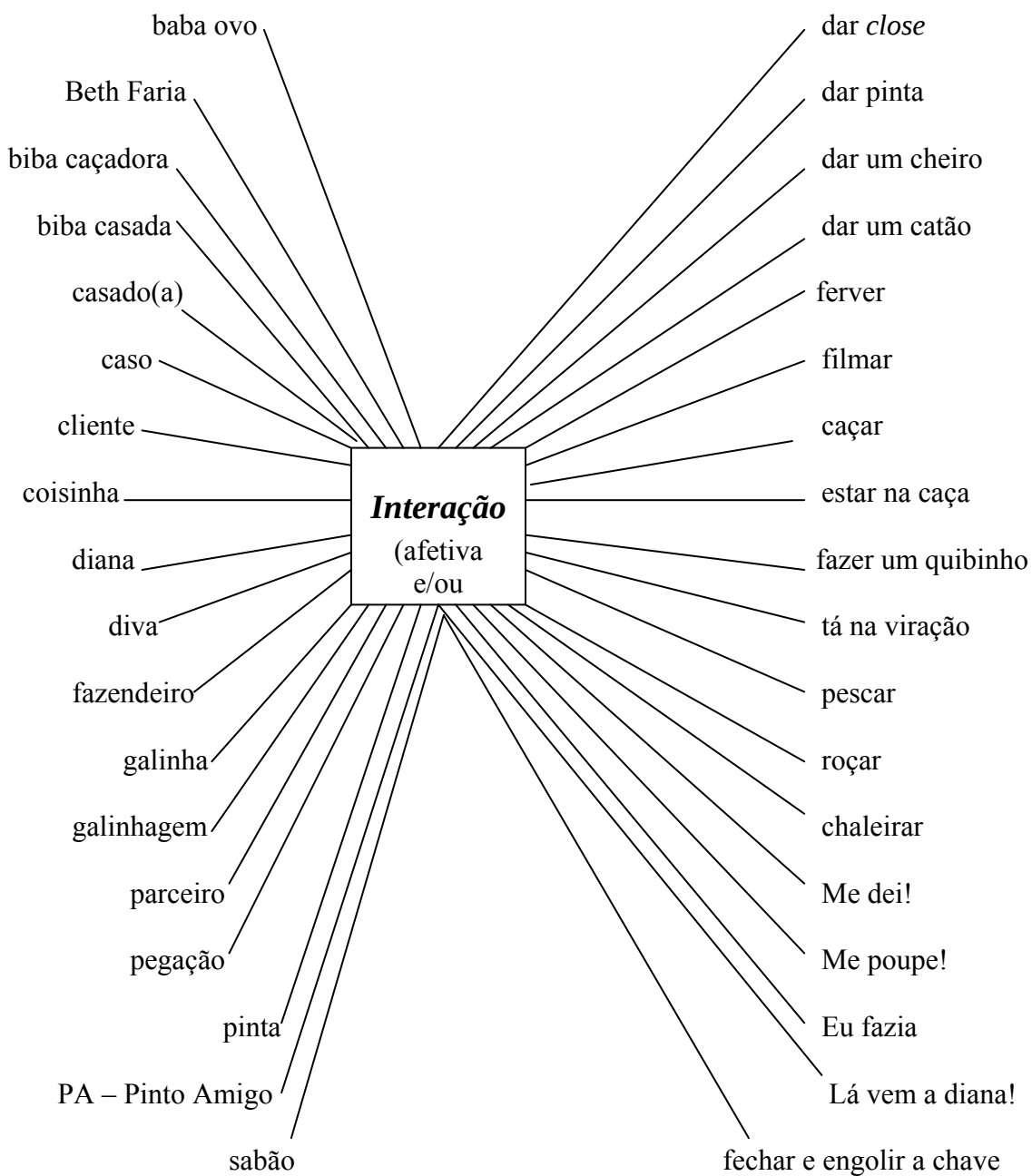
Percebam-se os confrontos estabelecidos pelas metáforas elaboradas. A *hóstia*, símbolo do corpo de Cristo na Religião Católica Apostólica Romana, cuja instituição é oficialmente contra a homossexualidade e contra o planejamento familiar por formas de controle de natalidade, designa a prática do sexo seguro.

Ainda que se alegue a forma circular como critério associativo imediato entre a *camisinha* e a *hóstia*, não se pode deixar de apontar, no mínimo, a ironia metafórica.

O registro geral civil, por sua vez, constante da Carteira de Identidade, também é confrontado. A pessoa homossexual, mesmo portando um documento oficial, válido em território nacional, não tem direito ao exercício da plena cidadania, pois é julgada por sua prática sexual e não por sua conduta social, opõe resistência à discriminação ao assumir a sua orientação sexual e a sintetiza, também, designando o preservativo de identidade.

4.2.10. Campo lexical para a interação (afetiva e/ou sexual)

Para facilitar a percepção dos termos gírios que se relacionam com a noção deste campo buscou-se destacar as ações ou declarações que visam à interação (à direita) daqueles que induzem à estabilidade de uma relação, a um comportamento ou a um atributo pessoal (à esquerda).



Para estabelecer a gradação de intimidade, pretendida ou já adquirida, entre os homossexuais, e as eventuais manifestações de interesse afetivo e/ou sexual, ou formas iniciais de abordagem, citam-se os seguintes sentidos para os vocábulos mencionados:

baba ovo – HM que está interessado em alguém para praticar sexo oral;

Beth Faria – vontade de transar com alguém a quem se cobiça;

biba caçadora – HM que procura parceiro sexual;

biba casada – HM que mantém relacionamento estável;

caçar – estar à procura de parceiro sexual;

casado(a) – **homossexual que namora; possui parceiro sexual fixo; mora com o parceiro;**

caso – **parceiro fixo; indica relacionamento afetivo e duradouro; namorado;**

chaleirar – bajular; adular; paquerar; insinuar-se por algum tempo;

cliente – parceiro HM para relação sexual eventual;

coisinha – relação sexual eventual, sem importância;

dar close – dar pinta; parecer HM; desfilar, andar pelos lugares;

dar pinta – possuir trejeitos efeminados que revelem a homossexualidade; demonstrar interesse por alguém; paquerar, insinuando-se;

dar um catão – tomar uma atitude; aproximar-se de quem se está paquerando, geralmente já insinuando um beijo, um abraço;

dar um cheiro – dar um beijo; iniciar um namoro; trocar carícias;

diana – HM que procura parceiro sexual;

diva – o HM mais cobiçado do grupo;

estar na caça – estar procurando parceiro sexual;

Eu fazia – vontade de transar com alguém visto ou conhecido;

fazendeiro – aquele que faz; HM com vida sexual ativa;

fazer um quibinho – apalpar o pênis do parceiro;

fechar e engolir a chave – resolver uma situação;

ferver – procurar parceiro sexual; animar o ambiente, agitar;

filmar – olhar insistentemente para o corpo do pretenso parceiro, principalmente para os órgãos genitais;

galinha – HM promíscuo;

galinhagem – insistir em um pretenso parceiro; chaleirar;

Lá vem a diana! – HM conhecido por só procurar parceiros sexuais;

Me dei! – simpatizar; gostar de alguém;

Me poupe! – deixar sozinho; não falar besteira; não incomodar;

PA – PINTO AMIGO – parceiro sexual regular, freqüente;

parceiro – caso; namorado;

pegação – contatos homossexuais eventuais, geralmente feitos em saunas, cinemas ou banheiros públicos; local com muitas pessoas, onde é difícil não se encostar em alguém;

pescar – procurar parceiro sexual na praia;

pinta – HM; deixar transparecer algum sentimento ou interesse;

roçar – ato de namoro entre dois HMs;

sabão – carícia entre HMs; e

tá na viração – estar à procura de parceiro sexual; estar na loucura, nervoso (não necessariamente sob efeito de drogas); processo de transformação física do travesti.

A intimidade afetiva e/ou sexual guarda proximidade com as práticas primitivas de sobrevivência, como a caça e a pesca, colocando a relação sexual e, portanto, o sexo, como algo tão essencial quanto a necessidade de se obter alimento. Prova disso são as relações que seguem:

a) referentes à caça, podem ser citadas as gírias **biba caçadora, caçar, dar um catão, diana, estar na caça, Lá vem a diana!, pegação**;

b) pertinente à pesca, cite-se **pescar**;

c) ligados à agricultura são mencionados os vocábulos **roçar** e **fazendeiro**; e

d) associadas à galinicultura foram registrados as gírias **baba ovo, galinha, galinhagem**.

Há uma clara distinção entre a interação eventual ou ocasional (cliente, coisinha) e a regular, estável e afetiva (biba casada, casado, caso, parceiro).

Esclareça-se que PA – Pinto Amigo, embora regular e freqüente, não indica, necessariamente, envolvimento afetivo.

Embasado pelos registros coletados, pode-se afirmar que a interação parece seguir um percurso com, no mínimo, três etapas:

1ª) a vontade de manter relação afetiva e/ou sexual com alguém (Beth Faria, Eu fazia);

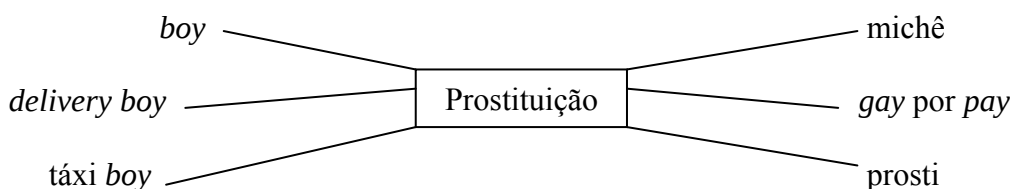
2ª) a procura por alguém, a demonstração de interesse, a sedução (chaleirar, dar close, dar pinta, dar um cheiro, ferver, filmar, Me dei!, pinta e tá na viração) e

3ª) a resolução, isto é, a concretização ou não da interação, a constatação ou não do interesse mútuo (fechar e engolir a chave, fazer um quibinho, sabão, Me poupe!).

Evidencia-se a permanência da exaltação presente em *diva*. A denotação de deusa ou de cantora notável passa à conotação de ser o homossexual masculino mais cobiçado do grupo.

4.2.11. Campo lexical para a prostituição

Propõe-se que a observação do esquema seja pautada pelo critério de exposição pública, isto é, à direita estariam os profissionais que se prostituem em espaços públicos e, à esquerda, os que não se expõem em vias públicas:



Relacionados às pessoas que exercem a prostituição, foram encontrados os seguintes vocábulos:

boy – garoto de programa;

delivery boy – garoto de programa;

gay por pay – heterossexual que mantém relação sexual com outros homens, mediante pagamento;

michê – homem que se prostitui nas ruas, em local aberto;

prosti – prostituta ou travesti que ganha a vida nas ruas; e

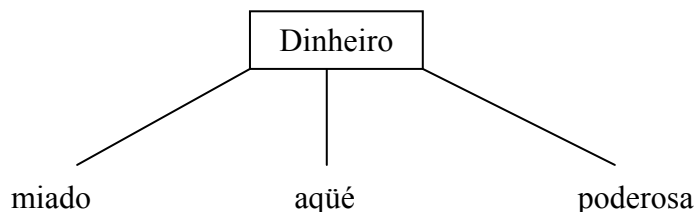
táxi boy – garoto de programa.

O esquema proposto para este campo lexical procurou evidenciar a distinção que há entre os garotos de programa (*boy*), que atendem o cliente no local em que este escolher (*delivery boy*), e que, via de regra, paga o transporte (*táxi boy*), e os profissionais que se prostituem nas ruas, seja de forma regular (*michê* e *prosti*), seja de modo eventual (*gay por pay*).

Entre esses profissionais, embora o contato tenha sido muito restrito, foi perceptível a discriminação. As pessoas que se prostituem, mas são divulgadas por agências e não se expõem em locais abertos, nas ruas, gozam de maior prestígio, dentro desse segmento, do que aquelas que estão regularmente nas vias públicas.

4.2.12. Campo lexical para dinheiro

Há três vocábulos que remetem à noção de dinheiro, como propõe o seguinte esquema:



Os significados gírios podem assim ser explicitados:

aquê – dinheiro;

miado – sem dinheiro; e

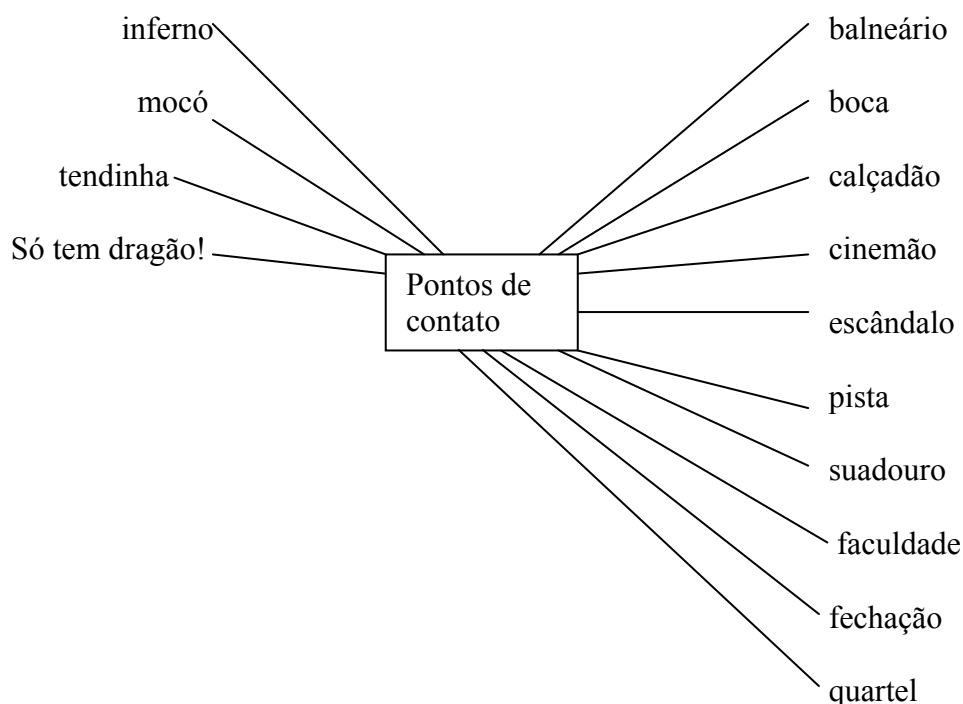
poderosa – com dinheiro.

Para designar o capital propriamente dito, **aquê** foi o único registro levantado e é adotado, sem distinção, pelos homossexuais masculinos, tanto da região do Centro quanto da região dos Jardins. Também, conforme relatos, foi introduzido pelos travestis.

Considerando a posse do capital, é interessante perceber que a sua ausência, além de apontar para um juízo negativo e depreciativo, é, com a mesma intensidade, reforçada pela manutenção do gênero masculino em miado. Já em poderosa, a valoração positiva deriva diretamente da relação implícita de poder, e o gênero feminino reforça a sua aceitação e o reconhecimento dado a quem o possui, também dentro do segmento dos homossexuais masculinos.

4.2.13. Campo lexical para pontos de contato

Visando a uma melhor orientação do leitor, procurou-se, na elaboração do esquema, apontar os lugares tidos como agradáveis (à direita) e os vistos como desagradáveis (à esquerda) pelas pessoas que integram o grupo ora em análise.



Uma vez que foram registradas várias expressões para indicar os locais freqüentados pelas pessoas que compõem o segmento da diversidade sexual, seja para encontros sociais ou sexuais, chegando até ao ponto de serem atribuídos perfis a certos freqüentadores, são apresentadas as seguintes gírias sob esse campo lexical:

balneário – sauna homossexual masculina; termas;

boca – ponto de encontro conhecido; local freqüentado por homossexuais;

calçadão – andar, desfilar pela calçada à procura de parceiro sexual;

cinemão – cinema em que há a exibição de filmes homoeróticos ou nos quais há a procura por parceiro sexual;

escândalo – local ou algo muito bom ou bonito;

faculdade – sessão de cinema na qual se procura parceiro sexual;

fechação – festa animada; trejeito escandaloso;

inferno – lugar feio, desagradável; pessoa sem atrativos; “Que merda!”;

mocó – casa; habitação; residência distante do Centro e humilde;

pista – local de prostituição ou de caça, de procura por parceiro sexual; via pública;

quartel – local onde se reúnem muitos HMs;

Só tem dragão! – local em que predominam pessoas feias ou sem atrativos; não há pessoas interessantes, atraentes, agradáveis;

suadouro – sauna homossexual masculina; termas; e

tendinha – morar distante do Centro; morar em casa humilde.

Como primeira consideração sobre este campo lexical impõe-se a análise numérica dos vocábulos. Para quatro gírias com sentidos negativos há dez com semas positivos.

Dentre as quatro depreciativas, note-se a desvalorização em relação ao lar e à moradia, uma vez que se situam distantes do Centro, como se comprova em **mocó** e **tendinha**. De acordo com o observado, o critério da distância prepondera sobre o da simplicidade.

As outras duas, também com traços depreciativos, condensam um juízo de valor que remete tanto ao local quanto aos seus freqüentadores, a saber: **inferno** e **Só tem dragão!**

Os vocábulos com sentido positivo estão, via de regra, associados ao lazer, à diversão e à descontração. Como locais para recreação foram registrados, então:

- a) a sauna (**balneário**, **suadouro**);
- b) o cinema (**cinemão**, **faculdade**);
- c) a via pública (**calçadão**, **pista**); e
- d) o bar, o restaurante, a danceteria, o salão de festas (**fechação**, **escândalo**).

Dois termos são genéricos, isto é, podem designar qualquer local em que haja o predomínio de pessoas que compõem o segmento da diversidade sexual. São eles boca e quartel.

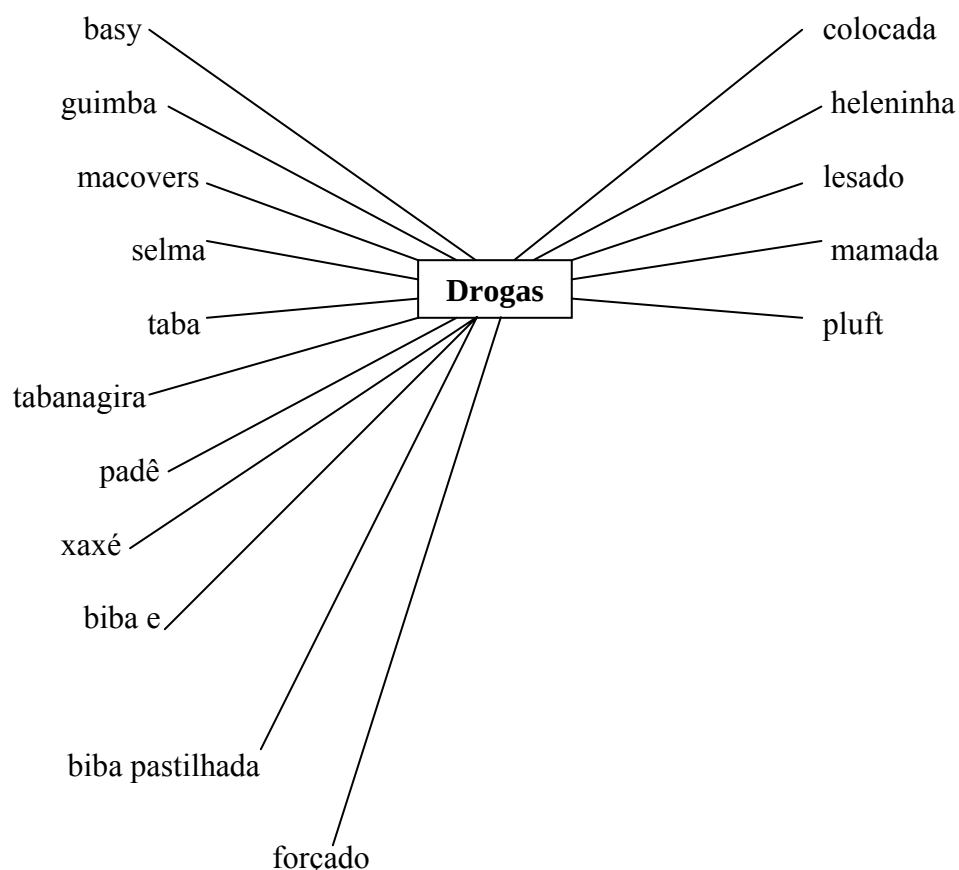
Neste campo, destaca-se o confronto com duas instituições socialmente estabelecidas e, via de regra, respeitáveis, também pela disciplina e pela seriedade que exigem de seus membros: o quartel e a faculdade. A rigidez hierárquica e a obediência normativa estão em contraposição com a descontração, com o relaxamento e com o livre comportamento.

4.2.14. Campo lexical para drogas

As drogas, lícitas ou ilícitas, estão presentes na maioria dos locais da noite paulistana. Assim, também nos ambientes freqüentados por aqueles que compõem o segmento da diversidade sexual, torna-se cada vez mais comum constatar-se o consumo de álcool ou de

cigarro (drogas lícitas), como de maconha, cocaína, heroína, ecstasy ou outras combinações químicas (drogas ilícitas).

Com tal noção, apresenta-se o seguinte esquema, pautado pela separação entre as drogas ilícitas (à esquerda) e as lícitas (à direita):



Neste campo lexical, foram encontrados os seguintes vocábulos gírios nos quais a referência às drogas é explícita ou implícita:

basy – cigarro de maconha;

biba e – homossexual masculino que usou ou está sob o efeito do *ecstasy*; mais freqüente nos Jardins;

biba pastilhada – homossexual masculino que usou ou está sob o efeito do *ecstasy*; mais freqüente nos Jardins;

colocada – pessoa que abusou de drogas ou álcool;

forçado – quem está sob o efeito de *ecstasy*; mais freqüente nos Jardins;

guimba – ponta de cigarro de maconha; mais freqüente nos diálogos com travestis;

heleninha – o ou a homossexual que bebe além da conta, mas não cai;

lesado – alguém que exagerou nas drogas ou no álcool;

macovers – maconha; mais freqüente nos Jardins;

mamada – pessoa que excedeu o consumo de álcool; bêbado;

padê – cocaína;

pluft – bebida com sonífero;

selma – maconha; mais freqüente no Centro;

taba – maconha; mais freqüente nos diálogos com travestis;

tabanagira – fumar maconha; e

xaxé – cocaína; mais freqüente nos diálogos com travestis.

Quanto às drogas ilícitas, basicamente, elas podem ser separadas em três tipos: o primeiro refere-se à maconha e abrange os vocábulos *basy*, *guimba*, *macovers*, *selma*, *taba* e *tabanagira*; o segundo corresponde à cocaína, que é designada como *padê* ou *xaxé*, e o terceiro compreende o *ecstasy*, presente em *biba* e, *biba* pastilhada e *forçado*.

Referindo-se tanto ao uso de drogas quanto ao consumo de álcool podem ser citados *colocada* e *lesado*.

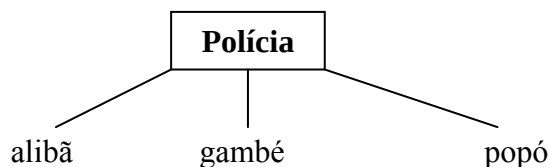
Apenas para a ingestão excessiva de bebidas alcoólicas foram coletados os vocábulos *heleninha* e *mamada*.

O único registro para sonífero é **pluft** e, quando citado, normalmente faz menção a alguém que foi vítima de furto, roubo ou outra forma de agressão ou de violência. Em algum momento de distração, o sonífero foi colocado na bebida da pessoa que, só ao acordar, percebe o que ocorreu.

Deve-se destacar, ainda, que *lesado* possui outros sentidos, como: estar acometido por "burrice súbita"; estar esgotado ou muito cansado; não perceber que está sendo cortejado ou visto.

4.2.15. Campo lexical para polícia

Três gírias fazem referência à polícia, como ser visualizado pelo seguinte esquema:



Para designar o poder repressivo estatal foram coletados os vocábulos:

alibã – policial ou polícia;

gambé – policial ou polícia; e

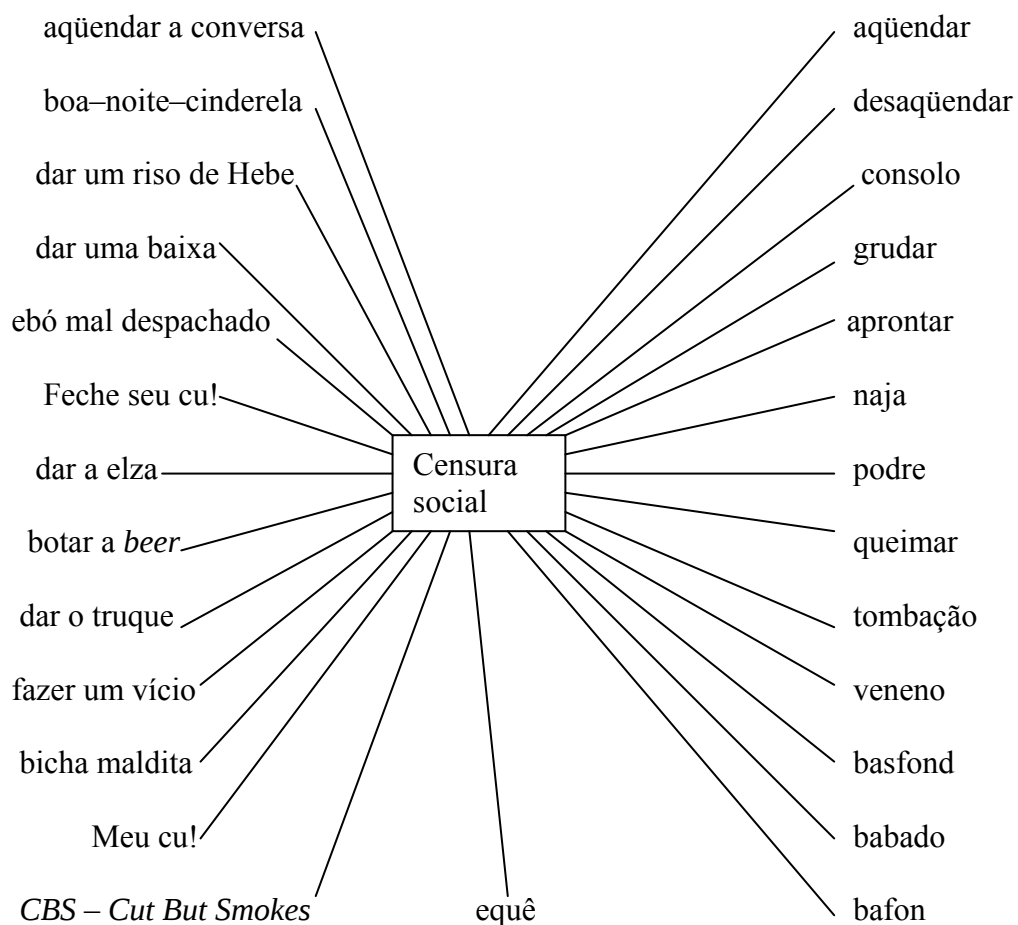
popó – policial ou polícia.

Os três registros citados, de acordo com declarações ouvidas durante as pesquisas de campo, são oriundos do vocabulário dos travestis e, posteriormente, foram adotados pelos homossexuais masculinos.

Na diversidade sexual presente na noite paulistana, cumpre ressaltar que os travestis tendem a ser os mais hostilizados, tanto pelo público em geral quanto pelas autoridades responsáveis pela segurança pública.

4.2.16. Campo lexical para censura social

Considerando-se que todo grupo social secundário possui padrões de comportamentos esperados e/ou tolerados, assim também os membros que compõem o segmento da diversidade sexual utilizam-se de vocábulos (à direita) ou de expressões (à esquerda) para externarem a não-aceitação de uma determinada conduta, censurando-a, como proposto a seguir:



Enumeradas algumas gírias que expressam a reprovação social, faz-se adequada a elucidação dos sentidos:

aprontar – armar uma cilada; fazer, criar uma confusão; sacanear; trapacear;

aqüendar – pegar; apertar; esconder;

aqüendar a conversa – escutar; ouvir; participar;

babado – acontecimento, fato; fofoca; intriga; problema;

bafon – acontecimento, fato; fofoca; intriga; problema; confusão; forma mais freqüente no Centro;

basfond – babado; acontecimento; grande evento ou festa; confusão; baixaria; forma mais freqüente nos Jardins;

bicha maldita – HM fofoqueiro; que provoca intrigas; muito crítico;

boa-noite-cinderela – golpe que consiste em um garoto de programa dopar o cliente e roubar ou furtar o seu dinheiro;

botar a beer – pagar a relação sexual com cerveja;

CBS – CUTE BUT SMOKES – HM bonitinho, mas fumante; uso mais freqüente nos Jardins;

consolo – vibrador;

dar a elza – furtar;

dar o truque – mentir, esconder; simular;

dar um riso de Hebe – ser falso;

dar uma baixa – repreender; criticar;

desaquiendar – mandar alguém embora; soltar; mostrar;

ebó mal despachado – pessoa que não merece confiança;

equê – falso; do truque; falsificado;

fazer um vício – não cobrar pelo programa;

Feche seu cu! – “Cale a boca!”

grudar – brigar; discutir;

Meu cu! – expressão de desprezo, desconsideração, indiferença;

naja – fofoqueira; que causa intriga;

podre – algo ou alguma coisa ruim;

queimar – falar mal; dar-se mal; decepcionar alguém;

tombaço – confusão; briga; confusão; frescura; ferveção; animação; e

veneno – intriga; fofoca; maledicência.

Cumprе ressaltar que aquiendar, desaquiendar e tombar são exemplos de verbos polissêmicos e, ante a multissignificação implicada, não são, necessariamente, negativos.

Mesmo com a liberalidade geralmente atribuída às minorias sexuais, o que se torna perceptível, de modo mais nítido neste campo lexical, é o predomínio da valoração negativa imputada a certos comportamentos, a saber:

a) às condutas criminosas, como atestam as gírias **boa-noite-cinderela** e **dar a elza**;

b) à falsidade, verificada em **dar o truque**, **dar um riso de Hebe**, **ebó mal despachado** e **equê**;

c) à intriga, constatada em **aprontar**, **aqüendar a conversa**, **babado**, **bafon**, **basfond**, **bicha maldita**, **naja**, **queimar**, **tombação** e **veneno**); e

d) à insistência para as diversas formas de contato, íntimo ou social, participativo, observada em **aqüendar** e **desaüendar**.

De igual maneira, tendem a ser depreciados aqueles que se valem de outros meios para a obtenção de prazer, os quais impliquem a substituição total do parceiro sexual por qualquer objeto, como o vibrador (**consolo**), ou, ainda, que se valham da vulnerabilidade ou da inexperiência de outrem, não pagando a relação sexual com dinheiro, mas sim, com drogas, bebidas (**botar a beer**), roupas ou algo equiparado.

Ressalte-se, ainda, a generalização expressa pela gíria **podre**, para designar qualquer coisa ruim, até mesmo um comentário ou uma atitude, capaz de levar o ouvinte a respostas como **Fechê seu cu!** ou **Meu cu!**, o que indicaria uma animosidade entre os interlocutores, os quais, conforme o caso, podem chegar a discutir ou a brigar (**grudar**).

A única forma gíria que designa claramente a censura ou a repreensão é **dar uma baixa**.

Mais uma vez, o grupo minoritário da diversidade sexual evidencia a naturalidade com que vê a prostituição, posto que a censura reside em manter contato sexual de graça, sem cobrar, como revela a expressão gíria **fazer um vício**.

Ironicamente, mesmo com as drogas ilícitas que são consumidas por alguns freqüentadores da noite paulistana, há, principalmente nos Jardins, a restrição ou a censura aos fumantes (**CBS – Cut But Smokes**).

4.2.17. Glossário da diversidade e significado: considerações

A partir da proposição de uma análise do glossário coletado, por campos lexicais, algumas questões referentes ao significado podem ser refletidas, embasadas, principalmente, pelos capítulos antecedentes, em especial, pelo do contexto sócio-cultural (capítulo 2) e pelo do enfoque teórico (capítulo 3).

Uma vez observado o predomínio da metáfora na constituição do significado dos vocábulos ora em exame, acompanha-se a subdivisão didático-metodológica proposta por Preti (cf. aula de 20 abr. 04), que tende a classificar tal figura em quatro grupos: a) humorísticas, pelo sentido irônico ou de ridicularização; b) relacionadas com o corpo humano; c) relacionadas com bichos e d) sensitivas.

No tocante às metáforas humorísticas, podem ser mencionados os seguintes exemplos:

– **bofe panqueca**. Expressão gíria na qual o adjetivo (**panqueca**) ironiza a postura máscula (**bofe**), que indicaria o papel sexual ativo, para designar “aquele que parece (**bofe**, ativo) mas não é (é passivo)”.

– **SBP – Super Bicha Pobre**. A ridicularização é extrema, pois há uma comparação entre uma marca de inseticida (**SBP**), um repelente de insetos, e a condição de pobreza, como se aquele com escassez de recursos devesse ser repellido ou eliminado do convívio social.

– **alice**. Há uma linha tênue entre ridicularização e a ironia nesta gíria. Se a inocência ainda é louvada ou valorizada dentro desse grupo, a ironia transparece ao se conservar uma atitude cortês, polida e de enamoramento ante um evidente jogo de sedução (percebido pelos observadores da situação), que é capaz de chegar à ridicularização, caso seja concretizada a relação afetiva e/ou sexual, uma vez que a **biba alice** passa a ser vista como uma espécie de troféu para o sedutor.

– **passada**. Ao se falar a locução gíria **Tô passada**, o sorriso é visto quase que de imediato no rosto do ouvinte. Isso porque o tom irônico deverá perpassar toda a narrativa do falante, o qual, via de regra, exporá uma situação desagradável da qual foi vítima. Normalmente, quando toma ciência do golpe do sedutor, a **alice** fica **passada**.

– **barbie**. O nome de uma boneca, *Barbie*, passa a designar o homem musculoso, com corpo delineado e/ou atitudes másculas. A ironia parece residir no ato de exibição, na vontade consciente de querer mostrar o corpo ou a atitude viril. A ridicularização torna-se evidente quando “a boneca é inflável”, isto é, o corpo escultural ou definido não foi obtido pela prática de exercícios, mas pela aplicação ou ingestão de hormônios.

As metáforas relacionadas com o corpo humano também estão muito presentes no glossário coletado e podem ser destacadas da seguinte forma:

– no campo lexical para a heterossexual feminina, em **racha** e **rachada**, pois a forma de chamamento remete ao órgão sexual feminino.

– no campo lexical para o órgão sexual masculino, cuja gradação entre grande e pequeno, grosso e fino, pode ser estabelecida a partir dos vocábulos **mala**, **neca**, **pica** e **piroca**.

– no campo lexical para o órgão sexual feminino, também designado por **grelão**, **janjão**, **racha**, **xotão**.

– em expressões gírias: **Feche seu cu!**, em que o ânus equivale à boca, e **Meu cu!**, na qual esse órgão remete à indiferença.

Muitas metáforas estão relacionadas com bichos, como pode ser verificado por alguns vocábulos:

- **rabo** para *ânus*.
- **viadinho** por *veado*.
- **miado**, que passa de *som emitido pelo gato* para indicar *a falta de dinheiro*.
- **bicha** por *bicho*.
- **frango** para indicar *posição sexual*.
- **sapa**, que tanto pode ser forma reduzida de **sapatão** quanto pode remeter a *sapo*.
- **galinha** para *o homossexual que tem muitos parceiros sexuais*.
- **naja**, que passa de *cobra* a *pessoa que provoca intriga, fofoqueira*.

Para as metáforas sensitivas, indicam-se como exemplos:

- relacionadas à audição: **bater as tamancas, gravação**.
- pertinentes à visão: **filmar, Me dei!**.
- relativas ao olfato: **dar um cheiro**.
- referentes ao tato: **úmida, fofa, borracha, pegação**.
- associadas ao paladar: **bichinha água-com-açúcar, frapê, boca**.

Além dos aspectos apontados, percebe-se o emprego freqüente de verbos polissêmicos, como exemplificam:

- **aqüendar** e suas outras formas: **aqüendar a conversa** e **aqüendar um bofe**.
- **atender** e sua outra possibilidade: **atender no escritório**.
- *dar* em várias expressões gírias: **dar a elza; dar a rosca; dar close; dar o truque; dar pinta; dar um catão; dar um cheiro; dar um riso de Hebe; dar um tapa na boneca; dar uma baixa; dar uma paulada**.

– *estar* em alguns registros: **estar chequiado; estar na caça; estar na função; estar no salto; estar no serviço; estar trabalhando**. Outros usos foram registrados na forma reduzida da terceira pessoa do singular: **Tá começando agora?; Tá gripada!; Tá na viração; Tá querendo me mamar?; Tá querendo me tombar?; Tá virado na coisa ruim**. Também há registros em primeira pessoa do singular: **Tô lôca! e Tô passada**.

– **fazer** em várias modalidades: **Eu fazia; fazer a nena; fazer a suzete; fazer o serviço; fazer um atendimento; fazer um carão; fazer um chuveirinho; fazer um negócio rápido; fazer um quibinho; fazer um vício; fazer uma chuca; fazer uma gravação; fazer uma gulosa; fazer vida**.

- **fechar** e seus outros usos: **fechar e engolir a chave; Feche seu cu!**
- **montar** e sua variação reflexiva **montar(-se)**.

Novamente, ainda pelo ponto de vista metafórico, a expressividade da gíria, neste universo de diversidade sexual, é perceptível desde o primeiro contato, e transparece pela forma irônica com que essas pessoas lidam com a realidade, pelo tom humorístico dado às histórias individuais ou coletivas, num ambiente em que praticamente todos os assuntos podem ser resolvidos pela irreverência.

Ante o exposto e o observado diretamente, em vez de formar um grupo fechado que se defenderia pelo uso da força física ou da violência armada, o segmento marginal da sociedade abrangido pela sigla GLBT adotou o comportamento irreverente e pacífico como referência, enquanto traço que permeia a construção do seu processo de identificação social.

Restringindo-se ao campo metafórico, a irreverência começa pela própria forma de chamamento, com total predominância dos bichos. Aquilo que era (e por alguns ainda é) visto como um comportamento animal, selvagem, que servia para designar uma anormalidade de conduta ou uma doença (até 1990, assim classificado o homossexualismo pela Organização Mundial da Saúde), igualando o homem ao bicho, foi absorvido pelos seus praticantes, permitindo-se identificar uns aos outros como **bichas**, **veados**, **sapas**.

Como resposta ao preconceito social ainda vigente, o sarcasmo foi a maneira encontrada para resistir às agressões da maioria heterossexual que não atua como simpatizante.

Ainda que seja alegado o reforço do estereótipo, é justamente nesse processo de suposta aceitação do julgamento social que os grupos minoritários estabelecem condições mínimas de diálogo com as instituições da sociedade organizada e, a partir daí, nesse movimento de mostrar-se e conhecer-se, os pré-conceitos tendem a ser rompidos e os vocábulos, antes empregados só para marginais (sentido amplo) sexuais de um agrupamento humano, passam a ser utilizados, mesmo que mantida a carga pejorativa ou injuriosa, pela coletividade.

Neste processo de exposição, como já visto anteriormente, não é possível precisar o momento exato em que a gíria deixa de ser um *signo de grupo* e passa a ser uma *gíria comum*. No caso dos três vocábulos em análise, são mantidos como *signo de grupo*, conforme a gradação exposta. São, também, *gírias comuns*, posto que difundidas até nos meios de comunicação de massa, como pode ser comprovado na obra de Dias (2003), *O discurso da violência*.

Seria também possível enfocar tais vocábulos do ponto de vista da obscenidade, do “palavrão”, se empregado como blasfêmia ou injúria (Preti, 1984:41), com uma usual

freqüência nos jogos de futebol, alguns transmitidos pelos canais de televisão, mas isso se afastaria do enfoque aqui proposto.

As gírias da diversidade sexual, ainda que não componham um *vocabulário obsceno propriamente dito* (Preti, 1984:41), são *grosseiras*. Para essa adjetivação, acompanha-se a noção desenvolvida por Preti (1984:41):

Segundo Guiraud, a linguagem obscena “pode definir-se pelo seu *conteúdo*, isto é, as coisas a que se refere, tais como a sexualidade, a defecação, a digestão; e pelo seu *uso*, isto é, as classes sociais – mais ou menos populares, vulgares, baixas que a empregam comumente. Essas duas noções, palavra *grosseira* (originada de seu conteúdo) e palavra *baixa* (originada de seu usuário) não se confundem”.

Mas cremos que o critério social ou econômico não oferece, pelo menos na atualidade, segurança para a classificação dos termos obscenos, de vez que eles podem extrapolar, [...], para outros níveis sociais. Quanto ao conteúdo, pensamos que Guiraud tem razão quando diz que “é grosseira toda palavra que tende a descrever, a pôr em relevo o corpo e suas funções, e em particular, as mais baixas. E essa grosseria é tanto mais grosseira quando ela se exprime por meios de termos de origem e uso populares. Termos que, por sua natureza, atualizam as imagens mais materiais e corporais das coisas e funções designadas e às quais, por outro lado, se ligam ao descrédito e o desprezo de que são objetos aqueles que os empregam”.

Nesse sentido, o vocabulário gírio dos travestis é ilustrativo: **fazer a nena** (evacuar); **fazer a susete** (colocar para trás o pênis na calcinha); **fazer uma gulosa** (sexo oral); **edi** (ânus).

Um esclarecimento é necessário. Embora abrangidos pelo segmento da diversidade sexual, os travestis são os mais marginalizados dentro da própria comunidade homossexual, seja pelo fato de, na sua grande maioria, prostituírem-se, seja por não definirem claramente a sua sexualidade, ou, ainda, pelo comportamento geralmente espalhafatoso. Sendo assim, apresentam os termos mais agressivos, depreciativos e grosseiros, alguns dos quais acabam sendo assimilados pelos homossexuais masculinos, e usados em situações de extrema descontração, com finalidades jocosas.

A alteração dos significados usuais também pode ser verificada em duas expressões metafóricas que expõem a degradação dos valores morais, familiares, profissionais e sociais, a saber: **baixar a vovó** (praticar sexo oral) e **atender no escritório** (manter relação sexual em banheiro). Ambas podem ser proferidas em vários ambientes e tendem a manter o seu caráter criptológico.

Note-se que, além de, em geral, visar ao riso e à irreverência, a gíria dos falantes que compõem a diversidade sexual também produz eufemismos, como nos vocábulos que significam AIDS: **bichinho**; **quatro letrinhas**; **a menina**.

Essas considerações sobre a importância da metáfora na formação do significado do vocabulário gírio dos membros que compõem o segmento da diversidade sexual permitem outras ponderações, as quais visam apenas à reflexão e não a respostas assertivas, posto que para essas seriam necessários muitos outros estudos, em várias áreas do saber.

O glossário constituído possibilita a percepção de que há, dentro do segmento da diversidade sexual, o reforço de vários estereótipos também presentes na sociedade majoritária.

Centrando-se no preconceito contra as mulheres, Eluf (2003:15) declara que as mulheres têm os mesmos direitos à liberdade sexual que os homens:

[...] Com as pílulas anticoncepcionais as mulheres ficaram mais livres para fazer sexo sem medo de engravidar. A sexualidade sadia e responsável é um direito de todos nós. Houve um tempo em que somente os homens tinham liberdade sexual. Felizmente, agora, as mulheres também têm os mesmos direitos. Isso quer dizer que as exigências de virgindade acabaram e que é preciso orientar todo mundo sobre a sexualidade na adolescência. Veja bem: toda a liberdade vem acompanhada de responsabilidade.

Ora, mesmo com todas as garantias constitucionais adquiridas, a mulher ainda não goza tão plenamente de tal liberdade. O direito à liberdade sexual que lhe é cerceado na sociedade heterossexual também parece ser restringido no grupo minoritário da diversidade sexual, como ratificam algumas gírias grosseiras e agressivas a elas atribuídas (borracha, zé botina, xotão) , bem como o menor número de estabelecimentos destinados exclusivamente para as homossexuais femininas.

Além do preconceito de gênero, o social também permeia a realidade cotidiana daqueles que compõem o segmento em análise, como evidenciam poderosa, SBP – Super Bicha Pobre e BF – Bicha Fina.

Em artigo sobre o preconceito social, Sposati (2003:113) afirma que

[...] o preconceito elitista e de classe é base para que outros preconceitos surjam. Ele associa dinheiro, sucesso e poder como fatores que dividem a sociedade entre proprietários poderosos e pobres desafortunados. As diferenças sociais entre os pobres e os remediados, não somente por suas posses, mas também por conta do grau de integração das pessoas nos modelos de vida dos grupos privilegiados, opõem muito mais ricos e pobres, do que negros e brancos. O remediado quer se identificar com o rico, o poderoso e prefere achar que se o cara está naquela situação de pobreza toda, ora, problema dele, vai ver que ele é o culpado. Ou pior, quer acreditar que ele, mesmo sendo apenas um remediado, nada tem a ver com isto.

Pelo declarado, se citadas as gírias bicha velha, bicha fashion, bofinho e barbie, além da discriminação social, evidencia-se o preconceito geracional e o reforço aos modismos, à elegância, à juventude e à “boa aparência”.

Esses reforços, que correspondem aos estereótipos sociais, são muito propagados pela mídia, a qual contribui, segundo Sposati (2003:117), para que ocorra “um deslocamento entre a realidade e a imagem construída da realidade”.

Nesse processo de percepção da realidade que, como visto, é eminentemente metafórico, os preconceitos tendem a ser conservados, também com o auxílio da moda, como destaca Sposati (2003:117-8):

Incorporamos mecanicamente comportamentos, atitudes, referências, valores, sem pensar nos motivos que nos levam a fazer deste ou daquele jeito determinada coisa. Alguns entendem que se usarem um tênis da marca X, estarão mais elegantes do que se estivessem calçando outro, de outra marca. Não é o bonito e confortável que prevalece, é a marca, o preço.

A moda também desenvolve o culto de boa aparência e com ele cria os estereótipos e padrões estéticos que orientam o consumo. É a sensação mecânica de que você está sendo aceito porque se veste com esta ou aquele grife. [...]

Os padrões e estereótipos são muitas vezes preconceituosos com os negros ou idosos por associarem a boa aparência somente a corpos musculosos, pele clara, juventude.

Ora, no caso específico dos membros da diversidade sexual e, em particular, dos homossexuais masculinos, a sociedade majoritária parece permitir uma visibilidade maior, compensando-a pelo poder de consumo a eles atribuído.

Tal fato pode levar à constatação de que, dentre os preconceitos, o social prepondera sobre o sexual, ou seja, permite-se a manifestação da orientação sexual desde que se tenha poder aquisitivo, educação, beleza e elegância.

Talvez por seu anseio de tolerância pela sociedade majoritária e por sua busca de equidade no tratamento dispensado às minorias, os membros que compõem a diversidade sexual tendem a reconhecer a maior visibilidade conquistada e, ao mesmo tempo, a resguardar-se e a precaver-se de qualquer eventual agressão, o que, no emprego da gíria, seria perceptível e estaria exteriorizado pelo uso quase constante da ironia.

A jocosidade presente nas metáforas que compõem os significados das gírias dos falantes da diversidade sexual parece ser a resposta deste segmento à hipocrisia do comportamento do grupo majoritário.

Mediando a convivência entre os grupos sociais em análise mantém-se a gíria, ora signo de grupo, ora gíria comum, ora uma forma lingüística de rebeldia e de preservação, ora um diálogo pacífico e conciliador.

Embora falando sobre o movimento gay norte-americano, pelos mesmos argumentos poderem ser aplicados à realidade paulistana visitada e por também situarem os limites da mediação realizada pela gíria, acompanham-se as seguintes palavras de Bernardet (2003:34-5):

O movimento gay norte-americano deve parte de sua notável força ao fato de que muitas empresas se deram conta que, em média, os gays têm um bom nível cultural, empregos e salários razoáveis, dispendo portanto de recursos que nas famílias são canalizados na educação dos filhos. Eles podem assim consumir arte, roupa, turismo etc. Pois bem, muitos homens rejeitam essa integração e querem que a sua “homossexualidade” seja uma agressão a uma sociedade que eles rejeitam. Para um dramaturgo e romancista como Jean Genet, ser “homossexual” é ser rebelde, o que exclui qualquer integração numa sociedade de classe, racista, capitalista, consumista, religiosa, como está atualmente constituída a sociedade em que vivemos. Essa rebeldia, esses homens querem mantê-la. Frequentemente, preferem ser chamados e se chamar de *bichas* ou *veados*. É o vocabulário do preconceito, da rejeição, do desprezo, mas eles o reivindicam com orgulho para se opor à sociedade que desprezam. *Black is beautiful*, dizem os negros americanos, é semelhante.

Firma-se, dessa forma, ante todo o coletado e ora analisado, o caráter criptológico, defensivo, irônico, por vezes agressivo, e irreverente do vocabulário falado pelos membros do segmento da diversidade sexual, que frequentam a noite paulistana, nas regiões dos Jardins e do Centro, caráter esse que só tende a ser rompido e, portanto, revelado, na medida em que os seus integrantes não se sintam discriminados.

4.3. Análise do corpus quanto ao significante

Após a proposição de uma análise do corpus quanto ao significado, oportuno se mostra um estudo no tocante ao significante, para que o signo lingüístico em exame, a gíria da diversidade sexual, seja visto na complementaridade, desenvolvida por Saussure, entre conteúdo (significado) e expressão (significante).

Para o desenvolvimento deste aspecto formal será seguido o esquema proposto pelo Professor Dino Preti (cf. aula de 20 abr. 2004).

Com tais bases, o significante do vocabulário gírio pode ser formado por composição, por empréstimos, por deformação e por alteração de classes gramaticais.

4.3.1. Análise da formação do significante por composição

Segundo Camara Junior (1986:76), entende-se por *composição* a “formação de uma palavra pela reunião de outras, cujas significações se complementam para formar uma significação nova”.

A composição de algumas gírias dos falantes da diversidade sexual pode ocorrer por justaposição ou por aglutinação.

Compostos por justaposição estão:

bichinha água-com-açúcar

bichinha pão com ovo

boa-noite-cinderela

Composto por aglutinação cita-se:

bofescândalo (*bofe* + *escândalo*)

A essa forma de composição dá-se o nome de *sinalefa* porque há a reunião de duas sílabas em uma só (fe + es = fes; bo-fes-cân-da-lo).

A partir do glossário constituído verifica-se que os significantes de alguns vocábulos gírios são compostos por estruturas repetidas, por onomatopéias ou por redução de expressões (siglas gírias).

4.3.1.1. Composição do significante por estrutura repetida

Podem ser apontados como significantes compostos por estrutura repetida os que seguem:

a de cá; a de lá

baba ovo

babado

fofo

fofa

janjão

laila

lala

lulu

mamar

mamada
metá–metá
neca matchim matchim
popó
xaxé

4.3.1.2. Composição do significante por onomatopéias

O significante pode ser composto por onomatopéias, por “palavras imitativas, isto é, palavras que procuram reproduzir aproximadamente certos sons ou certos ruídos” (Cunha & Cintra, s.d.:113).

Identificam-se no *corpus* algumas formações onomatopaicas:

bicha ploc–ploc. Segundo relatos, faria referência ao som do chiclete sendo mascado. Como a goma de mascar estaria na boca de todos, assim também o nome daquele que já é popular em certo local.

bicha poc–poc. Em referência à sola do sapato ao bater no chão durante a caminhada.

bichinho do ran–ran. Um comercial que divulgava um higienizador bucal popularizou a onomatopéia, a qual foi incorporada para designar a AIDS, mais especificamente atribuindo ao portador do vírus gripes freqüentes, dores de garganta.

fon–fon. O que se referiria ao som da buzina passa a indicar, por exemplo, o abraço de duas homossexuais femininas.

pluft. A representação sonora da queda resultante da ingestão de sonífero.

4.3.1.3. Composição do significante por redução de expressões

Seja por agilidade, por praticidade ou para revelar intimidade e/ou certa superioridade, as siglas gírias exemplificam que o significante pode ser composto por redução de expressões, tais como:

BF – Bicha Fina ou Bolacha Fina

CBS – Cut but Smokes

CC – Closet Case

GDC – Gay De Cabeça

PA – Pinto Amigo

PAM – Passivo Até a Morte

SBP – Super Bicha Pobre

Embora algumas gírias sejam novamente mencionadas quando a questão da deformação do significante for analisada, afirma-se, desde logo, que as reduções podem ocorrer no início, no interior ou no final das palavras.

Assim, além das siglas gírias, são registradas, de igual modo, reduções no início de tais palavras como:

de *amapoa* para **mapoa**

de *está querendo* para **tá querendo**

de *estou louca* para **tô lôca**

de *José botina* para **zé botina**

de *paranóia* para **nóia**

de *sorriso* para **riso**.

Também podem ocorrer supressões no interior das gírias, assim exemplificadas:

de *bicha* para **biba**

de *estou louca* para **tô lôca**

de *gonorréia* para **gona**.

Há, ainda, as supressões no final dos vocábulos:

de *baseado* para **basy**

de *bicha* para **bi**

de *ecstasy* para **biba e**

de *bicha* para **biu**

de *sapatão* para **sapa**

de *rachada* para **racha**

de *silicone* para **sili**

de *travesti* para **trava**.

4.3.2. Análise dos empréstimos para a formação do significante

Os empréstimos lingüísticos podem ser provenientes de outras línguas (externos) ou da própria língua (internos).

Por ora, o interesse está nos empréstimos internos que, segundo Borba (1973:278),

provêm do interior da própria língua, dos vários níveis que ela apresenta – escrita, literária, rústica, gírias e línguas técnicas, dialetos e falares. A língua corrente pode enriquecer o seu léxico tomando emprestados elementos típicos destes aspectos internos do idioma.

Com tais noções, o que se pôde constatar, a partir do glossário constituído, foi a influência dos meios de comunicação de massa, em especial, da televisão e do cinema, na constituição do vocabulário desses falantes.

Assim, evidenciando as novelas e os programas de auditório, destacam-se:

- o nome de uma atriz, **Beth Faria**, para designar a *vontade de transar com alguém a quem se cobiça*;
- o de uma apresentadora, Hebe Camargo, na locução gíria **dar um riso de Hebe**, com o sentido de *ser falso*; e
- o de um ator, Alexandre Frota, na expressão **mala do Frota**, para indicar o *homem com pênis grande*.

Igualmente, a publicidade está presente no imaginário desses falantes, como revelam os seguintes registros:

- **Abalou Paris!** A imagem da capital francesa representando *diversão, sucesso, elegância e riqueza*. Divulgação por agências de viagens nas várias mídias.
- **bicha fashion**. Ouviu-se essa gíria a partir da campanha publicitária de divulgação da *São Paulo Fashion Week*, um dos maiores eventos de *moda* no país.
- **bicha Internet**. A inclusão digital apontando para a importância da informação, de *estar atualizado*, como veiculado pelos vários provedores.
- **bichinho do ran-ran**. Um comercial para produto de higiene bucal passa a ser associado à *AIDS* pelo segmento da diversidade sexual.
- **gilete**. Um comercial para lâmina de barbear é apropriado para designar o *bissexual*.
- **pireli**. A marca de pneu veiculada nos meios midiáticos é utilizada para indicar *um dos apetrechos do travesti*.
- **quichute**. A marca de tênis é associada à *heterossexual feminina masculinizada*.
- **SBP – Super Bicha Pobre**. A marca de inseticida, SBP, foi relacionada à *condição de pobreza*.
- **barbie**. O nome de uma boneca, Barbie, é usado para indicar o *homossexual masculino com atitudes másculas e corpo definido, delineado*.

Relacionado ao rádio, à televisão e ao cinema estariam:

– **cantar no microfone**. A apresentação musical passa a designar a *prática de sexo oral*.

– **fazer uma gravação**. A representação indica a *prática de sexo oral*.

– **gravação**. O substantivo indica o *sexo oral*.

– **microfone**. O aparelho amplificador da voz remete ao *sexo oral*.

Pertinentes ao universo cinematográfico, mencionam-se:

– **cinéfilo**. O aficionado por cinema passa a designar o *homossexual masculino que frequenta cinemas em busca de parceiro sexual*.

– **cinemão**. O que seria um cinema grande, com capacidade para muitas pessoas, indica o *cinema em que há a exibição de filmes homoeróticos ou nos quais há a procura por parceiro sexual*.

Os desenhos animados ou as histórias infantis estão incluídos no imaginário daqueles que compõem a diversidade sexual, como atestam as gírias:

– **alice**. A personagem Alice, de *Alice no país das maravilhas*, designa uma *pessoa boba, inocente, fácil de ser enganada*.

– **boa-noite-cinderela**. A protagonista de *A gata borralheira* passa a indicar o *golpe que consiste em um garoto de programa dopar o cliente e roubar ou furtar o seu dinheiro*.

– **bambi**. O protagonista homônimo de *Bamby*, de Walt Disney, indica o *homossexual masculino, uma forma de chamamento carinhosa*.

Por suas especificidades, os empréstimos externos e os referentes a termos técnico-científicos serão vistos separadamente, nesta sequência.

4.3.2.1. Empréstimos de línguas estrangeiras

Do glossário constituído, como vocábulos oriundos de línguas estrangeiras, predominam os anglicismos e os africanismos.

Originários da língua inglesa, podem ser citados os seguintes exemplos:

– *Bamby* (na forma gíria: **bambi**)

– *Barbie* (na forma gíria: **barbie**)

– **barebacking** (cf. Mattoso, 1990:19)

– **bear**

– *ecstasy* (na forma gíria: **biba e**)

– **fashion** (na forma gíria: **bicha fashion**)

- *Internet* (na forma gíria: **bicha internet**)
- *boot*
- *beer* (na forma gíria: **botar a beer**)
- *boy*
- *CBS – Cut But Smokes*
- *Closet Gay*
- *close* (na forma gíria: **dar close**)
- *delivery boy*
- *drag queen*
- *drag king*
- *fistfuck* (cf. Mattoso, 1990:36)
- *gay* (também na forma gíria: **GDC – Gay de Cabeça**)
- *pay* (na forma gíria **gay por pay**)
- *gay friendly*
- *lesbian*
- *pocket*
- *taxi boy* (na forma gíria: **táxi boy**)
- *top*

Com nítida influência de línguas africanas, principalmente o yorubá, etinologia moderna de nagô (cf. Santos, 2002:13), baseado no Dicionário Yorubá (Nagô) Português, de Fonseca Júnior, publicado em 1988, podem ser mencionados os vocábulos a seguir:

- *adé* (cf. 1988:9)
- *adé fontó*
- *alépa* (na forma gíria: **alibã**) (cf. 1988:48)
- *àmipo* (na forma gíria: **amapô**) (cf. 1988:49)
- *ebo* (na forma gíria: **ebó mal despachado**) (cf. 1988:117)
- *edi* (cf. 1988:105)
- *èké* (na forma gíria: **equê**) (cf. 1988:107)
- *métaméta* (na forma gíria: **metá-metá**) (cf. 1988:272)
- *mapoa*
- *mònà* (na forma gíria: **mona**) (cf. 1988:274)
- **mona de equê**
- *okàn – ifà* (na forma gíria: **okani**) (cf. 1988:325)
- *padè* (na forma gíria: **padê**) (cf. 1988:341)

– *tàbá* (na forma gíria: **taba**) (cf. 1988:397)

Cumpra ressaltar que os africanismos, de acordo com as pesquisas de campo realizadas, além de serem empregados com maior frequência na região do Centro, estão mais presentes na fala dos travestis e daqueles que se apresentam como transformistas. A esse vocabulário oriundo dos travestis e falado por eles tende a ser atribuído o nome de *pajubá*.

Pajubá, segundo Fonseca Júnior (1988:342), é um substantivo em yorubá que significa “assunto, segredo, conversa, apresentação entre pessoas”.

A língua francesa também revela a sua presença no vocabulário dos falantes da diversidade sexual em três registros gírios:

– *bas-fonds* (na forma gíria: **bafon e basfond**) (cf. Rónai, 1989:21)

– *frappé* (na forma gíria: **frapê**) (cf. Rónai, 1989:106)

– *miché* (na forma gíria: **michê**) (cf. Rónai, 1989:164)

Embora não constitua estrangeirismo, mas por guardar maior relação com o vocabulário dos travestis, os quais se mostram como os falantes que mais utilizam africanismos, galicismos e tupinismos, entende-se pertinente a apresentação da influência tupi na constituição da gíria dos membros que compõem o segmento da diversidade sexual.

Não deve causar estranheza a presença de vocábulos de origem tupi, pois como declara Melo (1975:41):

Das línguas indígenas do Brasil, natural é que tenha sido o tupi aquela que maior influxo exerceu no português, porque era a mais importante, era a mais falada e funcionava mesmo como espécie de “língua segunda” de certos grupos aborígenes não tupis.

De origem tupi e preponderantes nos diálogos dos travestis estão os seguintes registros:

– *aquê* (na forma gíria: **aqüê**) (cf. Cunha, 1999:56)

– **mocó** (cf. Cunha, 1999:211)

– **pereba** (cf. Cunha, 1999:348)

– **tatu** (cf. Cunha, 1999:354).

Desse sucinto levantamento de empréstimos, que tencionou apontar alguns estrangeirismos e a presença de vocábulos portugueses de origem tupi, já se torna perceptível o fato de que os anglicismos, além de registrados em maior número, são mais usados na região dos Jardins e parecem gozar de maior prestígio dentro do grupo da diversidade sexual. Note-se também que os frequentadores dessa região, segundo o observado, tendem a ostentar

uma melhor condição sócio-econômico-cultural do que a daqueles que costumam ir à região do Centro.

Nessa linha de pensamento, se os falantes que freqüentam a região do Centro, em algum grau, sentem-se discriminados pelos membros da diversidade sexual que usualmente vão à região dos Jardins, passa a fazer sentido o fato de que os visitantes da área central tenham maior identificação com os travestis, maior proximidade, inclusive física, e, portanto, maior assimilação do vocabulário com africanismos, galicismos e de origem tupi.

Tal constatação pode revelar uma revolta por parte daqueles que gostariam de transitar igualmente pelas duas regiões, mas que, por não terem as condições estipuladas pelos grupos correspondentes a cada área, acabam adotando o falar mais agressivo, mais hermético e, muitas vezes, mais pejorativo dos travestis. A mesma consideração, no entanto, pode evidenciar um processo de rebeldia, indicando que, mesmo possuindo tais requisitos para irem a uma e outra regiões, por não se sentirem inseridos no grupo social majoritário, optam pela marginalidade, por permanecerem à margem dos estereótipos sociais de juventude, elegância, riqueza e sucesso.

Mas, ainda assim, por que os anglicismos preponderam entre os falantes que compõem o segmento da diversidade sexual? Uma resposta é dada por Garcez & Zilles (2004:22-3):

Não há dúvida de que há uma avalanche de anglicismos. Por um lado, há os termos da tecnologia e da pesquisa avançada, desenvolvida e registrada quase hegemonicamente nessa língua. De outro lado, há o universo do consumo e dos negócios. O apelo da máquina capitalista globalizante é forte demais para que a mídia da informação, do entretenimento e, principalmente, da publicidade possa ou queira deixar de explorar as associações semióticas entre a língua inglesa e o enorme repositório de recursos simbólicos, econômicos e sociais por ela mediados. Em uma sociedade como a brasileira, na qual é imensa a disparidade na capacidade de consumo dos cidadãos e na qual a classe social consumidora sofre de grande insegurança social e se mira em modelo externo de consumo, norte-americano ou europeu, não surpreende que o anglicismo se preste para marcar a diferenciação competitiva entre quem dispõe desse capital simbólico e a massa não-consumidora. Temos aí mais do que preconceito. A força desse desejo parece irrefreável. [...]

4.3.2.2. Empréstimos de vocabulários técnico-científicos

Compondo alguns significantes falados pelos membros que integram o segmento da diversidade sexual estão os vocábulos oriundos de áreas técnicas e/ou científicas, a saber:

– no campo da marcenaria: **armário**, **closet** (*closet gay*)

– no campo da gastronomia: **broa, bolacha, frapê, lasanha, panqueca (bofe panqueca), quibinho (fazer um quibinho), rosca (dar a rosca)**

– no campo da condução de veículos: **caminhoneira, ligar o pisca-alerta, motorista de caminhão**

– no campo da Medicina: fimose (**mala fimose**), medicamento genérico (**genérica**), gripe (**Tá gripada!**), **operada**

– no campo da Pintura: Monet (**bicha monet**), Picasso (**picaço**)

– no campo das Forças Armadas: **quartel, sargento**

– no campo do cinema: **cinéfilo, cinemão, filmar**

– no campo religioso: **demônio, ebó (ebó mal despachado), hóstia, inferno**

– no campo hortifrutigranjeiro: goiaba (**bichinho da goiaba**), fruta, **frutão, frutinha, frango, galinha, galinhagem, ovo (bichinha pão com ovo).**

– no campo da Moda: *close* (**dar close**), *fashion* (**bicha fashion**), **modelão, top.**

– no campo das relações profissionais e/ou trabalhistas: **atender, atender no escritório, caso, CC – Closet Case, cliente, estar na função, estar no serviço, estar trabalhando, fazer o serviço, fazer um atendimento, fazer um negócio rápido, função, identidade, parceiro, recolher para o sindicato.**

– no campo acústico: microfone (cantar no microfone), gravação (fazer uma gravação)

4.3.3. Análise da deformação para formação do significante

Uma vez constituído o *corpus*, observou-se que o significante, não raras vezes, sofreu alterações quanto à sua forma usual ou vernacular.

Essas modificações tendem a evidenciar um processo de deformação do significante, seja pelo emprego de sufixos ou de outros alongamentos tipicamente gírios, seja por alterações diversas de radical, ou, ainda, por apócope ou por metátese.

Tais deformações no significante tendem a contribuir para a manutenção do caráter criptológico do vocábulo gírio, como também parece externar um repúdio ou uma rebeldia diante da forma utilizada pelo grupo majoritário.

4.3.3.1. Deformação do significante por sufixos ou alongamentos tipicamente gírios

Urbano (2001:185), em artigo no qual enfoca a versatilidade e a deformação da derivação sufixal gírica, fornece-nos uma definição de *sufixo*:

O termo “sufixo” aqui vai empregado não só no sentido específico de seu aspecto semântico, mas também no aspecto puramente morfológico, chamado então, com mais rigor, de “desinência”.

Na análise do processo de formação de vocábulos gírios por derivação sufixal indicam-se, assim, os seguintes afixos posteriores ao radical:

– *ação*: **fechação; pegação; tombação; viração.**

– *aço*: **picaço;**

– *ada*: **atacada; biba casada; biba pastilhada; casada; colocada; dar uma paulada; mamada; montada; operada; passada; rachada; tá gripada; tô passada.**

– *ado*: **babado; casado; ebó mal despachado; estar chequiado; forçado; lesado; miado; tá virado na coisa ruim.**

– *agem*: **galinhagem.**

– *ão*: **calçadão**; **cinemão**; **dar um catão**; **fazer um carão**; **frutão**; **grelão**; **janjão**; **modelão**; **pirocão**; **sapatão**; **xotão**.

– *ar*: **chaleirar**.

– *ario*: **balneário**.

– *ata*: **caricata**.

– *au*: **bilau**.

– *eira*: **bagaceira**; **caminhoneira**.

– *eiro*: **fazendeiro**.

– *ete*: **boquete**; **cunete**.

– *ida*: **biba fervida**; **entendida**.

– *ido*: **assumido**; **entendido**.

– *ina*: **zé botina**.

– *inha(s)*: **apertadinha**; **bicha molinha**; **bichinha**; **cidinha**; **coisinha**; **doidinha**; **florzinha**; **frutinha**; **Heleninha**; **lingüinha**; **piroquinha**; **pisar na chapinha**; **quatro letrinhas**; **tendinha**.

– *inho*: **bichinho**; **bofinho**; **chuveirinho**; **quibinho**; **viadinho**.

– *ita*: **bicha maldita**.

– *ona*: **bichona**; **fanchona**; **passivona**.

– *ora*: **biba caçadora**.

– *osa*: **gulosa**; **nervosa**; **pintosa**; **poderosa**.

– *ouro*: **suadouro**.

– *ura*: **criatura**.

4.3.3.2. Deformação do significante por alterações diversas de radical

Além da derivação sufixal já mostrada, o vocabulário gírio em análise também apresenta a *derivação prefixal*, isto é, uma palavra em que o afixo vem antes do radical, como ratifica o verbo **desaquiendar** (*des* + *aquiendar*).

Há, ainda, a *formação parassintética*, ou seja, a que decorre da junção simultânea de um prefixo e de um sufixo, tal como registrado em **desencanado** (*des* + *encan* + *ado*).

Outro modo de deformação do significante consiste na supressão de sons no meio da palavra, denominado *síncope*. Com base no *corpus*, identificam-se:

– **biba** para **bicha**

– **gon**a para **gonorréia**

– **tô lôca!** para *estou louca!*

À supressão de fonemas que ocorre no início da palavra dá-se o nome de *aférese*. Esta deformação aparece nos seguintes registros:

– **nóia** para **paranóia**

– **tá** para **está** (na forma gíria: **tá começando agora**)

– **tô** para **estou** (na forma gíria: **tô loca!**)

– **zé** para **José** (na forma gíria: **zé botina**)

Essas alterações evidenciam, além da intimidade com os vocábulos gírios, um anseio de brevidade e de praticidade durante a comunicação oral.

4.3.3.3. Deformação do significante por apócope

Afêrese e síncope, como visto, consistem na supressão de fonemas no início e no meio de palavras, respectivamente. No vocabulário gírio em análise, tais alterações são bem menos recorrentes do que as observadas por apócope, razão pela qual este processo deformativo vem separado dos demais.

Por *apócope* entende-se a supressão de fonemas no final da palavra. Sua frequência no *corpus* constituído pode ser verificada pelos exemplos ora mencionados:

- **basy** por *baseado*
- **bi** por *biba* ou *bicha*
- **biu** por *biba* ou *bicha*
- **borracha** por *borracheira*
- **racha** por *rachada*
- **sapa** por *sapatão*
- **sili** por *silicone*
- **trava** por *travesti*.

4.3.4. Análise da formação do significante por alteração de classes gramaticais

A *derivação imprópria*, ou seja, a alteração de classes gramaticais para a formação do significante pode ser exemplificada pelos registros gírios que seguem:

- **alice** ou **biba alice**. O substantivo próprio *Alice* passa a adjetivo, indicando *inocência, ingenuidade* ou *tolice*.
- **fubá** ou **bicha fubá**. O substantivo comum *fubá*, que corresponde a um *alimento*, deriva para a classe do adjetivo, referindo-se à *pobreza*.
- **internet** ou **bicha internet**. O substantivo comum *internet*, designativo de *rede de comunicação virtual*, é usado para qualificar a pessoa como *informada, atualizada*.
- **monet** ou **bicha monet**. O substantivo próprio *Monet* é empregado como adjetivo para fazer referência ao homossexual masculino *bonito de longe e feio de perto*.
- **bichinha água-com-açúcar**. O substantivo composto *água-com-açúcar* passa a adjetivo, ao qualificar o homossexual masculino como *romântico, sensível*.

– **bichinha pão com ovo**. A expressão substantiva *pão com ovo* deriva para a classe do adjetivo ao indicar o homossexual masculino *que não merece muito respeito, não tem muitos atrativos ou é pobre*.

– **boa-noite-cinderela**. O substantivo próprio *Cinderela* pode ser classificado como substantivo comum para designar o homossexual masculino *vítima do golpe que consiste em um garoto de programa dopá-lo para roubar ou furtar o seu dinheiro*.

– **panqueca** ou **bofe panqueca**. O substantivo comum *panqueca*, com o sentido de *alimento*, passa a adjetivo ao atribuir o *papel passivo ao homossexual masculino com postura máscula*, ao **bofe**.

– **PA – Pinto Amigo**. O substantivo comum *amigo* vai ser classificado como adjetivo, pois enfatiza *a regularidade e a frequência do parceiro sexual*.

4.3.5. Glossário da diversidade e signifiante: considerações

Tencionando observar, na medida do possível, apenas o aspecto formal dos vocabulários gírios coletados, evidencia-se uma concretude, uma seleção pelo que é familiar, conhecido, vivido.

As formas eleitas ou convencionadas pelo grupo marginalizado para externarem outros sentidos que não os usuais apontam para o cotidiano como o grande referencial para a criação da gíria no plano expressivo.

Ora pelos vínculos familiares, ora pelas relações profissionais, outras vezes pela mídia, outras tantas pelos aspectos relacionados à sobrevivência, como higiene, saúde, alimentação e habitação, por todo o contexto que envolve o falante que compõe o segmento da diversidade sexual, da sua interação com essa realidade é que parece surgir um dos focos de expressividade da gíria, seja pela escolha de significantes muito próximos emocionalmente, como os laços familiares e/ou afetivos, para, no momento seguinte, subvertê-los, por rebeldia ou por irreverência, construindo, então, o sentido criptológico.

A forma do signo gírio, se não permite a associação ou o conhecimento imediato do seu sentido (até porque o seu caráter secreto reside justamente aí para os que não pertencem àquele grupo), demonstra, no que diz respeito aos falantes que frequentam as regiões do Centro e dos Jardins, uma vasta apropriação dos vocábulos mais cotidianos, mais frequentes, evidenciando, por um lado, um baixo grau de abstração na sua criação, mas, por outro, um alto grau de dissimulação na sua reprodução.

Havendo o aproveitamento do mesmo significante para falantes de grupos sociais distintos, ambos poderão acreditar que estão ouvindo e/ou entendendo de modo similar, no entanto, para aqueles que conhecem outras possibilidades de sentido o vocábulo funcionará como signo de grupo.

Quanto aos estrangeirismos e à influência do tupi na constituição do vocabulário dos falantes que compõem o segmento da diversidade sexual, cumpre reiterar que os anglicismos são mais usuais na região dos Jardins, enquanto os africanismos e as gírias de origem tupi estão mais presentes na área do Centro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Duas coisas reduzem o preconceito: educação
e risadas.
L. Peter

Para algumas reflexões finais, observe-se a seguinte situação: dois homens conversam num vagão de metrô, às seis horas da tarde, e um diz que “Paulo atendeu um cliente no escritório”. Ambos, imediatamente após, começam a rir.

Não fosse pelo riso, a fala dita remeteria a maioria dos ouvintes a um contexto comercial ou profissional, no entanto, se esclarecermos que os falantes são homossexuais masculinos e freqüentam a noite paulistana, mais especificamente, as regiões do Centro e dos Jardins, a risada passa a fazer sentido e a ser coerente. Por quê?

Porque, para o público da diversidade sexual que freqüenta os limites geográficos e temporais referidos, a oração significa que Paulo manteve relação sexual (**atendeu**) com um parceiro eventual (**cliente**) num banheiro que não é o da casa dele (**no escritório**).

Esse exemplo corrobora o caráter criptológico da gíria empregada por tais falantes.

Igualmente, há um nítido traço defensivo nessa gíria, posto que, ante a similaridade da fala descrita em situações comerciais ou profissionais, os membros que compõem o segmento da diversidade sexual valem-se da banalidade de uma situação para, subvertendo sentidos denotativos, criar e divulgar sentidos conotativos entre os seus, excluindo do processo comunicativo aqueles que não conhecem tal possibilidade.

Na medida em que tais sentidos vão sendo conhecidos por pessoas que não integram tal segmento, nem freqüentam tais regiões, os próprios integrantes da diversidade tendem a atribuir outros ou novos sentidos aos mesmos vocábulos ou, ainda, tendem a adotar outras lexias.

O registro lingüístico, efetivamente coletado em visitas às regiões do Centro e do Jardins, aponta para a gíria como *signo de grupo*.

Quer isto dizer que a gíria falada por aqueles que compõem o segmento da diversidade sexual é caracterizada pela criptologia, pela efemeridade e pela expressividade.

Concluir que a gíria funciona como meio de defesa e de proteção para os seus falantes implica reconhecer que esse reflexo lingüístico possui origens e causas sociais.

Ora, sendo a língua uma convenção social que privilegia a comunicação, a gíria falada pelos membros do segmento da diversidade sexual, além de restringir a apreensão do sentido do dito somente para aqueles que conhecem tal sema, fazendo com que o *signo de grupo*

manifeste a sua força excludente, também corrobora a busca pela expressividade, via de regra, exteriorizada de forma irreverente, sarcástica e bem-humorada.

Diante do observado e do analisado, a gíria desses falantes configura-se como um reflexo lingüístico do preconceito social, cuja causa principal é o cerceamento moral que permeia as relações sociais, de tal forma que, no campo da sexualidade, os comportamentos que não se coadunem com as práticas heterossexuais não devem ser estimulados. Ao contrário, devem ser reprimidos, sufocados e, havendo insistência para manifestarem-se no convívio social, devem ser coibidos e marginalizados.

Como ficou evidenciado, o segmento da diversidade sexual, composto por gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros, é um grupo social secundário estigmatizado e marginalizado, que se estabelece, ainda hodiernamente, em guetos, em regiões específicas, como a do Centro e a dos Jardins, para que possa, minimamente, exercer a mesma liberdade de comportamento que é concedida aos heterossexuais, e desse convívio construir e reforçar sua identidade pessoal e grupal, buscando garantir a sua plena cidadania.

A gíria funciona, assim, como expressão lingüística de um grupo estigmatizado, cuja conduta sexual não é aprovada pela maioria dos membros de uma coletividade ou, quando muito, tolerada.

A criptologia das expressões gírias levantadas, aliada às concentrações das pessoas que integram o segmento da diversidade sexual em guetos, evidencia, ratifica e consolida um processo de marginalização social e, ao mesmo tempo, um processo identitário do grupo estigmatizado.

A gíria, fenômeno tipicamente oral, expressa o reconhecimento dessa exclusão e, simultaneamente, com a mesma intensidade de tal exclusão, é a forma lingüística de resistência e de defesa do grupo que se quer excluir e, entre os seus membros, tende a fortalecer um sentimento de união, de solidariedade e, principalmente, de identidade.

Pode-se afirmar que a gíria identifica o falante, na medida em que ele se sente inserido no grupo, na proporção em que a sua conduta sexual não é vista de forma negativa, não é discriminada.

Por seu caráter criptológico, a gíria permite ao sujeito estigmatizado preservar-se e defender-se em qualquer ambiente.

O gueto, por seus limites, possibilita ao mesmo sujeito expor a faceta individual condenável pelo grupo social majoritário, qual seja, o heterossexual. Mas dentro do próprio gueto há discriminações comportamentais, de tal modo que os travestis aparecem como os

falantes mais estigmatizados, e a força desta marginalização é evidenciada pelas gírias mais expressivas, mais defensivas, mais agressivas e com muitos africanismos.

Dentre os dois pólos difusores e produtores das gírias da diversidade sexual, o que se observou, e o próprio glossário corrobora, é que as pessoas que freqüentam a região dos Jardins tendem a empregar anglicanismos com maior regularidade, enquanto que as que se concentram no Centro falam mais africanismos.

Outra diferença que aparece nitidamente diz respeito à construção metafórica da gíria. Enquanto os signos de grupo falados na região dos Jardins revelam um maior grau de abstração, um maior grau de elaboração e um maior repertório cultural, como exemplificam **biba internet** e **biba monet**, os vocábulos da região do Centro evidenciam um menor grau de abstração, maior concretude, um materialismo maior, como ilustram os registros **biba fubá** e **mala do Frota**.

Comprova-se, ante todo o exposto, que a gíria dos falantes que integram o segmento da diversidade sexual e que freqüentam a noite paulistana, nas regiões do Centro e dos Jardins, é uma variação lingüística criptológica, defensiva, expressiva e, via de regra, irreverente, sarcástica e bem-humorada.

Outras reflexões impõem-se, pois desde que as pesquisas de campo em tais regiões foram encerradas em 28 de agosto de 2004, ocorreram várias mudanças, principalmente no aspecto geográfico, como se pretende, de modo breve, ora relatar, até para sugerir novos locais como fontes primárias para a constituição de outros *corpora*.

A região dos Jardins foi a que mais se descaracterizou, havendo, inclusive, a demolição de locais visitados na esquina da Rua da Consolação com a Alameda Itu, especificamente, o Bar Du Bocage e o Hertz, área na qual está sendo construído um prédio residencial.

Ainda no que toca à região dos Jardins, poderia ser pertinente enfocar a dispersão dos seus freqüentadores para estabelecimentos no Itaim, uma vez que houve a abertura de novas casas noturnas e a permanência das já existentes.

Quanto à região do Centro, a mobilidade daqueles que compõem o segmento da diversidade sexual é evidente. Tal evidência, que pode ser ratificada em novos estudos, talvez esteja diretamente relacionada com a operação de revitalização da região central de São Paulo, coordenada pelos governos estadual e municipal e pelos próprios moradores, por sua associação denominada Viva o Centro.

Com essa parceria entre os governos e a comunidade, a própria região da “cracolândia” está sendo descaracterizada, prédios estão sendo fechados e um novo projeto urbanístico está prestes a ser implantado.

Este revigoração dado à região central já tem apresentado consequências para aqueles que compõem o segmento da diversidade sexual, seja aumentando a concentração de seus membros na área do Largo do Arouche, seja pela abertura de novos estabelecimentos, como uma danceteria, destinada ao público GLBTS, no edifício Joelma, com capacidade para até três mil pessoas.

Ainda no que se refere ao Centro, nítida também é a expansão dos limites da área da Barra Funda, região em crescente processo de revitalização, e que já dá mostras de consolidação dos estabelecimentos destinados ao público que compõe o segmento da diversidade sexual, bem como apresenta a inauguração de outros, capazes de transferir possíveis freqüentadores dos Jardins para as proximidades da Avenida Pompéia, uma das vias de acesso e de ligação entre a Vila Madalena e a Barra Funda.

Provas dessa mobilidade dos freqüentadores da noite paulistana e que compõem tal segmento são a consolidação do Espaço das Nações, próximo da estação Barra Funda, como um centro de eventos também para os membros da diversidade sexual, e a mudança do Hertz, dos Jardins para a Rua Guaicurus, quase em frente à The Week, danceteria inaugurada há pouco mais de um ano e que, segundo relatos, vem se apresentando como uma casa freqüentada por um público semelhante ao que se dispersou nos Jardins.

Esse breve relato enfatiza e pode vir a ratificar que a mobilidade de grupos secundários minoritários, uma das características próprias dos grandes centros urbanos, contribui para a efemeridade do fenômeno gírio.

Ante a rápida transformação da realidade cotidiana, seria pertinente, dentre outros aspectos, a análise da relação entre a diminuição ou o aumento do preconceito social em relação às diversas práticas sexuais, a (re)distribuição espacial dos grupos secundários minoritários e seus reflexos no processo dinâmico de formação da gíria enquanto *signo de grupo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALDINGER, Kurt. *Teoria semántica*. Hacia uma semántica moderna. Madrid: Alcalá, 1970.
- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BERNARDET, Jean-Claude. Ser ou não ser não é a questão. In: PINSKY, Jaime (org.). *12 faces do preconceito*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003, p. 29-35.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria lingüística* (Teoria lexical e lingüística computacional). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Coleção leitura e crítica.
- BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos lingüísticos*. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1973.
- BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica*. Ciência das significações. Trad. Aída Ferras et al. São Paulo: EDUC, 1992.
- BURKE, Peter. *A Arte da Conversação*. Trad. Álvaro Luiz Hattnher. São Paulo: UNESP, 1995.
- ____ & PORTER, Roy (orgs.). *Línguas e jargões: contribuições para uma história social da linguagem*. Trad. Álvaro Luiz Hattnher. São Paulo: UNESP, 1997.
- CABELLO, Ana Rosa Gomes. *Gíria: Vulgarização de um Signo de Grupo?* Assis, SP: 1989. Tese (Doutorado em Filologia e Lingüística) – Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Assis da Universidade Estadual Paulista.
- CALLIGARIS, Contardo. Transex. *Folha de São Paulo*, 18 nov. 2004, Caderno 5, p. E14.

CAMARA JUNIOR, J. Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CAMARGO, Jayme. Decifra-me, ou eu te devoro. *GNews*. São Paulo: Fractal, n. 2, verão 2001-2002, p. 60-1. Trimestral.

CASCIANI, Clément. Histoire de l'argot. In: LA RUE, Jean. *Dictionnaire d'argot*. Paris: Flammarion, 1948.

CASTANHO, Amaury. Sobre o homossexualismo. *Folha de São Paulo*, 5 jul. 2004, Caderno 1, p. A3.

CASTRO, Amílcar Ferreira de. *A gíria dos estudantes de Coimbra*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1947.

COULTHARD, Malcolm. *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática, 2001. Princípios, 199.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. 35. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. *O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Lingüística*. Trad. Izidoro Blikstein et al. São Paulo: Cultrix, 1978.

ELLIS, Albert. *Sexo sem culpa e sem medo*. Trad. Hamilton Marques. São Paulo: Papelivros, 1960.

ELUF, Luiza Nagib. Lugar de mulher é na cozinha? In: PINSKY, Jaime (org.). *12 faces do preconceito*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003, p. 13-18.

EPSTEIN, Isaac. *O Signo*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.

FIORIN, José Luiz. Política lingüística no Brasil. *Gragoatá*. Rio de Janeiro: UFF, v. 9, 2000, 2º sem., p. 221-31.

FISCHER, André. Nossas ‘comunidades’. *Revista da Folha*, n. 662, 27 mar. 2005, p. 25.

FONSECA JÚNIOR, Eduardo. *Dicionário Yorubá (Nagô) Português*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

FRY, Peter & MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. Primeiros Passos, 81.

FUSARO, Kárin. *Gírias de todas as tribos*. São Paulo: Panda, 2001.

GARCEZ, Pedro M. & ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos – Desejos e Ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto (org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2004, p. 15–36.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 17. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GIDDENS, Anthony. Estruturalismo, Pós-estruturalismo e a produção da cultura. In: _____ & TURNER, Jonathan (orgs.). *Teoria Social Hoje*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: UNESP, 1999.

HELMINIAK, Daniel A. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*. Trad. Eduardo Teixeira Nunes. São Paulo: Summus, 1998.

HORTON, Paul B. & HUNT, Chester L. *Sociologia*. Trad. Auriphebo Barrence Simões. São Paulo: McGraw-Hill, 1980.

ISAY, Richard A. *Tornar-se gay. O caminho da auto-aceitação*. Trad. Dinah Klebe. São Paulo: Summus, 1998.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Mara Sophia Zanotto (coord.). Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002. Coleção As faces da Lingüística Aplicada.

LOPES, Edward. *Fundamentos da Lingüística Contemporânea*. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

LUGARINHO, Mário César. Universidade GLS. *Folha de São Paulo*, 30 mar. 2003, Mais!, n. 580, p. 11.

MARTIN, Robert. Para entender a Lingüística. Epistemologia elementar de uma disciplina. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2003.

MARTINS, Nilce Sant'anna. *Introdução à estilística. A expressividade na língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MASTERS, William H. & JOHNSON, Virginia E. *A incompetência sexual. Suas causas, seu tratamento*. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

____ & _____. *O vínculo do prazer. Uma nova maneira de ver a sexualidade e a confiança*. Trad. Álvaro Carlos. Rio de Janeiro: Record, 1977.

MATTOSO, Glauco. *Dicionário do palavrão & correlatos inglês-português e português-inglês*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

MENA, Fernanda. Homofobia na escola é tema de congresso que reúne 150 países. *Folha de São Paulo*, 23 jul. 2004, Caderno 3, p. C4.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: _____ & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9-14.

MOTT, Luiz. Em pauta. *RevistaE*. São Paulo, n. 7, p. 35, jan. 2000, mensal.

NEVES, Maria Helena de Moura. A prática lexicográfica: onde ciência e arte se encontram. In: _____. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: UNESP, 2002, p. 207-21.

PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraphim & LOPES, Ivã Carlos. A semântica lexical. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à Linguística II*. Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003, p. 111-35.

PINTO, Ênio Brito. *Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade*. São Paulo: Gente, 1999.

PRETI, Dino. *A linguagem proibida*. Um estudo sobre a linguagem erótica. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

_____. A propósito do “palavrão” e de seu dicionário. In: _____. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz: Universidade de São Paulo, 1984a.

_____. A gíria na cidade grande. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, 1996, v. 54, p.139-43.

_____. *Sociolinguística. Os níveis de fala*. Um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. 9. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

_____. Variação lexical e prestígio social das palavras. In: _____ (org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003, p. 47-67 (Projetos Paralelos, v. 6).

_____. Dicionários de gíria. In: _____. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 71-85. (Série Dispersos.)

_____. Transformações no fenômeno sociolinguístico da gíria. In: _____. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 99-108. (Série Dispersos.)

_____. A gíria e o ensino da segunda língua. In: _____. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 109-13. (Série Dispersos.)

RÓNAI, Paulo. *Dicionário essencial francês-português e português-francês*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nãgô e a morte*. Pàde, Asèsè e o culto Égun na Bahia. Trad. Universidade Federal da Bahia. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SANTOS JUNIOR, Orocil Pedreira. *Bichonário: um dicionário gay*. Salvador: ed. do autor, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. Trad. Antônio Chelini et al. 21. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

SPOSATI, Aldaíza. Feios, sujos e malvados. In: PINSKY, Jaime (org.). *12 faces do preconceito*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003, p. 113-9.

STRATHERN, Paul. *Foucault em 90 minutos*. Trad. Cassio Boechat. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

TREVISAN, João Silvério. Por que celebrar o orgulho gay? *Folha de São Paulo*, 28 jun. 2004, Caderno 1, p. A3.

_____. *Devassos no Paraíso. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TURAZZA, Jeni Silva. O dicionário e suas funções. In: BASTOS, Neusa Barbosa (org.). *Língua Portuguesa: uma visão em mosaico*. São Paulo: EDUC, 2002, p. 153-71.

ULLMANN, Stephen. *Semântica*. Uma introdução à ciência do significado. Trad. J. A. Osório Mateus. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, s.d.

URBANO, Hudinilson. A expressividade na língua falada de pessoas cultas. In: PRETI, Dino (org.). *O discurso oral culto*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 115-39. (Projetos Paralelos, v. 2.)

_____. A gíria: um aspecto de sua criação numa amostragem dicionarizada da fala popular moderna. In: _____ et al (orgs.). *Dino Preti e seus temas*. Oralidade, literatura, mídia e ensino. São Paulo: Cortez, 2001, p. 181-99.

VANOYE, Francis. *Usos da linguagem*. Problemas e técnicas na produção oral e escrita. Trad. Clarice Madureira Sabóia et al. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VILELA, Mário. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 1979.

WENTWORTH, Harold & FLEXNER, Stuart Berg. *Dictionary of American Slang*. Trad. Michelangelo Di Vito. New York: Thomas Y. Crowell Company, 1967.

ZANINI, Fábio. Ativismo gay causa homofobia, diz Anistia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 jul. 2004, Caderno 1, p. A17.

Mapas lingüísticos

Revista Oficial da Parada do Orgulho GLBT de 2004, n. 1.

ANEXO

GLOSSÁRIO

A DE CÁ; A DE LÁ: forma de chamamento entre dois homossexuais masculinos conversando.

A MENINA: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

ABALAR: arrasar; estar bonito, elegante; encontrar alguém interessante ou conseguir alguma coisa boa.

ABALOU PARIS!: arrasar; não ter para ninguém; ser melhor do que todos; conseguir o que há de melhor.

ADÉ: homossexual masculino assumido, isto é, aquele que divulga publicamente a sua orientação sexual; forma de chamamento entre homossexuais masculinos e como os travestis também os chamam.

ADÉ FONTÓ: pessoa que não assume a orientação sexual.

ALIBÃ: polícia ou policial.

ALICE: pessoa boba, inocente, fácil de ser enganada.

AMAPÔ: mulher; heterossexual feminina.

APERTADINHA: homossexual masculino virgem; aquele que não foi passivo.

APRONTAR: armar uma cilada; fazer, criar uma confusão; sacanear; trapacear.

AQÜÉ: dinheiro.

AQÜENDAR: pegar; apertar; esconder.

AQÜENDAR A CONVERSA: escutar; ouvir; participar.

AQÜENDAR UM BOFE: manter relação sexual; transar.

ARMÁRIO: pessoa que não assume a orientação sexual.

ASSUMIDO: pessoa que contou, recentemente, sobre sua orientação sexual para os outros.

ATACADA: louca; nervosa.

ATENDER: manter relação sexual.

ATENDER NO ESCRITÓRIO: manter relação sexual em banheiro.

BABA OVO: homossexual masculino que está interessado em alguém para praticar sexo oral.

BABADO: acontecimento, fato; fofoca, intriga; problema.

BAFON: acontecimento, fato; fofoca, intriga; problema; confusão; forma mais freqüente no Centro.

BAGACEIRA: local ou pessoa de baixo nível.

BAIXAR A VOVÓ: praticar sexo oral.

BALNEÁRIO: sauna homossexual masculina; termas.

BAMBI: homossexual masculino; forma de chamamento carinhosa, em desuso.

BAMBU: órgão sexual masculino; pênis longo e não muito grosso; em desuso.

BARBIE: independente da idade, é o homossexual masculino malhado; que tem o corpo bem trabalhado, definido. Normalmente, durante a noite e finais de semana, usa calça *jeans* apertada e camiseta branca mais justa ainda.

BAREBACKING: sexo anal entre homossexuais, sem preservativo.

BASFOND: babado; acontecimento; grande evento ou festa; confusão, baixaria; forma mais freqüente nos Jardins.

BASY: cigarro de maconha.

BATER AS TAMANCAS: bater os pés; querer as coisas de modo particular, pessoal; ficar nervoso; ser contrariado.

BATEU NA CAMA, VIROU: homossexual masculino passivo.

BEAR: independente da idade, é o homossexual masculino peludo e, em geral, gordinho.

BETH FARIA: vontade de transar com alguém a quem se cobiça.

BF – BICHA FINA: homossexual masculino elegante; educado; bonito.

BF – BOLACHA FINA: homossexual feminina rica, que frequenta ambientes refinados.

BI: homossexual masculino; forma de chamamento carinhosa, afetiva entre homossexuais masculinos.

BIBA: homossexual masculino; forma de chamamento que indica intimidade ou classificação da orientação sexual de um homem; forma de chamamento pejorativa entre homossexuais femininas, porém simpática, amistosa, quando conversando com um homossexual masculino.

BIBA BIRIBA: homossexual masculino que “ferve”, que não pára, agitado, muito animado.

BIBA CAÇADORA: homossexual masculino que procura parceiro sexual.

BIBA CASADA: homossexual masculino que mantém relacionamento estável.

BIBA E: homossexual masculino que usou ou está sob o efeito do *ecstasy*; mais freqüente nos Jardins.

BIBA FERVIDA: homossexual masculino agitado, animado.

BIBA PASTILHADA: homossexual masculino que usou ou está sob o efeito do *ecstasy*; mais freqüente nos Jardins.

BICHA: homossexual masculino.

BICHA *FASHION*: homossexual masculino bem produzido; bem-vestido.

BICHA FUBÁ: homossexual masculino pobre.

BICHA INTERNET: homossexual masculino esperto, antenado, bem informado.

BICHA MALDITA: homossexual masculino fofoqueiro; que provoca intrigas; muito crítico.

BICHA MOLINHA: homossexual masculino muito afetado e lerdo; lento.

BICHA MONET: independente da idade, é o homossexual masculino bonito de longe e feio de perto.

BICHA PLOC-PLOC: homossexual masculino popular, que entra de graça nas boates por ser muito conhecido.

BICHA POC-POC: homossexual masculino que utiliza o ônibus como meio de transporte; homossexual masculino que só anda a pé.

BICHA VELHA: homossexual masculino da terceira idade; homossexual masculino com menos idade, mas ranzinza.

BICHINHA: homossexual masculino jovem ou menor de idade; com trejeitos efeminados; pobre ou sem comportamento social adequado; desqualificada; termo altamente pejorativo.

BICHINHA ÁGUA-COM-AÇÚCAR: homossexual masculino romântico, sensível.

BICHINHA PÃO COM OVO: homossexual masculino que não merece muito respeito; que não tem muitos atrativos; pobre.

BICHINHO: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

BICHINHO DA GOIABA: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

BICHINHO DO RAN-RAN: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

BICHONA: bicha velha; homossexual masculino de terceira idade; experiente; bicha espalhafatosa, com trejeitos efeminados; termo altamente pejorativo.

BILAU: órgão sexual masculino; vocábulo normalmente usado pelo homossexual masculino passivo; também pode indicar pênis pequeno.

BIU: homossexual masculino; forma de chamamento carinhosa, afetiva entre homossexuais masculinos.

BOA-NOITE-CINDERELA: golpe que consiste em um garoto de programa dopar o cliente e roubar ou furtar o seu dinheiro.

BOCA: ponto de encontro conhecido; local freqüentado por homossexuais.

BOFE: heterossexual masculino; homem másculo, com mais de 25 anos de idade.

BOFESCÂNDALO: homem gostoso; atraente; bonito, independente da idade.

BOFE PANQUECA: homossexual masculino com postura máscula, mas passivo.

BOFINHO: heterossexual masculino jovem, com menos de 25 anos de idade.

BOLACHA: homossexual feminina comum, nem muito feminina, nem masculinizada.

BOOT: homossexual feminina; forma de chamamento empregada pelas homossexuais femininas que freqüentam os Jardins; mais descontraídas, podem ser confundidas com clubbers.

BOQUETE: sexo oral.

BORRACHA: homossexual feminina; forma de chamamento pejorativa; tanto pode se referir à borracheira, masculinizada, quanto às homossexuais femininas comuns e que estão juntas ou prestes a manter relações sexuais (grudar, colar).

BOTAR A BEER: pagar a relação sexual com cerveja.

BOY: garoto de programa.

BROA: enchimento de silicone na nádega, utilizado pelos travestis.

BRUXA: homossexual masculino feio, grosseiro.

BUCETO: órgão sexual masculino; pênis do travesti, independente do tamanho.

CAÇAR: estar à procura de parceiro sexual.

CALÇADÃO: andar, desfilarm pela calçada à procura de parceiro sexual.

CAMINHONEIRA: homossexual feminina masculinizada e que se veste regularmente com roupas masculinas; forma de chamamento muito pejorativa.

CANTAR NO MICROFONE: praticar sexo oral.

CARICATA: homossexual masculino feio; travesti que faz *show* só de gozação, para divertir.

CASADO(A): homossexual que namora; possui parceiro sexual fixo; mora junto com o parceiro.

CASO: parceiro fixo; indica relacionamento afetivo e duradouro; namorado.

CASSANDRA: homossexual masculino.

*CBS – CUTE BUT SMOKE*S: homossexual masculino bonitinho, mas fumante; uso mais freqüente nos Jardins.

CC – CLOSET CASE: pessoa que não assume a orientação sexual.

CHALEIRAR: bajular; adular; paquerar; insinuar-se por algum tempo.

CHARUTO: homossexual feminina muito masculinizada; fumante, faz o cigarro parecer um charuto pela postura que assume.

CIDINHA: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

CINÉFILO: homossexual masculino que freqüenta cinemas em busca de parceiro sexual.

CINEMÃO: cinema em que há a exibição de filmes homoeróticos ou nos quais há a procura por parceiro sexual.

CLIENTE: parceiro homossexual masculino para relação sexual eventual.

CLOSET GAY: homossexual masculino que não assumiu a orientação sexual.

COISINHA: relação sexual eventual, sem importância.

COLOCADA: pessoa que abusou de drogas ou álcool.

CONSOLO: vibrador.

CRIATURA: forma de chamamento entre homossexuais; pode ocorrer entre estes e simpatizantes.

CUNETE: masturbação anal.

DAR A ELZA: furtar.

DAR A ROSCA: ser passivo.

DAR CLOSE: dar pinta; parecer homossexual; desfilar, andar pelos lugares.

DAR O TRUQUE: mentir; esconder; simular.

DAR PINTA: possuir trejeitos efeminados que revelem a homossexualidade; demonstrar interesse por alguém; estar paquerando, insinuando-se.

DAR UM CATÃO: tomar uma atitude; aproximar-se de quem se está paquerando, geralmente já insinuando um beijo, um abraço.

DAR UM CHEIRO: dar um beijo; iniciar um namoro; trocar carícias.

DAR UM RISO DE HEBE: ser falso.

DAR UM TAPA NA BONECA: manter relação sexual com travesti.

DAR UMA BAIXA: repreender; criticar.

DAR UMA PAULADA: ser ativo na relação sexual.

DELIVERY BOY: garoto de programa.

DEMÔNIO: forma de chamamento ofensiva entre homossexuais masculinos.

DESAQUËNDAR: mandar alguém embora; soltar; mostrar.

DESENCANADO: heterossexual simpatizante.

DIANA: homossexual masculino que procura parceiro sexual.

DIVA: o homossexual masculino mais cobiçado do grupo.

DOIDINHA: homossexual masculino apaixonado.

DRAG KING: mulher que se veste com roupas masculinas.

DRAG QUEEN: travesti sem silicone; homem que se veste com roupas femininas.

EBÓ MAL DESPACHADO: pessoa que não merece confiança.

EDI: ânus.

ENTENDIDA: homossexual feminina; a forma de chamamento mais utilizada pelas homossexuais femininas.

ENTENDIDO: homossexual masculino; forma de chamamento normalmente empregada por homossexuais masculinos em ambientes heterossexuais e/ou acima de trinta e cinco anos.

EQUÊ: falso, do truque, falsificado.

ESCÂNDALO: local ou algo muito bom ou bonito.

ESTAR CHEQUIADO: estar meio depressivo.

ESTAR NA CAÇA: estar procurando parceiro sexual.

ESTAR NA FUNÇÃO: estar mantendo relação sexual ou à procura de parceiro.

ESTAR NO SALTO: homossexual masculino bem-arrumado, bem-vestido; ter superado uma separação.

ESTAR NO SERVIÇO: estar mantendo relação sexual.

ESTAR TRABALHANDO: estar mantendo relação sexual.

EU FAZIA: vontade de transar com alguém visto ou conhecido.

FÁCIL: homossexual masculino que só diz sim; presente a todos os eventos; inocente, iludido.

FACULDADE: sessão de cinema na qual se procura parceiro sexual.

FANCHONA: homossexual feminina; forma de chamamento altamente pejorativa; mulher com comportamento muito masculino.

FAZENDEIRO: aquele que faz; homossexual masculino com vida sexual ativa.

FAZER: manter relação sexual.

FAZER A NENA: evacuar.

FAZER A SUZETE: arrumar o pênis para trás, antes de vestir a calcinha.

FAZER O SERVIÇO: manter relação sexual.

FAZER UM ATENDIMENTO: manter relação sexual; transar.

FAZER UM CARÃO: não corresponder à paquera; ser metido.

FAZER UM CHUVEIRINHO: higienizar-se para manter uma relação sexual anal.

FAZER UM NEGÓCIO RÁPIDO: manter relação sexual eventual.

FAZER UM QUIBINHO: apalpar o pênis do parceiro.

FAZER UM VÍCIO: não cobrar pelo programa.

FAZER UMA CHUCA: higienizar-se para manter uma relação sexual anal.

FAZER UMA GRAVAÇÃO: praticar sexo oral.

FAZER UMA GULOSA: praticar sexo oral.

FAZER VIDA: ter atuação homossexual ativa.

FECHAÇÃO: festa animada; trejeito escandaloso.

FECHAR: fazer sucesso; chamar a atenção.

FECHAR E ENGOLIR A CHAVE: resolver uma situação.

FECHE SEU CU!: “Cale a boca!”.

FERVER: animar o ambiente; agitar; procurar parceiro sexual.

FILMAR: olhar insistentemente para o corpo do pretenso parceiro, principalmente para os órgãos genitais.

FINA: homossexual masculino elegante.

FIST FUCK: penetração da mão, do braço.

FLOR: termo genérico para homossexual masculino, independente da idade.

FLORZINHA: homossexual masculino jovem e/ou que apresenta trejeitos efeminados.

FOFA: homossexual feminina; forma de chamamento irônica entre elas, porém íntima quando conversando com um homossexual masculino.

FOFO: homossexual masculino; forma muito efeminada de chamamento, mas carinhosa, afetiva.

FON-FON: homossexual feminina; forma de chamamento mais empregada por travestis.

FORÇADO: quem está sob o efeito de *ecstasy*; mais freqüente nos Jardins.

FRANGO: homossexual masculino.

FRAPÊ: órgão sexual masculino; pênis em estado médio.

FRUTA: homossexual masculino com mais de 25 anos e com menos de 45; e/ou efeminado ou nem tanto quanto o frutinha.

FRUTÃO: tanto o homossexual masculino de mais idade (maior de 45 anos), quanto o homossexual masculino bonito, sedutor, com atitude máscula.

FRUTINHA: homossexual masculino com menos de 25 anos; e/ou muito efeminado.

FUNÇÃO: relação sexual.

GALINHA: homossexual masculino promíscuo.

GALINHAGEM: insistir em um pretenso parceiro; chaleirar.

GAMBÊ: polícia ou policial.

GAY: homossexual masculino.

GAY FRIENDLY: heterossexual sem preconceito; simpatizante; expressão mais empregada nos Jardins.

GAY POR PAY: heterossexual que mantém relação sexual eventual com outros homens, mediante pagamento; expressão mais empregada nos Jardins.

GDC – GAY DE CABEÇA: heterossexual com comportamento *gay*.

GENÉRICA: homossexual masculino que não discrimina, que não possui nenhum tipo físico de preferência.

GILETE: bissexual.

GOIABA: homossexual masculino.

GONA: gonorréia.

GRAVAÇÃO: sexo oral.

GRELÃO: homossexual feminina; forma de chamamento mais empregada por travestis; órgão sexual feminino.

GRUDAR: brigar, discutir.

GUIMBA: ponta de cigarro de maconha; mais freqüente nos diálogos com travestis.

GULOSA: sexo oral.

HELENINHA: o ou a homossexual que bebe além da conta, mas não cai.

HÓSTIA: camisinha.

IDENTIDADE: camisinha.

INFERNO: lugar feio, desagradável; pessoa sem atrativos; “Que merda!”.

JANJÃO: homossexual feminina; forma de chamamento mais empregada por travestis; órgão sexual feminino.

JOGAR O CABELO: não dar importância; ser indiferente.

LÁ VEM A DIANA!: homossexual masculino conhecido por só procurar parceiros sexuais.

LACRAR: fechar; fazer sucesso; chamar a atenção; despertar interesse.

LAILA: homossexual masculino.

LALA: homossexual masculino.

LÂGUIDA: homossexual masculino dissimulado; insinuante; descontraído, relaxado.

LARGA: homossexual masculino passivo.

LASANHA: homossexual muito gostoso, atraente.

LESADO: alguém que exagerou nas drogas ou no álcool; homossexual masculino que está acometido por “burrice súbita”; estar esgotado ou muito cansado; não perceber que está sendo cortejado ou visto.

LESBIAN: abreviatura de *lesbian chic*; homossexual fina, bonita, elegante, educada; atributos positivos; vocábulo mais empregado nos Jardins.

LÉSBICA: homossexual feminina, educada, bonita, elegante.

LEVANTAR O FERRO: conseguir a ereção do parceiro; ter ou manter a ereção, para a relação sexual.

LIGAR O PISCA-ALERTA: voltar a si; acordar.

LINGÜINHA: homossexual feminina; forma pejorativa.

LOUCA: homossexual masculino.

LULU: homossexual masculino.

MACOVERS: maconha; mais freqüente nos Jardins.

MALA: órgão sexual masculino; vocábulo geralmente usado para designar pênis grande.

MALA DE VIAGEM: órgão sexual masculino; pênis grande.

MALA DO FROTA: órgão sexual masculino; pênis grande.

MALA FIMOSE: órgão sexual masculino; pênis pequeno e/ou que não possui bom desempenho.

MALDITA: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

MAMADA: sexo oral; estado de quem excedeu o consumo de álcool, bêbado.

MAMAR: praticar sexo oral.

MANCHA: normalmente, homossexual masculino jovem, super feminino.

MAPOA: mulher; heterossexual feminina.

MARIA: homossexual masculino somente passivo.

MARIMACHO: homossexual feminina; forma de chamamento pejorativa, normalmente empregada por travestis.

ME DEI!: simpatizar; gostar de alguém.

ME POUPE!: deixar sozinho; não falar besteira; não incomodar.

MENINA: homossexual masculino.

METÁ- METÁ: travesti em fase de transformação; travesti ainda sem seios.

MEU CU!: expressão de desprezo, desconsideração, indiferença.

MIADO: homossexual masculino sem dinheiro.

MICHÊ: homem que se prostitui nas ruas, em local aberto.

MICROFONE: órgão sexual masculino, independente do tamanho.

MOÇA: forma de o homossexual masculino referir-se ao travesti.

MOCÓ: casa; habitação; residência distante do Centro e humilde.

MODELÃO: estilo; figurino; elegância.

MONA: homossexual masculino; inicialmente, os travestis empregavam essa forma de chamamento; posteriormente, os homossexuais masculinos que freqüentam o Arouche passaram a adotar.

MONA DE EQUÊ: travesti; mulher de mentira, falsa.

MONDRONGO: travesti em que o silicone “caiu”; travesti cujo corpo foi deformado pelo silicone.

MONTADA: travestida; bem-vestida; homossexual que tem ou está com dinheiro.

MONTAR: arrumar o pênis para trás, antes de vestir a calcinha.

MONTAR(-SE): produzir-se, vestir-se bem; vestir-se como uma *drag queen*.

MOTORISTA DE CAMINHÃO: homossexual feminina muito masculinizada e que se veste regularmente com roupas masculinas.

NAJA: fofqueira; que causa intriga.

NÃO PERDER O SALTO: não perder a pose; manter-se na linha, apesar das circunstâncias adversas.

NECA: órgão sexual masculino; vocábulo regularmente usado por travestis, mas que vem sendo adotado pelos homossexuais masculinos.

NECA MATCHIM MATCHIM: órgão sexual masculino; pênis pequeno.

NECA ODARA: órgão sexual masculino; pênis grande.

NERVOSA: estado em que fica um homossexual masculino que não encontra um parceiro sexual; vontade de manter relação sexual com alguém que acabou de passar por ele ou de ser visto por ele.

NICAÔ: órgão sexual masculino; pênis grande; vocábulo mais utilizado pelos travestis.

NÓIA: preocupação.

ÓBVIO: independente da idade, homem cujos trejeitos já induzem à orientação homossexual.

OKANI: órgão sexual masculino; vocábulo mais usado pelos travestis.

OPERADA: transexual.

PA – PINTO AMIGO: parceiro sexual regular, freqüente.

PADÊ: cocaína.

PAM – PASSIVA ATÉ A MORTE: homossexual masculino somente passivo.

PARAR TUDO: arrasar; brilhar; chamar a atenção.

PARCEIRO: caso; namorado.

PASSADA: homossexual masculino atordoado; decepcionado.

PASSIVONA: homossexual masculino somente passivo.

PAU: órgão sexual masculino; vocábulo usado por heterossexual que freqüenta o meio GLS; se usado por um homossexual masculino, provavelmente será para agredir; mais utilizado pelos homens heterossexuais.

PEGAÇÃO: contatos homossexuais eventuais, geralmente feitos em saunas, cinemas ou banheiros públicos; local com muitas pessoas, onde é difícil não se encostar em alguém.

PEREBA: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

PESCAR: procurar parceiro sexual na praia.

PICA: órgão sexual masculino; vocábulo muito vulgar; geralmente é empregado por quem freqüenta saunas e cinemas pornô; também é muito usado por heterossexuais.

PICAÇO: órgão sexual masculino; pênis grande, de primeira qualidade; gíria verificada nos Jardins, coincidindo com a exposição de Picasso na Oca.

PINTA: homossexual masculino; deixar transparecer algum sentimento ou interesse.

PINTOSA: independente da idade, homossexual masculino que apresenta menos trejeitos efeminados do que a mancha.

PIRELI: enchimento das nádegas e dos seios do travesti.

PIROCA: órgão sexual masculino; pênis médio.

PIROCÃO: órgão sexual masculino; pênis grande.

PIROQUINHA: órgão sexual masculino; pênis pequeno.

PISAR NA CHAPINHA: ser homossexual masculino, assumido ou não.

PISTA: local de prostituição ou de caça, de procura por parceiro sexual; via pública.

PLUFT: bebida com sonífero.

POCKET: órgão sexual masculino; pênis pequeno; mala pequena.

PODEROSA: homossexual masculino rico ou com dinheiro; Síndrome da ImunoDeficiência Adquirida (AIDS);

PODRE: algo ou alguma coisa ruim.

POPÓ: polícia ou policial.

PROSTI: prostituta ou travesti que ganha a vida nas ruas; forma de chamamento muito pejorativa para a mulher heterossexual.

QUARTEL: local onde se reúnem muitos homossexuais masculinos.

QUATRO LETRINHAS: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

QUEBRAR LOUÇA: relação sexual entre dois homossexuais passivos.

QUEIMAR: falar mal; dar-se mal; decepcionar alguém.

QUER CAUSAR?: chamar a atenção; querer confusão, briga ou discussão; o convidado querer aparecer mais do que o anfitrião.

QUICHUTE: homossexual feminina; forma de chamamento muito pejorativa, normalmente é empregada em discussões entre elas; forma muito ofensiva, podendo causar desentendimentos.

RABO: bunda.

RACHA: mulher; heterossexual feminina; órgão sexual feminino.

RACHADA: mulher; heterossexual feminina; órgão sexual feminino.

RECOLHER PARA O SINDICATO: ser homossexual masculino, assumido ou não.

REDONDO: ânus.

ROÇAR: ato de namoro entre dois homossexuais masculinos.

SABÃO: carícia entre homossexuais masculinos.

SAIR DO SALTO: perder a pose; irritar-se; participar de uma briga ou de uma confusão.

SALIÊNCIA: ousadia.

SANDALINHA: homossexual feminina delicada, sensível, sensual.

SAPA: homossexual feminina comum, sem atrativos, sem muito cuidado com a aparência ou em parecer feminina.

SAPATÃO: homossexual feminina comum, sem atrativos, sem muito cuidado com a aparência ou em parecer feminina.

SARGENTO: homossexual feminina muito masculinizada; forma altamente pejorativa.

SBP – SUPER BICHA POBRE: homossexual masculino mal vestido.

SE JOGAR: ir a algum lugar sem pensar muito; cair de cabeça; inconseqüente.

SELMA: maconha; mais freqüente no Centro.

SILI: silicone usado no enchimento dos seios do travesti; prótese colocada por homossexuais masculinos.

SÓ NO CARÃO: só na pose; metida; produzida, bem-vestida.

SÓ NO SALTO: só na pose; comportamento fino; homossexual elegante.

SÓ TEM DRAGÃO!: local em que predominam pessoas feias ou sem atrativos; não há pessoas interessantes, atraentes, agradáveis.

SUADOURO: sauna homossexual masculina; termas.

TÁ COMEÇANDO AGORA?: sair do armário recentemente; assumir a orientação sexual há pouco tempo.

TÁ GRIPADA!: quem está com o vírus HIV.

TÁ NA VIRACÃO: processo de transformação física do travesti; estar na loucura, nervoso (não necessariamente sob efeito de drogas); estar à procura de parceiro sexual.

TÁ QUERENDO ME MAMAR?: querer acabar com alguém; ser melhor do que outrem; querer humilhar outra pessoa.

TÁ QUERENDO ME TOMBAR?: querer acabar com alguém; ser melhor do que outrem; querer humilhar outra pessoa.

TÁ VIRADO NA COISA RUIM: muito nervoso; querer vingança; estado físico-psicológico alterado por alguma situação ou fato desagradável.

TABA: maconha; mais freqüente nos diálogos com travestis.

TABANAGIRA: fumar maconha.

TAMANCA(S): qualquer calçado; os próprios pés.

TATU: homossexual feminina; forma muito pejorativa, geralmente empregada por travestis.

TÁXI BOY: garoto de programa.

TENDINHA: morar distante do Centro; morar em casa humilde.

TIA: homossexual masculino da terceira idade; também pode indicar o homossexual masculino somente passivo; Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

TÔ LÔCA!: mau humor; muito animada; querer tudo numa noite só.

TÔ PASSADA!: expressão de espanto.

TOMAR UM COIÓ: ser agredido por causa da homossexualidade.

TOMBAÇÃO: frescura; ferveção; animação; confusão; briga; discussão.

TOMBAR: abalar; chamar a atenção; ser melhor do que alguém; estar satisfeito sexualmente.

TOP: homossexual masculino ativo.

TRABALHAR: manter relação sexual.

TRAVA: forma reduzida de travesti.

TRAVAR: tornar-se travesti.

ÚMIDA: estado psicológico de excitação em que fica um homossexual masculino ao ver passar um heterossexual ou um homossexual muito bonito, forte e/ou elegante.

UÓ: feio; horrível; deselegante; desagradável; chato; monótono.

URSO: homossexual masculino peludo e, em geral, gordinho.

VAGABUNDA: homossexual masculino que mantém relação sexual com um sem-número de parceiros.

VEADO: homossexual masculino.

VENENO: intriga; fofoca; maledicência.

VER A NENA: evacuar.

VERSÁTIL: homossexual masculino tanto ativo como passivo.

VIADINHO: homossexual masculino de pouca idade, menor de 18 anos; bicha pobre; homossexual masculino pobre.

VIRAÇÃO: loucura; estado de ânimo alterado; transformação física do travesti.

VIRAR: passar da orientação de heterossexual para homossexual ou vice-versa.

VOCÊ É UMA PESSOA FELIZ?: ser passivo; feliz é “quem dá a rosca”.

XAXÉ: cocaína; mais freqüente nos diálogos com travestis.

XOTÃO: homossexual feminina; órgão sexual feminino; forma muito pejorativa, geralmente empregada por travestis.

ZÉ BOTINA: homossexual feminina; forma de chamamento muito pejorativa.